



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DO AMBIENTE
CONSTRUÍDO

Amanda Pereira Sales Caetano

**TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE CIDADES:
UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE SARAH KUBITSCHKE EM BRASÍLIA**

Belo Horizonte
2019

Amanda Pereira Sales Caetano

**TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE CIDADES:
UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE SARAH KUBITSCHKE EM BRASÍLIA**

Monografia apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais ofertante do curso de Especialização em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade aplicados ao ambiente construído.

Área de concentração: Sustentabilidade

Orientadora: Maria Luiza de Castro

Belo Horizonte
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

C128t

Caetano, Amanda Pereira Sales.

Turismo e desenvolvimento sustentável de cidades [manuscrito] : um estudo de caso do Parque Sarah Kubitschek em Brasília / Amanda Pereira Sales Caetano. - 2019.

102f. : il.

Orientadora: Maria Luiza de Castro.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Turismo Sustentável. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Parques urbanos – Brasília. I. Castro, Maria Luiza de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 380.145



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA - EAUFMG
Rua Paraíba, 697 – Funcionários
30130-140 – Belo Horizonte – MG - Brasil

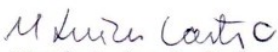
Telefone: (031) 3409-8823

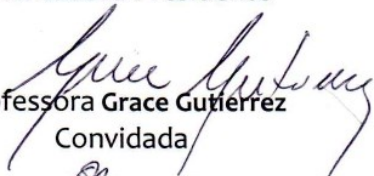
FAX (031) 3409-8822

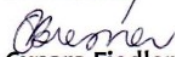
ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO EXAMINADORA DE TRABALHO DE MONOGRAFIA DO ALUNO, COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SISTEMAS TECNOLÓGICOS E SUSTENTABILIDADE APLICADOS AO AMBIENTE CONSTRUÍDO

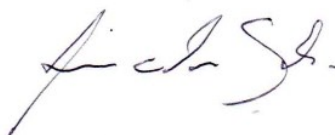
Às 15:00 horas do dia 05 de Julho de 2019, reuniu-se na sala 320-B da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, a Comissão Examinadora composta pela Professora Maria Luiza Almeida Cunha de Castro - Orientadora-Presidente, pela professora Grace Gutierrez, e pela professora Cynara Fiedler Bremer convidadas, designada pela Comissão Coordenadora do Curso de Especialização em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído para avaliação da monografia intitulada **“TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE CIDADES: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE SARAH KUBITSCHKE EM BRASÍLIA”** de autoria da aluna Amanda Pereira Sales Caetano, como requisito final para obtenção do Certificado de Especialista em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído. A citada Comissão examinou o trabalho e, por unanimidade, concluiu que a monografia atende às exigências para a obtenção do Certificado de Conclusão do Curso, atribuindo ao trabalho o conceito A.

Belo Horizonte, 05 de Julho de 2019


Professora **Maria Luiza A. C. de Castro**
Orientadora-Presidente


Professora **Grace Gutierrez**
Convidada


Professora **Cynara Fiedler Bremer**
Convidada



Ao meu querido companheiro Rafael por todo apoio e incentivo
sem os quais esse caminho não poderia ser trilhado.

AGRADECIMENTOS

Esse é um momento gratificante em que olho para trás e sinto um enorme orgulho pelo esforço feito para trilhar o caminho da minha melhora profissional e pessoal. Agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de fazer essa escolha e pelas oportunidades que me fazem crescer e melhorar a cada dia.

Ao meu companheiro, Rafael Bianco, por ser o primeiro a acreditar que daria certo, mesmo quando eu mesma não acreditava. Agradeço por me apoiar e por crescer comigo me dando forças em todas as situações.

Agradeço aos meus irmãos, Vinícius Sales e Juliana Sales, por estarem ao meu lado em mais essa etapa e por serem minha âncora nos momentos de dificuldade e minhas asas nas vitórias do caminho.

Aos meus pais, porque sei, acima de tudo, o quanto torcem por mim e o quanto foram importantes na minha vida, proporcionando os aprendizados necessários para que hoje pudesse dar esse passo.

Com carinho especial, aos meus familiares e amigos que, próximos ou distantes, se fazem presentes na minha vida e que estão ao meu lado me dando incentivo e alegria. Aos novos amigos que fiz durante essa formação, esse caminho não seria o mesmo sem vocês.

Por fim, mas não menos importante, à minha orientadora, Maria Luiza de Castro, pela disposição em me acompanhar na produção desse trabalho e por compreender as condicionantes que foram necessárias para que ele fosse finalizado.

Agradeço a todos de coração!

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país.

Lúcio Costa – Relatório do Plano Piloto

RESUMO

No desenvolvimento das cidades, entre as diversas atividades que motivam mudanças e transformações, destaca-se o turismo, que impulsiona a promoção de projetos de melhorias na busca de maior competitividade no cenário nacional e internacional. Devido ao crescimento desse mercado e com interesse de verificar os impactos da atividade com relação à sustentabilidade de cidades, esse trabalho propõe uma investigação no maior parque urbano da América Latina: o Parque Dona Sarah Kubistchek em Brasília (DF). O espaço é muito significativo para a história de Brasília, e a pesquisa procura avaliar as atividades que lá ocorrem, suas relações com o turismo e com a sustentabilidade local. Nesse sentido, foram utilizadas categorias de análise associadas aos princípios que regem o turismo sustentável em suas dimensões ambientais, socioculturais e econômicas. O trabalho foi de cunho exploratório e qualitativo e incluiu a avaliação da estrutura existente e verificação dos pontos de melhoria capazes de tornar o parque um local de experiências significativas para o turista e para o morador local; um espaço de promoção da qualidade de vida, lazer, integração social e valorização cultural. As estratégias de investigação incluíram a observação, com a aplicação de entrevistas a frequentadores engajados em atividades em diferentes pontos do parque. O resultado das observações e das entrevistas destaca os desejos e necessidades dos usuários, apontando para aspectos a serem melhorados ou implementados tais como: a melhoria da infraestrutura de suporte ao turista; oferecimento de maior variedade de atividades atrativas; implementação de programa de reciclagem e tratamento de resíduos; promoção de eventos culturais e sociais; regularização e ampliação dos pontos de comércio e serviços; entre outros. Acredita-se que esse trabalho seja um incentivo ao desenvolvimento sustentável do Parque Dona Sarah Kubistchek e almeja-se que, por meio dele, outros atrativos turísticos sejam estudados e posteriormente revitalizados a fim de promover a qualidade de vida local, diversidade econômica, proteção ambiental e integração social e cultural.

Palavras-chave: Turismo Sustentável. Desenvolvimento Sustentável. Parques Urbanos. Brasília. Parque Dona Sarah Kubistchek.

ABSTRACT

In the development of cities, among the various activities that motivate changes and transformations, tourism stands out as the driving force for the promotion of improvement projects in the search for greater competitiveness in the national and international scenario. Due to the growth of this market and with interest to verify the impacts of the activity with respect to the sustainability of cities, this work proposes an investigation in the largest urban park in Latin America: Dona Sarah Kubistchek Park in Brasília (DF). The space is very significant for the history of Brasilia, and the research seeks to evaluate the activities that take place there, its relations with tourism and with local sustainability. In this sense, categories of analysis were used, associated with the principles that govern sustainable tourism in its socio-cultural and economic environmental dimensions. The work was an exploratory and qualitative research and included the evaluation of the existing structure and verification of improvement points capable of making the park a place of significant experiences for the tourist and the local resident; a space to promote quality of life, leisure, social integration and cultural valorization. The research strategies included observation, with the application of interviews to participants engaged in activities at different points in the park. The results of the observations and interviews highlight the desires and needs of the users, pointing to aspects to be improved or implemented such as: the improvement of tourist support infrastructure; offering a greater variety of attractive activities; implementation of a recycling and waste treatment program; promotion of cultural and social events; regularization and expansion of points of commerce and services; among others. It is believed that this work is an incentive for the sustainable development of the Dona Sarah Kubistchek Park and it is hoped that other tourism attractions will be studied and later revitalized in order to promote local quality of life, economic diversity, environmental protection and integration social and cultural development.

Key words: Sustainable Tourism. Sustainable development. Urban Parks. Brasília. Dona Sarah Kubistchek Park.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As quatro escalas de Brasília.....	37
Figura 2 – Relação de densidade entre área residencial e bucólica	38
Figura 3 - Cidades Satélites e Distâncias Aproximadas até o Parque Sarah Kubistchek.....	39
Figura 4 – O que vem a sua cabeça quando pensa em Brasília?	42
Figura 5 – Imagem aérea do lado norte do Parque da Cidade	43
Figura 6 – Vista aérea dos lagos artificiais	43
Figura 7 - Acessos e entorno do Parque	44
Figura 8 – Mapa esquemático Parque da Cidade - Estacionamentos.....	45
Figura 9 – Mapa Mental sobre o Turismo no Parque	46
Figura 10 – Mapa Esquemático dos Pontos de Entrevistas	48
Figura 11 - Zoneamento do Parque	48
Figura 12 – Escola da Natureza 1	55
Figura 13 – Escola da Natureza 2	55
Figura 14 – Placa Conscientização Ambiental	56
Figura 15 – Pista de ciclismo e ao fundo caminhada	56
Figura 16 – Momento de Descanso	56
Figura 17 – Lazer com Família em Meio às Árvores	56
Figura 18 – Lixeira Parque Ana Lúcia	57
Figura 19 – Lixeira com Divisão Recicláveis	57
Figura 20 – Coleta de Lixo	57
Figura 21 – Cinturão Verde	57
Figura 22 - Setores Hoteleiros e a distância média até o Parque	58
Figura 23 – Estacionamento em um Domingo	59
Figura 24 – Carros estacionados no gramado	59
Figura 25 – Quiosque de Coco.....	60
Figura 26 – Quiosque de Açaí.....	60
Figura 27 – Quiosque em dia de movimento.....	60
Figura 28 – Ambulantes na entrada do Parque Nicolândia	60
Figura 29 – Conjunto de banheiros com painel de Athos Bulcão	61
Figura 30 – Estrutura central Parque Ana Lúcia – Banheiros e lanchonete.....	61
Figura 31 – Parcão, área de lazer para cachorros	62
Figura 32 – Usuário tocando bateria	62
Figura 33 – Quadras de vôlei de areia	63
Figura 34 – Passeio ciclístico	63
Figura 35 – Pavilhão de Exposições	63
Figura 36 – Foguete Parque Ana Lúcia	63
Figura 37 – Grupos de usuários diversos.....	65
Figura 38 – Reuniões informais.....	65
Figura 39 – Proposta de museu no Parque da Cidade	66
Figura 40 – Área de vegetação sem atividades	67
Figura 41 – Policiamento montado.....	67
Figura 42 – Praça das Fontes	67
Figura 43 – Parque Castelinho.....	67
Figura 44 – Iluminação noturna em estacionamento.....	68
Figura 45 – Parque no entardecer.....	68
Figura 46 – Ambulantes próximo ao evento Fun Festival (jun/2019)	69
Figura 47 – Comércio dentro do evento Fun Festival (jun/2019).....	69

Figura 48 - Área Interna Fuun Festival	69
Figura 49 - Área Interna Fuun Festival	69
Figura 50 – Parque Nicolândia	71
Figura 51 – Pista de Kart – Carreira Kart	71
Figura 52 – Antigo pesque e pague	72
Figura 53 – Áreas de contemplação.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Compilação de diretrizes de análise ambiental desenvolvida pela autora.	
.....	50
Tabela 2 – Compilação de diretrizes de análise sociocultural desenvolvida pela	
autora.	52
Tabela 3 – Compilação de diretrizes de análise econômica desenvolvida pela autora.	
.....	53

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	TURISMO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	16
2.1.	O Turismo Sustentável	19
2.2.	Os Impactos do Turismo	22
2.3.	O Desenvolvimento Econômico	23
2.4.	O Desenvolvimento Sociocultural	25
2.5.	O Desenvolvimento Ambiental	27
3.	O TURISMO, A CIDADE E OS PARQUES URBANOS	29
4.	ESTUDO DE CASO – PARQUE DONA SARAH KUBITSCHEK.....	34
4.1.	Breve História de Brasília e suas Características Turísticas	34
4.1.1.	Plano de Turismo em Brasília	40
4.2.	O Parque	42
4.3.	Ferramentas e Métodos.....	46
4.3.1.	Aspectos Ambientais – Critérios para avaliação de impactos.....	49
4.3.2.	Aspectos Socioculturais – Critérios para avaliação de impactos	51
4.3.3.	Aspectos Econômicos – Critérios para avaliação de impactos.....	52
4.4.	Avaliação dos Aspectos de Sustentabilidade do Parque da Cidade	53
4.4.1.	Aspectos Ambientais.....	54
4.4.2.	Aspectos Socioculturais	61
4.4.3.	Aspectos Econômicos.....	68
4.5.	Considerações Finais Quanto aos Quesitos Principais	72
5.	CONCLUSÃO	76

1. INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos, o crescimento dos centros urbanos e a modernização dos meios de comunicação e transporte alteraram de forma significativa o estilo de vida da sociedade atual. Nesse contexto, o indivíduo que vive em um ciclo de trabalho, de agitação e de estresse, se mobiliza para que, em seus momentos de lazer e férias, possa deixar tudo para trás e apreciar paisagens e culturas diferentes daquelas de seu cotidiano (BACAL et. al., 2007).

Em contrapartida, quanto maior o índice de visitas turísticas, maior é a necessidade de proteção e cuidado com os ambientes receptores, os quais se tornam extremamente sensíveis quando se trata do grande fluxo de pessoas. Nesses casos, o planejamento dos espaços, equipamentos e atividades se torna essencial para estabelecer limites e proteger os patrimônios locais (RUSCHMANN, 1997).

Além disso, a sobrecarga gerada sobre os recursos e infraestrutura dessas cidades tem gerado a necessidade de estabelecer diretrizes que visem ao desenvolvimento turístico mantendo a integridade social e econômica, além da manutenção e conservação do patrimônio natural, construído e cultural (COOPER et al. *apud* RODRIGUES et al., 2014)

Atualmente, o turismo representa, para algumas cidades, o despertar da economia e a vinda de investimentos externos que geram mais oportunidades de emprego, valorização da cultura local e envolvimento da população na preservação do meio englobando dimensões econômicas, sociais e culturais (RODRIGUES et al., 2014). Do ponto de vista urbano, é fundamental e indispensável se pensar em como a cidade desenvolverá o turismo e como irá explorar seus atrativos naturais em harmonia com metas de sustentabilidade.

Um dos casos mais emblemáticos no que concerne a este debate, talvez seja a própria cidade de Brasília, capital do País. Destaque do movimento modernista, a cidade foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Mundial e como Cidade Criativa do Design. Apesar de sua monumentalidade, o turismo continua sendo ainda pouco explorado na

capital. Faz-se, então, necessário, para o desenvolvimento do potencial turístico local, possibilitar vivências e maior contato com a cultura, arte, gastronomia e eventos locais.

Nesse sentido, acredita-se que o foco deve ser a promoção da cidade de forma sustentável, gerando maior qualidade de vida para a comunidade, diversidade econômica, oportunidades de emprego, valorização da cultura e arte locais, atendendo às demandas do mercado e gerando maior senso de pertencimento para a população local, valorização e visibilidade turística nacional e internacional (BRASIL, 2016). É por meio da valorização de Brasília pelos seus moradores e visitantes que será possível sua conservação além do desenvolvimento das funções cotidianas e das aspirações futuras.

Um lugar que se destaca na conjuntura local, por suas características intrínsecas e pelo potencial de promover a sustentabilidade, é o Parque Sarah Kubistchek – Parque da Cidade. Elemento da escala bucólica de Brasília, localizado no coração da cidade, ele tem papel fundamental na preservação do conjunto urbanístico e na qualidade de vida dos moradores. Trata-se de um espaço que representa o campo na cidade e que, mais que um elemento na paisagem de Brasília, é a harmonia e ritmo da urbe. (BOTELLO, 2009).

Nesse tocante, o trabalho proposto realiza um estudo de caso sobre o Parque Sarah Kubistchek – Parque da Cidade, com o objetivo de fazer uma investigação exploratória sobre seu atrativo turístico de acordo com diretrizes de sustentabilidade e seu potencial de melhoria ambiental, sociocultural e econômica para a população local através do fomento ao turismo. Os objetivos específicos incluem: apresentar as características do turismo contemporâneo e sua influência na sustentabilidade de cidades; enumerar os impactos positivos e negativos do turismo com relação à sustentabilidade urbana; discutir sobre os parques urbanos e sua influência nas cidades; refletir sobre Brasília como destino turístico e sobre o impacto de sua história no incentivo ao turismo e na manutenção e sustentabilidade dos seus atrativos; avaliar o atrativo Parque Sarah Kubistchek – Parque da Cidade expondo as diretrizes utilizadas atualmente para favorecer o turismo; e verificar se essas diretrizes influenciam positivamente o crescimento sustentável local.

O intuito, por trás desse estudo de caso, é refletir sobre o papel do turismo no desenvolvimento de atrativos turísticos e na busca por cidades mais sustentáveis, verificando o quanto o incentivo ao turismo sustentável pode contribuir para a valorização e desenvolvimento da infraestrutura da cidade e qualidade de vida dos moradores.

O estudo de caso é baseado na avaliação de pontos relacionados com os pilares de sustentabilidade e com o turismo sustentável definidos pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003), por Ruschmann (2005) e por Lohmann e Panosso Netto (2011).

Em última instância, busca-se contribuir com diretrizes e identificação de pontos a serem geridos para que o fomento ao turismo seja um instrumento de incentivo ao desenvolvimento ambiental, sociocultural e econômico, promovendo a valorização local e despertando para a importância do uso consciente dos bens comuns para a preservação futura.

Nesse contexto, acredita-se que essa pesquisa tenha relevância pela urgência de providências relativas a essa temática, tanto para a área de turismo, quanto para as cidades, sobretudo dentro de uma conjuntura de realidade Brasileira em que o turismo é desenvolvido muitas vezes dissociado da cidade. O turismo como atividade mobilizadora do lazer, negócios, serviços, cultura e desenvolvimento deve ser planejado com foco no crescimento sustentável da cidade e da comunidade que nela vive. As diretrizes de turismo sustentável e a investigação dos impactos positivos e negativos do turismo serão utilizadas como norteadoras para avaliação do parque mencionado, buscando-se seu retrato como ponto turístico sob a luz da sustentabilidade na visão do usuário local e do visitante.

Assim, foi investigada a existência ou não de estruturas e soluções que valorizam estratégias de promoção dos aspectos socioculturais, ambientais e econômicos. De tal modo, foi avaliada a qualidade do espaço público de lazer e investigada a forma pela qual a busca pela melhoria de infraestrutura, por meio de políticas de incentivo ao turismo, que pode se tornar um recurso de incentivo às práticas mais sustentáveis de manutenção do espaço urbano e do bem-estar da população.

O trabalho foi estruturado a partir de duas etapas distintas. A primeira delas parte do levantamento de referencial teórico e dados por meio de pesquisa bibliográfica. Esses procedimentos incluem o levantamento e revisão de literatura e análise documental de peças importantes como: o Plano de Turismo Criativo de Brasília (BRASIL, 2016) e a Pesquisa de Perfil e Satisfação do Turista (Governo do Distrito Federal, 2018), além do Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (Governo do Distrito Federal, 2014).

A segunda etapa se organiza em torno da pesquisa de campo com avaliação qualitativa do Parque, de acordo com os princípios de turismo sustentável. Os métodos adotados incluíram a pesquisa documental e a observação direta do espaço e sua apropriação, integrada com entrevistas semiestruturadas com moradores e turistas. A partir da observação, foram identificados diferentes setores do parque a partir da definição de suas características intrínsecas: a área norte, com setor administrativo e parque de diversões; a área central com a zona do lago e espaços para feiras, shows e programas culturais e a área sul, com estruturas para churrasco, piquenique e eventos. As estruturas para prática de esportes se distribuem por toda a área do parque. Também foi possível identificar diferentes categorias de usuários de acordo com o objetivo do passeio, dentre eles: esportistas, grupos de famílias e amigos, visitantes para contato com a natureza e contemplação, frequentadores de congressos, eventos, shows e turistas. As entrevistas foram realizadas com uma amostragem de conveniência de 20 pessoas, selecionadas com o objetivo de ter respondentes engajados em diferentes atividades em diversos pontos do parque.

Busca-se, dessa forma, a reflexão da importância do fomento ao turismo como ferramenta para desenvolvimento de cidades sustentáveis por intermédio dos aspectos que nessa pesquisa procurou-se avaliar.

2. TURISMO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O estilo e ritmo de vida da sociedade atual impõem uma certa “pressão” sobre o indivíduo que vive no meio urbano diariamente. Além disso, o estresse, a poluição, o barulho, a necessidade de competição constante e a insegurança provocam alterações no comportamento das pessoas que, cada dia mais, têm dificuldade de permanecer estáveis sob tais condições. Com base nessa realidade, atividades como o turismo têm sido cada vez mais almejadas pela possibilidade de “fuga da realidade e busca de qualidade de vida” (BACAL *et. al.*,2007).

Para definição do turismo e identificação clara do conceito, convém a apresentação de diferentes perspectivas complementares. Segundo Beni (1997), a existência prévia do fenômeno turístico é o que possibilita o surgimento da atividade do turismo. O surgimento natural dessa atividade está também relacionado a um somatório de sistemas que a definem e determinam. Nesse caso, o turismo é a combinação de vários fatores, como: recursos naturais, culturais, sociais e econômicos.

Seguindo a mesma premissa de preexistência turística, Bacal *et. al.* (2007) ressaltam que, com o desenvolvimento dos sistemas de transporte, cresce a possibilidade de acesso das pessoas à atividade do turismo, a qual muda de escala e é democratizada. Na década de 1960, o aparecimento de voos fretados e o aumento de rendimentos da classe média foram fatores que possibilitaram a expansão do turismo o qual anteriormente era praticado em grande parte pela elite. A viabilização de viagens transforma o turismo em um produto de consumo expressivo tornando-se significativo nas economias de muitos países e regiões que se especializam nessa atividade (BACAL *et. al.*,2007).

Seguindo a mesma premissa, Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 23) definem que o turismo é “a soma de fenômenos e relações originados da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas (...)”. Dessa forma a atividade, enquanto experiência, é relacionada diretamente com as características locais que abrangem as estruturas físicas e as prestações de serviço.

Lapierre e Hayes (1994 *apud* LOHMANN E PANOSSO, 2012), buscando evitar conotações diferentes para o termo “turismo”, utilizam o conceito internacional definido pela Organização Mundial do Turismo:

O turismo compreende as atividades de pessoas viajando e permanecendo fora de seu ambiente habitual por não mais que um ano consecutivo para lazer, negócios e outros propósitos não relacionados com o exercício de atividades remuneradas no local; consequentemente o visitante é o núcleo do turismo e o que o faz existir (WTO et al., 2001, p.36, tradução nossa)¹

Em vista do exposto, pode-se perceber que as definições de turismo são numerosas e, apesar de não representarem um consenso, percebe-se que elas partem de focos diferentes de pesquisa e são complementares. Nesse tocante, diante do objetivo do presente estudo, o conceito de turismo será definido com foco principal na relação da atividade com a cidade. Na relação turismo e cidade, é importante a observação destes fatores: recursos naturais, culturais, sociais e econômicos (BENI, 1997) e de grande relevância são os impactos originados da interação de turistas e ambiente visitado (GOELDNER, RITCHIE E MCINTOSH, 2002). Completando, com a definição de Bessa e Álvares (2014, p. 23), “o turismo é dependente dos territórios e seus atrativos (...) Para tanto, os planejadores dos projetos turísticos constroem paisagens, valendo-se do paisagismo, do urbanismo e da arquitetura”.

Para o viajante são inúmeros os motivadores para escolha do destino, principalmente no turismo de lazer. A partir dessas preferências, existem várias maneiras de classificação do turista, desenvolvidas por diversos autores. Visando à proximidade com os fatores geográficos e de desenvolvimento urbano, será utilizada a definição de Gray B. (1970 *apud* LOHMANN E PANOSSO, 2012). Segundo Gray, os propósitos principais para uma viagem são: o prazer pelo sol e o prazer da peregrinação (“sunlust” / “wanderlust”). As pessoas que buscam o prazer do sol voltam-se para o conforto e descanso, de preferência em ambientes mais naturais e com interação com a paisagem. No prazer da peregrinação, o indivíduo privilegia o encontro, cultura, história, artesanato e aproximação de novas pessoas, bem como

¹ Tourism comprises the activities of persons travelling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes not related to the exercise of an activity remunerated from within the place visited; consequently, the visitor is the core of tourism that makes it exist (texto original).

contato com outros cotidianos, em ambientes urbanos nos quais possa ter novas experiências.

Independentemente do motivo, o aumento do número de viagens nacionais e internacionais beneficia muitos países e cidades em desenvolvimento. Cidades com atrativos naturais como praias, campos e montanhas são locais de atrativo turístico em que é facilitada a oferta de mão de obra e em que se nota maior disposição do governo para fazer concessões em prol da manutenção da economia local (BACAL et. al.,2007).

A lógica do consumo do turismo está associada a uma mudança de visão do consumidor. Urry (2001, *apud* VARGAS, 2016) descreve como “consumo pós-fordista” o tipo de consumo que se estabelece em um período pós-industrial no qual o consumidor dá valor a um produto diferenciado e específico, que supre a necessidade do momento de forma especializada e de produção “não massiva”. Essa mudança no consumo de produtos e serviços converte tudo à condição de mercadoria, incluindo serviços, produtos e espaços. Tudo é comercializável, inclusive cidades, serviços e experiências. Para Bessa e Álvares (2014), esse é um período em que ocorrem mudanças vindas da necessidade de expansão física dos espaços de turismo. Grandes cidades no mundo empreendem nesse momento, investindo no espaço urbano e social com objetivo de se venderem em um mercado global.

Atualmente, as atividades de lazer turístico continuam sendo atrativas na venda de cidades como destinos, mas têm um forte propósito quando possibilitam que a quantidade crescente de turistas conheça novos lugares, novas culturas e novas pessoas, o que expande seu universo cognitivo e desperta sentimento de bem-estar e satisfação. O turismo, dessa forma, ganha força pelo benefício que traz ao viajante e pela possibilidade de crescimento econômico das cidades que não possuem vocação industrial, mas que têm abundância em atrativos naturais e culturais (BACAL, 2007). Em conjunto, existem outras cidades que, ao promoverem grandes eventos ou quando se desenvolvem buscando a oferta de atrações diferenciadas como gastronomia, diversão ou compras, alcançam o desenvolvimento do turismo e desenvolvimento econômico da região (VARGAS, 2016).

Por essas razões, muitas regiões periféricas com vocação turística começam a vislumbrar no turismo a panaceia para todos os seus

males, como a atividade que proporciona crescimento econômico, possibilita o desenvolvimento social, cria alternativas de emprego para mão de obra inativa e não qualificada, gera distribuição de renda e traz melhorias e reconhecimento para a localidade, entre outros. (BACAL et. al., 2007, p.178 e 179)

2.1. O Turismo Sustentável

Na raiz do conceito de “desenvolvimento sustentável”, tem-se a definição consagrada no Relatório Brundtland, apresentado pela UN – *World Commission On Environment and Development*, em que o desenvolvimento sustentável é aquele “que satisfaz as necessidades da presente geração sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1987 *apud* PIGRAM; WAHAB, 1997, p.3).

O relatório foi uma formalização do que se iniciou 15 anos antes na Conferência de Estocolmo, em 1972. Desde então, foram promovidas uma série de iniciativas relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento em que são estabelecidas diretrizes que norteiam a promoção da sustentabilidade. Na compreensão da sustentabilidade, a busca por atender aos aspectos ambientais, sociais e econômicos representa o tripé fundamental. De maneira macro, a proposição de estratégias e tecnologias baseadas nas três dimensões caminha no sentido do desenvolvimento com sustentabilidade: são os pilares que satisfazem o conceito (DECLARAÇÃO, 1972).

O conceito de “desenvolvimento sustentável” foi definitivamente incorporado como princípio durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Cúpula da Terra de 1992 realizada no Rio de Janeiro. Ressaltando mais uma vez a relação “homem e meio ambiente”, a conferência foi base para elaboração da Agenda 21, documento para proteção ambiental e desenvolvimento econômico no qual 170 países se comprometeram com um conjunto de metas na busca do desenvolvimento sustentável (SILVA, 2011).

Para verificar o progresso após implementação da Agenda 21, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou uma conferência mundial em Joanesburgo no ano de 2002. Na Declaração gerada – Das Nossas Origens ao Futuro – avalia-se os compromissos encetados há 30 anos na Conferência de Estocolmo e reconhece-se a necessidade de reafirmação dos princípios estabelecidos no Rio para alcançar o

desenvolvimento social e econômico. O fortalecimento e avanço dos “pilares interdependentes e que se sustentam mutuamente do desenvolvimento sustentável” foi um dos compromissos assumidos e reafirmados na convenção. Os pilares são o “desenvolvimento sustentável, desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental, nos âmbitos: nacional, regional e global” (DECLARAÇÃO..., [2002?], p.1).

Esses critérios de sustentabilidade vêm sendo discutidos e atualizados em várias publicações e discussões junto ao conceito de sustentabilidade. Entende-se que o mais viável é a criação de metas sustentáveis para cada região, país, empresa etc., entendendo que serão mais sustentáveis e efetivas as diretrizes que forem baseadas na realidade local (FEIL E SCHREIBER, 2019).

Para Sachs (2002), o conceito de sustentabilidade ambiental é definido a partir de dimensões que são provenientes dos pilares sustentáveis. São elas a sustentabilidade social, sustentabilidade cultural, sustentabilidade do meio ambiente, distribuição territorial equilibrada, sustentabilidade econômica, sustentabilidade política e sustentabilidade do sistema internacional para manter a paz.

Quer seja denominada *ecodesenvolvimento* ou desenvolvimento sustentável, a abordagem fundamentada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos não se alterou desde o encontro do Rio de Janeiro, e acredito que ainda é válida, na recomendação da utilização dos oito critérios distintos de sustentabilidade parcial. (SACHS, 2002, p.54)

O desenvolvimento sustentável e a preservação ambiental e cultural são pontos críticos e básicos dentro do conceito de crescimento sustentável do turismo. Esses assuntos têm tido cada vez mais significado na indústria do turística. Com o despertar internacional para as questões de sustentabilidade na década de 1990, no contexto do turismo, surgem perguntas que buscam explorar os limites da sustentabilidade: O turismo pode crescer de uma maneira sustentável? A expansão do turismo sem a preocupação com o meio ambiente pode causar sua própria destruição? (PIGRAM; WAHAB, 1997).

Com esses questionamentos, principalmente após a década de 1950, surgem pesquisas relacionadas aos impactos que a atividade origina. Segundo Lohmann e Panosso Netto (2011, p.206), os “impactos do turismo são as mudanças que ocorrem

como consequência da atividade turística”. Este conceito é exemplificado por Vargas (2016) que discorre sobre problemas locais principalmente em cidades em que o contingente de turistas ao ano chega a extrapolar o número de habitantes. Nesse caso, o estrangeiro disputa espaço com os locais e interfere no cotidiano da população.

Na análise de Beni (1997), o conjunto das relações ambientais do turismo inclui os subsistemas ecológico econômico, social e cultural como fatores determinantes para seu funcionamento. Dessa forma, as possibilidades de crescimento do setor estão atreladas a um crescimento qualitativo em cada um desses aspectos, um processo contínuo de colaboração com o meio circundante.

De acordo com Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002), os avanços no turismo devem contribuir para que ele assuma um importante papel dentro da sustentabilidade devido a sua força econômica. “Aprimorar o meio ambiente, prover fundos para sua conservação, preservar cultura e história, estabelecer limites sustentáveis de utilização e proteger atrações naturais” (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p. 356) são alguns dos pontos que, para os autores, o turismo tem o poder de aprimorar ou piorar. Essa piora pode ser decorrente de problemas gerados pela superpopulação, destruição de vegetação, problemas de habitação e esgoto e outros quesitos que ignoram as necessidades e estrutura da comunidade receptora.

Respondendo às questões lançadas por Pigram e Wahab (1997), Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) defendem que o desenvolvimento verdadeiramente sustentável dos destinos é também de responsabilidade do turismo, mesmo porque, com a eventual destruição desses recursos, segmentos inteiros do setor, além de destinações atuais e futuras, estarão propensos ao desaparecimento.

Na mesma linha de pensamento, Valls (2006) considera como ponto de partida e origem das experiências – que constituem a matéria prima do turismo – os recursos naturais e patrimoniais. Como elementos indispensáveis para a atividade, esses recursos são estruturas da atividade que, uma vez combinados e complementados, devidamente distinguem o destino turístico do “não ser turístico”. Nesse caso a manutenção e conservação dos recursos naturais e patrimoniais são implicações para a existência do turismo. (VALLS, 2006, p.41).

A avaliação das consequências do turismo deve ser investigada nos aspectos positivos e negativos. Em um mesmo cenário, a cidade sofre uma agressão pela grande quantidade de visitantes, no entanto, o turismo é a fonte de capital que financia estruturas de lazer, cultura e infraestrutura e, sem esse recurso, a população local não teria meios de se sustentar (VARGAS, 2016). Assim, é importante definir uma linha de ação para que a agressão seja minimizada e os benefícios maximizados.

2.2. Os Impactos do Turismo

Como em todo processo de natureza humana, qualquer ação gera reações positivas ou negativas, previstas ou não; e, dentro do campo do turismo, não é diferente. A intensidade dos impactos do turismo pode ser percebida em vários níveis, desde o local até o internacional e, somada à dinâmica da atividade, surge a necessidade de monitoramento com intuito de evitar comprometimento na qualidade de vida da população e da atratividade turística.

Segundo Kadt (1979, *apud* BACAL et. al., 2007), “não há dúvida de que esses efeitos advindos do turismo são reais” (p.179), no entanto, por meio do conhecimento dos custos de implantação e consequências sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais e psicológicas, é possível a prática do desenvolvimento sustentável do turismo. Os impactos negativos do turismo só serão mitigados por meio de um planejamento turístico que se baseie em todas essas variantes e busque a sustentabilidade ambiental, socioeconômica e sociocultural.

(...) o desconhecimento dos custos sociais dessa nova realidade pode frustrar as expectativas, com consequências perversas tanto social quanto culturalmente, assim como para a preservação do meio ambiente. O desenvolvimento deixou de concentrar-se apenas na busca do máximo de lucros com o mínimo de investimentos para voltar-se também contra a destruição dos recursos naturais. Atualmente, defende-se um crescimento que considere a necessidade de realizar um trabalho que conscientize as pessoas da importância de proteger o meio ambiente. Portanto, um dos grandes problemas que se impõem ao turismo é como alcançar os objetivos de crescimento econômico e desenvolvimento social, com a maximização de benefícios e minimização de custos. (KADT, 1979, *apud* BACAL et. al., 2007, p.179)

O gerenciamento do turismo é imperativo e por meio de estudos da cidade e da população podem ser traçadas metas de planejamento e gestão urbana que busquem, sim, dinamizar a economia, mas também a preservação do ambiente natural, a conservação de costumes e culturas, a relação sadia entre turistas e locais,

de forma que os moradores possam ser os maiores beneficiados de uma infraestrutura muitas vezes financiada graças ao turismo (VARGAS, 2016).

Observa-se que o turismo pode contribuir para a sustentabilidade, desde que hajam políticas públicas direcionadas ao seu planejamento e seu acompanhamento, seja no âmbito econômico, sob a forma de divisas e impostos para as localidades receptoras, seja no contexto ambiental, desde que ocorram ações voltadas à proteção dos atrativos naturais e culturais das localidades. Ainda sob o aspecto da sustentabilidade social, políticas públicas voltadas a ações de inclusão profissional das comunidades locais geram trabalho e renda. Os impactos causados pelo turismo estão vinculados às condições gerais da região e à natureza das modificações sociais e econômicas. (BACAL et. al., 2007, p.180)

Em busca de uma síntese dos aspectos avaliados por autores diversos optou-se por classificar os impactos em três categorias de acordo com os pilares definidos para sustentabilidade:

- **Desenvolvimento Econômico:** aspectos relacionados à economia, políticas nacionais, territoriais e internacionais;
- **Desenvolvimento Sociocultural:** relacionado ao desenvolvimento social, cultural, experiências, fatores psicológicos e relevância para a população;
- **Desenvolvimento Ambiental:** fatores ambientais, ecológicos e relacionados diretamente com o meio ambiente natural.

Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) afirmam que essas premissas do desenvolvimento sustentável não são algo novo, porém, com o aumento na população de uma ideologia ambiental que busca pela redução de impactos, qualquer ideia ou tentativa de impedir esse tipo de progresso tem poucas chances de ser aceita.

2.3. O Desenvolvimento Econômico

Para Ruschmann (2005), os impactos do turismo fazem parte de um processo de mudança que não é específico ou pontual. Avaliar essas modificações e associá-las ao turismo dissociando de outras intervenções é uma tarefa difícil em vários aspectos. Apesar disso, o impacto econômico, em qualquer localidade receptora, é mais fácil de ser mensurado devido aos seus componentes tangíveis e dados objetivos.

“O turismo move-se na esfera do econômico” (BENI, 1997, p.65). Com essa afirmação, Beni destaca a importância do aspecto econômico sobre a atividade do turismo. Para ele, esse é um fator condicionante permanente na evolução do turismo. Mesmo com as variáveis sociais e ambientais determinantes na escolha do destino e na atratividade do local, o turista sempre é obrigado a se voltar para a situação econômica. Da mesma forma, as repercussões econômicas na cadeia produtiva, geração de empregos e renda são alguns dos efeitos multiplicadores de investimentos e de impacto sobre a economia das cidades. (BENI, 1997)

O impacto econômico – influência no mercado e oferta de empregos – desperta o interesse político e empresarial, gera redistribuição de riquezas, melhorias de infraestrutura e diversificação da economia local. No entanto, pode ser também um influenciador de impactos negativos como: especulação imobiliária, pressão inflacionária, exploração de mão de obra e dependência econômica (LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011).

A economia dinamizadora do desenvolvimento sustentável no turismo impulsiona medidas para diminuir desequilíbrios sociais e ambientais pela rentabilidade alcançada no longo prazo. Atualmente busca-se o melhor modelo possível para melhorias de experiências e recuperação de patrimônio e territórios devido ao crescimento constante da rentabilidade dos negócios e maiores margens de benefício. No entanto a maior rentabilidade no curto e médio prazo ainda pesa sobre as decisões com relação à aplicação ou não de estratégias sustentáveis. Nesse caso, outra contradição é a busca pelo crescimento da oferta turística como fator base para o sucesso do ramo, muitas vezes visando ao lucro do hoje, sem olhar para o amanhã (VALLS, 2006)

(...) agora se invoca a sustentabilidade, o sal que se adiciona tudo, a *commodity* da boa consciência (...). É uma flagrante contradição invocar a sustentabilidade como filosofia de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, crescer ininterruptamente. (VALLS, 2006, p.54)

O turismo ainda está diretamente relacionado ao poder público, o qual tem poder para tomada de decisões políticas e que, de certa forma, impõe um modo de pensar e de desenvolver o turismo. Nesse caso, o impacto vem dos conflitos políticos, decisões que podem impactar áreas de cunho ambiental e sociocultural. A possível apropriação de um discurso em favor do desenvolvimento turístico pode acobertar

benefícios em favor de particulares e grupos específicos (LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011). Nesse caso, a elaboração de leis de diretrizes de crescimento do turismo e melhorias de infraestrutura que atendam a demanda devem ser guiada por equipes técnicas multidisciplinares evitando o favorecimento ilícito.

Quando se ressaltam os pontos positivos gerados pelo turismo em cidades onde a economia é frágil e que estão fora de um polo industrial, muitas vezes se observa que as concessões, em razão da economia local, são feitas em detrimento de aspectos ambientais e sociais. Quais as medidas que devem ser tomadas para maximizar o crescimento econômico em equilíbrio com a qualidade de vida da população e com a preservação ambiental?

2.4. O Desenvolvimento Sociocultural

O crescente processo de globalização faz emergir uma sociedade que evolui para uma internacionalização de aspectos políticos, econômicos, culturais, ecológicos e até religiosos na busca de transpor barreiras. Essa mudança social, gerada graças à exposição cotidiana às facilidades modernas como a televisão e a internet, gera uma integração de interesses e desenraizamento social e cultural, levando as pessoas a se inserir e participar de atividades com valor para os grupos sociais que ela frequenta. Os novos referenciais envolvem a valorização de experiências muitas vezes diferentes dos próprios valores do turista, que busca se inserir no mundo (BENI, 1997).

Para Bacal et. al. (2007), existe uma dificuldade em avaliar atualmente o poder do turismo sobre os usos, costumes e até mesmo sobre ambientes. Hoje, a grande influência dos meios de comunicação impossibilita que se saiba com clareza se as alterações de cultura derivam do contato com o turista ou das mídias sociais e da nova visão de mundo por meio da internet.

O impacto do turismo sobre a sociedade advém principalmente das relações entre visitantes e visitados. De acordo com Lohmann e Panosso Netto (2011), o impacto é em função, principalmente, das características sociais dos turistas em confronto com a cultura local. Os padrões gerais que podem ser avaliados são a repulsa e aceitação da comunidade com relação ao turismo.

Para Vargas (2016), o aumento de pessoas em locais públicos e festivos interfere no cotidiano da comunidade o que pode, de certa forma, contribuir para a repulsa ao turista. Nesse caso, ao mesmo tempo em que existe uma situação que agride a cidade, há também a possibilidade de financiamento de estruturas de cultura e lazer. Para Lohmann e Panosso Netto (2011), daí advêm os impactos positivos, como a melhoria do bem-estar da população derivada das melhorias na infraestrutura básica das cidades e da mobilidade social proporcionada pelo turismo. Além disso, a possibilidade de interagir socialmente é um incremento para o local que aumenta sua perspectiva de mundo, tem novos contatos culturais e é estimulado a ter uma consciência nacional, desenvolvendo a criatividade. Ademais, por meio do desenvolvimento econômico, pode-se ter novas perspectivas sociais, que antes não eram possíveis.

Devemos também admitir que o turismo não pode sustentar comunidades por si só, embora ele possa proporcionar empregos renda e contato social (...). Ele também pode ajudar a dar às pessoas um senso de orgulho de uma comunidade. Porém, não pode, ou melhor, não deve, dar emprego a todos, se não a comunidade poderá limitar-se a uma única indústria, ou tornar-se um povoado fossilizado. (SWARBROOKE, 2000b, p.65)

Com relação ao turismo e à cultura, em alguns casos, para atender às necessidades do turista, o anfitrião tende a alterar seus costumes, linguagens e identidade. São impactos culturais a mudança no modo de falar ou uso de expressões estrangeiras para “valorização” pessoal e a invenção de pseudofestas e modos de viver para atrair e satisfazer a curiosidade de turistas, mesmo que seja refletindo uma cultura inventada (LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011).

A dificuldade de se colocar uma delimitação entre os impactos sociais e culturais é um fator que, para Ruschmann (2005), deve aprofundar o estudo do real interesse dos turistas e moradores locais na integração sociocultural. Um visitante ingressa realmente na cultura local? Para Jost Krippendorf (1989, *apud* RUSCHMANN, 2005, p. 46) “A integração dos visitantes com as comunidades dos locais visitados parte de uma boa intenção, mas não é realizável e, no fundo, também não é desejável.” Da mesma forma que ocorre o impacto de culturas sobre outras culturas, existe também o impacto de diferentes culturas nas cidades visitadas.

É impossível desconsiderar a cultura como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas. Entretanto, o desejo de conhecer os

modos de vida de outros povos nem sempre vem acompanhado do devido respeito, da devida consciência do valor e do legítimo interesse por parte dos visitantes. (RUSCHMANN, 2005, p. 50)

Como pré-requisito para avaliação desse impacto, a pergunta crucial é “sustentabilidade para quem?” (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p. 360). As discussões sociais e culturais devem estar associadas ao bem-estar e estabilidade da comunidade e visitantes. O objetivo deve ser o equilíbrio entre os sistemas econômico, social, cultural e ambiental, buscando a compatibilidade das diretrizes com os valores e características locais.

2.5. O Desenvolvimento Ambiental

Quando se imagina o desenvolvimento das cidades para atenção às demandas do turismo e se fala em impactos, uma das maiores preocupações e exemplos dos problemas gerados pelo turismo está no meio ambiente (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2011). Para Ruschmann (2005) os impactos devem ser entendidos como um processo complexo devido à origem não ser única e específica. Deve-se observar que as consequências do turismo não podem ser avaliadas independentemente dos impactos causados pela comunidade local. Muitas vezes a atividade do turismo em uma cidade já acontece a tanto tempo que é difícil fazer uma projeção de como seria a degradação ambiental sem os impactos da atividade. Da mesma forma não há como prever quais alterações naturais seriam normais e inevitáveis, mesmo sem a ação do homem, como processos da natureza.

“À medida que o turismo avança para o século XXI, os empreendimentos terão que fazer do meio ambiente, uma prioridade” (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.356). Com essa afirmação Goeldner, Ritchie e McIntosh ressaltam que o fator ambiental é o foco do produto turístico e que os projetos economicamente viáveis, porém com falhas relacionadas ao fator ambiental, não serão implementados.

Em muitos momentos, a necessidade de crescimento e o vislumbre das possibilidades econômicas, acabam por negligenciar os fatores ambientais. Como ressalta Beni (1997, p.52):

(...) a manutenção de certos interesses econômicos em detrimento dos ecológicos, esquecendo-se de que ambos trazem o prefixo eco, e que cuidar do econômico não implica necessariamente proteger o ecológico; no entanto, cuidar desse significa beneficiar aquele a médio e longo prazos.

Mesmo não sendo possível estimar o nível de impacto do turismo sobre o meio ambiente, o fato de o setor ser dependente de um ambiente natural equilibrado e atrativo estimula a crescente preocupação com as questões ambientais. Essa ideia se ratifica com a declaração da *World Travel Tourism Council* – WTTC que, ao falar sobre as ameaças ao turismo com relação ao meio ambiente, salienta:

(...) mesmo nos lugares onde o objetivo básico do turista não é ver a vida selvagem, essa oportunidade, uma vez ou outra durante a viagem, pode influenciar a escolha da destinação. (...) Além de ser o maior setor do mundo o turismo talvez tenha o incentivo mais poderoso para garantir um ambiente limpo e saudável. Pelo menos para as viagens de lazer, as visitas são feitas por opção. Há uma queda no desejo do consumidor de visitar ambientes poluídos atualmente, e essas preferências devem ser mais significativas durante as próximas décadas (1993, *apud* GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p. 356 e 357)

Para Lohmann e Panosso Netto (2011, p. 212) “os impactos ambientais são, em geral, cumulativos e reconhecer esses impactos é fundamental para melhorar o desenvolvimento do turismo e corrigir seus impactos negativos”. Para os autores, o mercado turístico tem buscado se adequar e propor soluções que respeitem e substituam métodos de produção que antes degradavam a natureza e seus recursos. Com isso, o crescimento do turismo tem se alinhado cada vez mais com a ideia de preservação da natureza, buscando a semelhança de objetivos e características dos países desenvolvidos.

Nos três aspectos de desenvolvimento: social, econômico e ambiental, a avaliação dos efeitos do turismo pode ainda ser considerada pouco objetiva e dessa forma os resultados são qualitativos e pouco quantificáveis. Aliar o desenvolvimento positivo econômico, social, cultural, ambiental, psicológico e político é um grande desafio para a atividade turística sustentável (BACAL et. al., 2007).

Nesse sentido, ações e programas turísticos devem estar associados ao planejamento global do desenvolvimento da região, para que se possa trilhar um caminho de inclusão social por meio da atividade turística, contribuindo para o alcance de um desenvolvimento efetivamente sustentável. (BACAL et. al., 2007, p. 180).

3. O TURISMO, A CIDADE E OS PARQUES URBANOS

Diretrizes arquitetônicas e urbanísticas são fatores que impactam direta ou indiretamente em cada um dos fatores do turismo. No meio construído, vê-se a materialização da necessidade de muitas cidades de alterarem seus espaços urbanos e sociais para “se venderem” mundialmente (BESSA; ÁLVARES, 2014).

Segundo Vargas (2016, p. VII) “é importante observar que, como disciplina ou como campo de saber [...], a Arquitetura e o Urbanismo não são explicitamente considerados no estudo do turismo, embora o patrimônio histórico e arquitetônico sempre se constituísse no atrativo por excelência.”

Para Boullón (2002) os atrativos turísticos se distribuem pelo território que pode ser dividido em duas categorias: o espaço natural e o espaço urbano. Em suas visitas a esses lugares, o turista como observador tem diferentes percepções relacionadas à beleza e acúmulo de experiências. A complexidade e variedade na paisagem urbana são aprendidas pelo morador que, pela necessidade de ir e vir, compreende melhor o ambiente. No entanto, para o turista, existe a necessidade de indicadores morfológicos para orientação. Percebendo-se a cidade como a soma de espaços abertos e edifícios os pontos focais na arquitetura e espaços livres são fundamentais para orientação na cidade e visualização com clareza de destaques turísticos e quais locais o turista quer intuitivamente conhecer.

Confirmando a relevância urbana para a atividade turística, nota-se que a expansão do turismo, quando não aliada ao desenvolvimento sustentável da arquitetura e gestão urbana, está fadada ao fracasso. Na busca por ampliar suas possibilidades de atrair turistas, muitas políticas públicas buscam investir em fatores territoriais que garantam maior mobilidade e acessibilidade, como a construção de rodovias, aeroportos, ferrovias e, até mesmo, cidades inteiras (VARGAS, 1998).

Os projetos turísticos – carro chefe dos grandes projetos levados a cabo nas cidades – cada vez mais têm se tornado políticas de governos que investem grande volume de recursos na reconstrução de paisagens, criando ou modificando a imagem urbana de determinada localidade para torná-la atrativa para empresas, investidores e turistas. (BESSA; ÁLVARES, 2014, p.7)

Compreendendo o alto impacto das características urbanas no turismo e definindo esse plano base para o desenvolvimento da atividade, definem-se vários aspectos relevantes e atraentes urbanisticamente. Dentre as motivações que influenciam na demanda turística estão os produtos: atrativos turísticos, infraestrutura, equipamentos e instalações. As questões relacionadas às necessidades de deslocamento, alimentação e hospedagem são essenciais e apesar de atraentes não são os motivadores principais. Os destinos turísticos que se destacam são aqueles que propiciam lazer, esportes, atmosfera diferente, divertimento e visitação turística interna ou externa (BOULLÓN, 2002).

Na malha urbana, atrativos de destaque são consequência de intervenções arquitetônicas e urbanísticas como: traçado urbano, edificações, elementos e marcos estéticos, espaços públicos e demais predicados de edificações que são a caracterização de espaços acolhedores e com grande agradabilidade. Esses atributos podem ser evidenciados para estimular no visitante a associação com fatos ligados à história de vida do turista (VARGAS, 2016). Em cidades adensadas como Brasília, São Paulo ou Curitiba, marcadas principalmente pelo turismo de negócios, os parques e áreas verdes na malha urbana ganham importância por proporcionar ao turista a prática de atividades de lazer, esportes, divertimento e contemplação.

Barcellos (2000) relembra que no princípio da arquitetura paisagística, nos anos 70, a procura pela negação dos ajardinamentos foi um princípio para o tratamento das áreas de parque que passaram a ser feitas de forma informal e natural se contrapondo aos grandes gramados e massas pontuais de vegetação bem estruturadas. Para o autor, esse foi um passo relevantes com relação às preocupações ambientais pela possibilidade de apropriação pela comunidade.

Reforçar a finalidade comunitária de tais espaços e assim envolver a população nas tarefas de conservação – em especial aquelas relacionadas à manutenção dos limites físicos. Com esse objetivo foram localizados nos parques equipamentos públicos de fins culturais ou construções de caráter simbólico, cujo sentido é servir de foco de atração para a comunidade. (BARCELLOS, 2000, p. 66)

Admitindo o parque urbano como um potencial atrativo para a comunidade e para o turismo e um elemento importante na construção da paisagem urbana será determinado na sequência o conceito de parque urbano utilizado como base para a

pesquisa. Além disso, qual o significado desses espaços interligando aspectos de sustentabilidade e turismo.

O elemento “parque urbano” vem sendo definido de maneira variada por uma série de autores. As definições permeiam aspectos relacionados à quantidade de área, posição dentro da malha urbana, tipo de uso, público alvo e até mesmo quesitos relacionados às características ambientais. Para Raimundo e Sartis (2016), os parques urbanos surgem do crescimento do capitalismo e valorização do trabalho excessivo. No início do século XX, buscando principalmente o aumento de produtividade e frequência dos trabalhadores, houve um despertar para os direitos sociais que levaram à conquista da “redução da jornada de trabalho, descanso semanal remunerado, possibilidade de férias anuais e aposentadoria” (p. 4) que foram fatores determinantes para a criação dos parques urbanos e também grandes incentivos para a prática do turismo como atividade de lazer. O parque urbano nesse caso é um atenuador das situações frequentemente encontradas nas cidades como: a falta de contato com a natureza, problemas ambientais relacionados à flora e fauna, drenagem pluvial e permeabilidade insuficientes, além da função relacionada aos aspectos psicológicos da população que, pela falta de áreas verdes, tem cada dia mais doenças como depressão, estresse e hipertensão.

Avaliando os parques e áreas verdes na sustentabilidade de cidades, Chiesura (2004) define parques urbanos como ponto estratégico para a melhora da qualidade de vida do usuário por meio do contato com a natureza, com a água ou sons naturais. Um ambiente que permite contato com a natureza, contemplação ou até mesmo poder olhar da janela para um espaço verde contribui para a melhora da saúde mental. Em sua pesquisa sobre a motivação da visita dos usuários do parque Vondelpark em Amsterdam Chiesura (2004), percebe que 73% das pessoas mencionam ir ao parque para relaxar e 54% para ouvir e observar a natureza. Os resultados refletem a necessidade de contato com a natureza e, além disso, de ter experiências sensoriais nesse espaço. Outros motivos também relevantes como a prática de esportes, estar em grupos ou com crianças, ter inspirações, meditar e contemplar o espaço ou até mesmo escapar da cidade são considerados pela autora fatores sociais significantes na configuração dos parques urbanos como “oásis” do trânsito, barulho e poluição da cidade.

Ratificando a associação dos parques urbanos com os recursos naturais e a memória social, Melo (2013) ressalta que espaços urbanos como praças, parques e jardins são essenciais no cotidiano e capazes de aproximar indivíduos e propiciar o contato com a natureza. Por intermédio desse contato, surge a reflexão da sociedade sobre suas motivações, interesses e até mesmo sobre ela mesma sendo um recurso social importante (PAES-LUCHIARI, 2007, *apud* MELO 2013).

Assim, a intenção de conceituar o termo “parque urbano” não é a de esgotar as possibilidades de conceito ou de definir com precisão seu significado. Para esse estudo, as acepções de parque pela definição de tamanho, tipo de uso ou qualquer definição que busque distinguir o termo “parque” de outros como “praça” e “jardim”, não são relevantes. Em consonância com os conceitos dos autores citados, busca-se entender parque urbano como área verde localizada na malha urbana, onde é possível desenvolver atividades de lazer, esporte, contemplação ou relaxamento. Esse espaço representa a possibilidade de contato com a natureza, além dos aspectos sociais de interação e percepção do outro dentro de uma comunidade. O parque urbano é o espaço para equilíbrio mental da população residente e atrativo turístico pela possibilidade de diversidade, esporte, contemplação e interação com a comunidade local. O impacto dessa infraestrutura deriva tanto dos aspectos positivos de melhora da qualidade de vida de moradores quanto da experiência positiva e marcante de visitantes. É um espaço que conecta o homem à natureza, consigo mesmo e com o outro.

Na análise da oferta de atividades turísticas e recreativas nas cidades, Boullón (1990) fala sobre o volume de pessoas que durante o fim de semana, em seu tempo livre, buscam atividades de lazer. O autor observa que, em países subdesenvolvidos, a distribuição das atividades de lazer não é igualitária. As partes mais visitadas e conhecidas pela centralidade têm melhor infraestrutura e variedade de lazer que na periferia onde esses serviços não são oferecidos à população. Os parques urbanos, por atender à demanda de lazer da população local, têm alto índice de uso e visitação. Ao contrário de atividades pagas como cinema, teatros e restaurantes, os parques são a resposta para o tempo livre dos moradores que conseqüentemente estimulam o turismo na área devido à busca do visitante pela participação da vida

local e busca pelos atrativos principais da cidade, muitas vezes eleitos pela própria população.

Com essa imagem atrativa aos turistas, os parques, como ambientes significativos na cidade, cercados por malha urbana, têm grande relevância local e turística. Por preservarem fragmentos da natureza, permitem a prática de esportes, atividades artísticas e contemplação em espaços de diversidade social e cultural (MELO e DIAS, 2012).

4. ESTUDO DE CASO – PARQUE DONA SARAH KUBITSCHKE

A escolha do Parque Dona Sarah Kubitschek como objeto do estudo foi baseada nas dimensões do parque com relação à área urbana, sua localização dentro de uma cidade turística e, a partir disso, a existência da possibilidade de maior impacto na qualidade de vida dos moradores a partir da melhoria de infraestruturas atrativas turísticas.

Para contextualização dos pontos de avaliação e das propostas geradas nesse estudo, compreende-se necessária a contextualização do parque dentro dos aspectos históricos de Brasília e consequentemente uma análise atual da cidade com relação à atividade do turismo.

4.1. Breve História de Brasília e suas Características Turísticas

“(…) José Bonifácio, em 1823, propõe a transferência da Capital para Goiás e sugere o nome de BRASÍLIA” (COSTA, 1956). A sugestão de José Bonifácio, lembrada por Lúcio Costa no início de seu relatório, apesar de não ser a única da época, é um dos marcos na história da concepção de Brasília (GOULART, 2006).

O projeto de Lúcio Costa, vencedor do concurso para a Capital, continha características que já vinham sendo buscadas por urbanistas em todo o mundo. Ao longo dos anos, questões que antes eram vistas na teoria sobre uma cidade contemporânea foram se tornando princípios em experiências urbanas de reformas ou expansões. Essas reflexões aparecem em outros projetos para Brasília em diferentes escalas com relação ao projeto de Lúcio Costa. Premissas seguindo a teoria de pensadores como Gaston Bardet (1907-1989), Colin Clark (1905-1989), Patrick Geddes (1854-1932) e Le Corbusier (1887-1965) geram propostas para cidades com características reconhecidas mundialmente. As propostas urbanísticas eram baseadas na aplicação da Carta de Atenas de 1933 (urbanismo atendendo a quatro funções – trabalhar, habitar, recrear e habitar); uso do conceito de unidade de vizinhança (delimitação por cinta verde criando uma cidade polinucleada); e atenção às regras corbusieanas (garantir sol, relação espaço livre e construído, definição de densidades demográficas, índices de ocupação e aproveitamento do solo, espaço livre e áreas verdes) (SCHLEE, 2014)

Brasília em sua concepção não é somente um acaso, mas “uma síntese longamente amadurecida de nossas maiores conquistas, para a configuração da cidade necessária e adequada ao homem contemporâneo” (KATINSKY, 1985, p.8). A ponderação por alguns autores como Barcellos (2000) e Gorovitz (1985) de que Brasília é o reflexo do movimento do urbanismo modernista (1930 – 1960) deriva da essência da cidade em conexão com os princípios de arquitetura moderna contidos na Carta de Atenas. Suposição confirmada pela própria afirmação de Lúcio Costa ao fazer referência à Le Corbusier e aos princípios da carta como inspiração para sua concepção:

Paris é uma cidade caracterizada por aquelas belas perspectivas, e eu particularmente tenho grande apego à cidade. De modo que essa lembrança de Paris, que está no subconsciente, aflorou naturalmente. E a concepção de Le Corbusier da chamada Ville Verte, cidades dispostas em parques, com partes das atividades concentradas em determinados pontos, que seriam os centros urbanos, e a parte residencial com grandes edifícios dispostos em áreas verdes, como se fosse um parque (COSTA, 1982, p.16, *apud* GOROVITZ, 1985, p.15).

Como se observa na Carta de Atenas, em 1933, o impacto da “era da máquina” (CIAM, 1933, p.5) sobre as cidades já tem os efeitos negativos observados. As sequelas são observadas no comportamento das pessoas e na organização de cidades que passam a ter um desequilíbrio, antes nunca experimentado, sendo considerada uma tecnologia de “(...) evolução brutal. O caos entrou nas cidades.” (CIAM, 1933, p.5).

Nesse cenário Lúcio Costa volta sua atenção para a desordem e para o congestionamento que são, nesse período, símbolos da precariedade das cidades e da condição de vida da população. Em sua síntese sobre o Plano Piloto de Brasília, declara: “De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parques e jardins. Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade parque.” (COSTA, 1956, p.32)

Devido à importância da atenção aos problemas gerados pelos automóveis, em sua concepção, Lúcio Costa atribui valor aos percursos de pedestres e localização das atividades em conjuntos próximos às residências onde o pedestre teria tudo ao alcance e os automóveis seriam utilizados somente para abastecimento dos serviços. Dessa forma, há o incentivo à conexão com a natureza em áreas verdes que oferecem aos moradores o lazer cotidiano em espaços arborizados para passeios, esportes, escolas e convívio protegido das faixas rodoviárias com tráfego de veículos. (COSTA,

1956). Esses valores têm conexão com as categorias de áreas verdes definidas na Carta de Atenas:

Pode-se classificar as horas livres ou de lazer em três categorias: cotidianas, semanais ou anuais. As horas de liberdade semanal permitem a saída da cidade e os deslocamentos regionais. As horas de liberdade anual, isto é, as férias, permitem verdadeiras viagens, fora da cidade e da região. O problema assim exposto implica a criação de reservas verdes: a) ao redor das moradias; b) na região; c) no país. (CIAM, 1933, P.15)

Por tantas singularidades na concepção e construção de Brasília, faz sentido a afirmação de Lúcio Costa, 25 anos após o início da construção da cidade, no documento “Brasília Revisitada”, de que “a capital é histórica de nascença, o que não apenas justifica, mas exige que se preserve, para as gerações futuras, as características fundamentais que a singularizam” (COSTA, 2009, p.70).

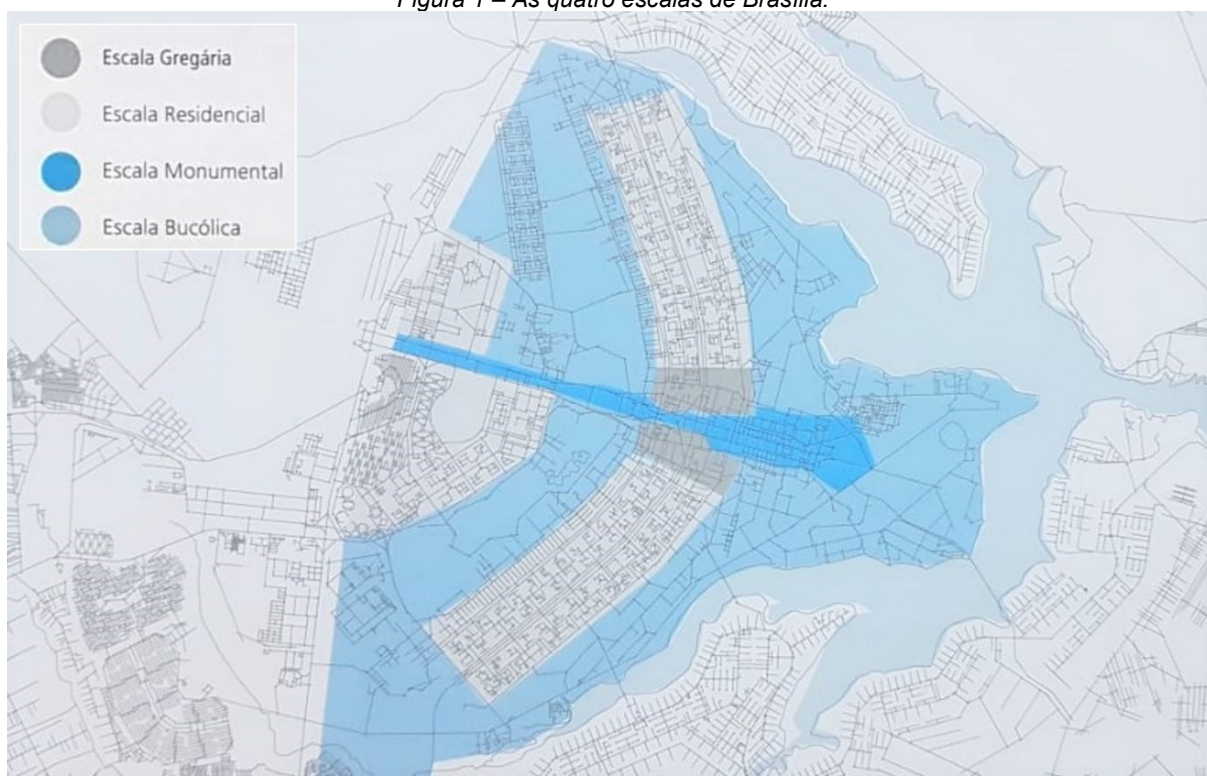
Após as tentativas de implementação de leis e decretos que fossem capazes de preservar os valores históricos e conceituais da capital e com um amplo entendimento de que sem um forte instrumento jurídico-administrativo a proteção desejada seria impossível, ocorreu, em 1987, a inscrição do Plano Piloto de Brasília na Lista de Bens do Patrimônio Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). Poucos anos depois foi lançada a Portaria nº 314, de 8 de outubro de 1992, na qual o Presidente do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural declarou o tombamento pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) do conjunto urbanístico de Brasília. Dessa forma o “tombamento federal foi uma iniciativa ousada de preservação da cidade” (IPHAN, [ca. 2017], on-line).

Para Holanda e Tenorio (2014), a necessidade de preservação é, nesse caso, a base para argumentos de preservação de uma centralidade onde, com relação ao entorno, existe uma grande diferença entre classes econômicas privilegiando quem tem alto poder aquisitivo. Em uma breve avaliação da jovem cidade, Farret (1999) destaca que Brasília já passa por problemas de políticas públicas, e que tem sua implantação dificultada pela dificuldade do processo decisório. “É o preço a se pagar por ser uma cidade planejada (...) a realidade nem sempre se ajusta às intenções, por melhores que sejam” (FARRET, 1999, p.9)

As chamadas escalas de Brasília, concebidas por Lúcio Costa e distribuídas no planalto com notória definição, abrigam tipos específicos de serviços associados a tipos edifícios bem definidos e dentro do contexto ideológico da cidade. As quatro escalas (Figura 1): monumental, gregária, residencial e bucólica, foram definidas por Holanda e Tenorio (2014) de forma clara e sucinta:

A monumental concerne os espaços mais emblemáticos da cidade, aqueles com edifícios relacionados à função precípua da cidade – uma capital nacional – estão localizados: a Praça dos Três Poderes, a Esplanada dos Ministérios, e o seu prolongamento para oeste. A gregária concerne o “centro da sociedade civil”, onde escritórios, hospitais, hotéis, galerias comerciais, etc. se localizam. A residencial concerne o principal tipo de espaço residencial da cidade: as superquadras. Finalmente, a bucólica concerne as áreas circunvizinhas esparsamente ocupadas, nas quais, por exemplo, localizam-se as embaixadas e a Universidade de Brasília. (HOLANDA E TENORIO, 2014, p.40 e 41)

Figura 1 – As quatro escalas de Brasília.



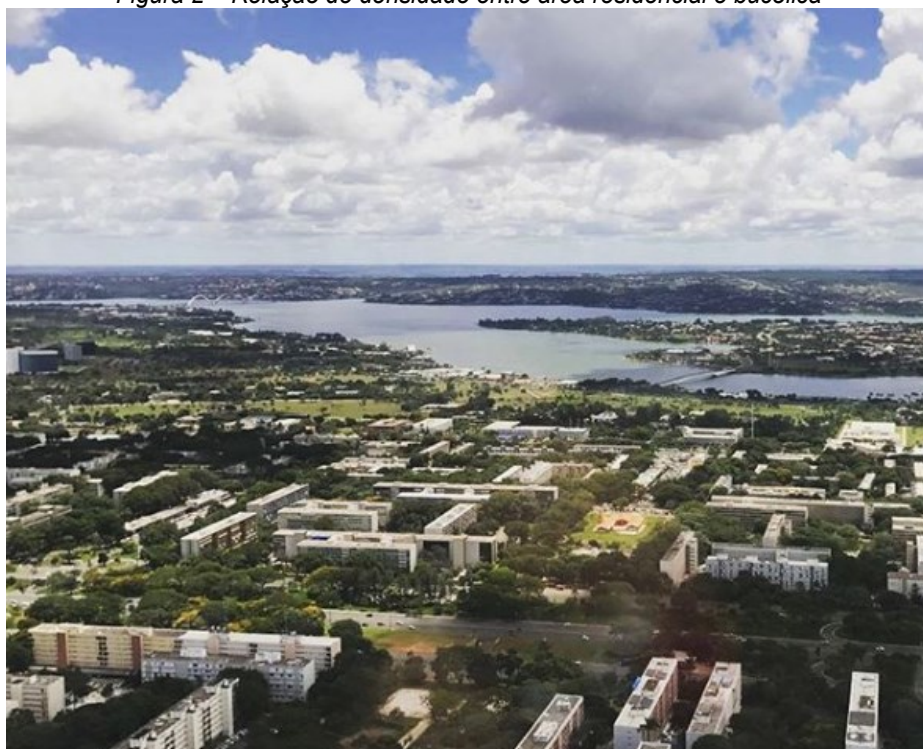
Fonte: HOLANDA e TENORIO, 2014, p.41

Para análise do Parque Sarah Kubistchek, convém destacar algumas características da escala bucólica fazendo-se notar que, devido essas predefinições, o parque se torna, em parte, o reflexo dessas peculiaridades. Na definição de Lúcio Costa, essa escala é a responsável pela transição e harmonia entre áreas livres e edificadas. “(...) em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres

arborizadas.” (COSTA, 2009, p.71). A delimitação com áreas verdes é o que Holanda e Tenorio (2014, p.47) consideram a “transição entre cidade e campo”. As áreas bucólicas, com arborização densa, criam uma barreira visual e preservam a sensação de quem está no centro da baixa densidade e contato constante com a paisagem natural (Figura 2).

Lúcio Costa imagina essas áreas como fundamentais para se incorporar o céu do Planalto à cidade – “os ‘vazios’ são por ele preenchidos; a cidade é deliberadamente aberta aos 360 graus do horizonte que a circunda.” (COSTA, 2009, p.72). Nas áreas bucólicas a oeste, nos sentidos norte e sul, Lúcio Costa propôs a implantação no lado sul do Jardim Botânico e no lado norte do Zoológico (áreas indicadas com os números 20 e 21 no Plano Piloto de Brasília – Anexo A). Essas áreas seriam como Lúcio Costa define: “imensas áreas verdes simetricamente dispostas em relação ao monumental, como que os pulmões” (COSTA, 1956, p.26)

Figura 2 – Relação de densidade entre área residencial e bucólica



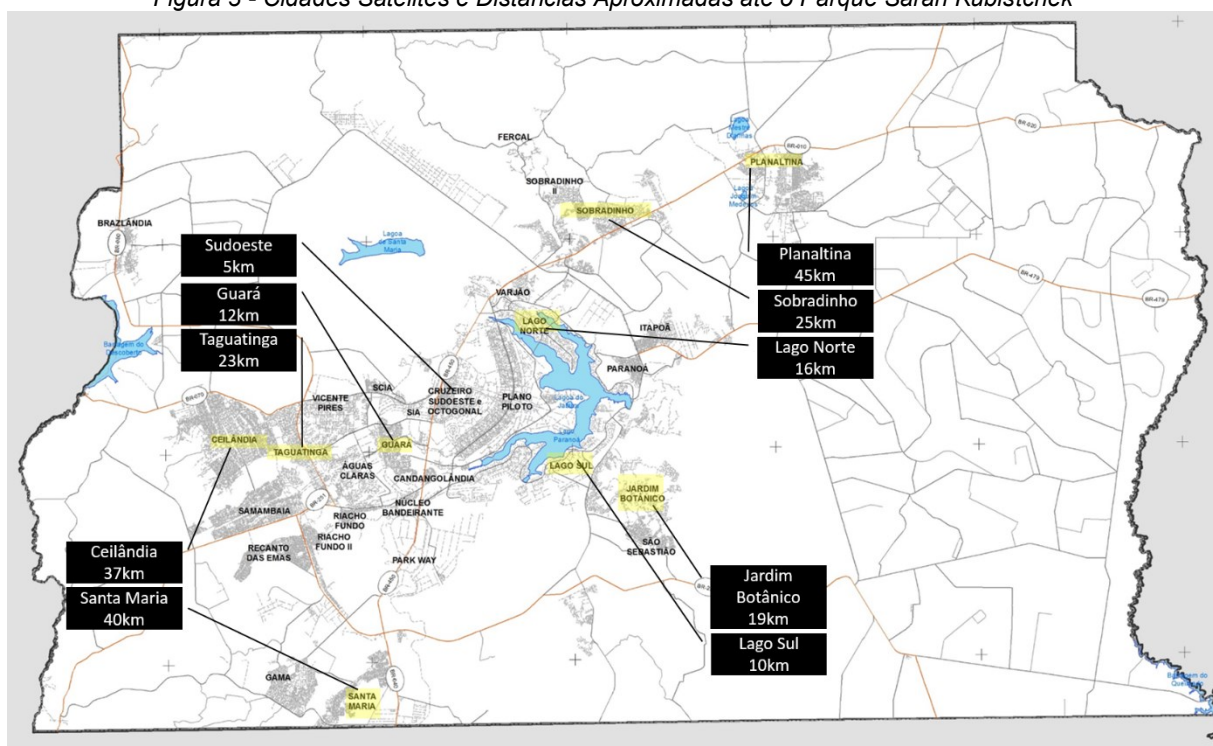
Fonte: arquivo pessoal.

Esses projetos nunca chegaram a ser executados por causa da implantação do Setor de Indústrias Gráficas e Observatório Meteorológico. Em 1978, ao longo de toda a Asa Sul, é fundado o Parque Sarah Kubistchek (nome dado em 1997), popularmente conhecido como Parque da Cidade. O parque deu espaço a todos os tipos de

atividades culturais e de lazer e cumpre com a função de conter a expansão urbana. Dessa forma o previsto “pulmão” substituído pelo Parque da Cidade que supre as necessidades com relação ao arejamento e preservação da escala desejada (COSTA e LIMA, 2009).

“A imagem de Brasília é a imagem do Plano Piloto” (BRUZZESE, 2014, p.116). No entanto, a realidade da metrópole é completamente diferente. As cidades satélites (figura 3) nascem junto com Brasília, nos próprios assentamentos de obra, e depois pela necessidade de expansão populacional em um cenário em que era impossível a compatibilidade entre o poder aquisitivo da população e os valores dos projetos de alto valor construídos nas superquadras. Assim, são criadas novas cidades a quilômetros de distância do perímetro tombado, onde é possível a variedade de tipos edifícios que atendam à demanda popular de moradia (HOLANDA e TENORIO, 2014).

Figura 3 - Cidades Satélites e Distâncias Aproximadas até o Parque Sarah Kubistchek



Fonte: Sistema de Informação Territorial e Urbana do Distrito Federal – SITURB, com adaptações da autora

Esta política excludente gera, portanto, a necessidade de se refletir sobre Brasília como a “cidade e seus satélites” (BRUZZESE, 2014, p.116). No cenário atual, o Plano Piloto é o centro histórico de uma cidade moderna que concentra maior parte da oferta de empregos e menor quantidade de moradores, gerando a alarmante necessidade de assumir uma visão integrada entre essas partes e repensar

principalmente os grandes fluxos diários e onerosos em grande parte realizados em veículos particulares (BRUZZESE, 2014).

E, dentre tantas questões cruciais, o desafio hoje é o de manter o equilíbrio entre as exigências de uma herança extraordinária e as necessidades de mudança e adaptação devidas à experimentação dos espaços pelos habitantes (BRUZZESE, 2014).

Brasília é, antes de mais nada, um produto de consumo interno; sua verdadeira especificidade, o natural para os que aqui nasceram ou cresceram, só é perceptível vista de dentro, e talvez seja por isso tão frequente a dificuldade que as pessoas de fora têm de avaliá-la corretamente – o essencial escapa. (COSTA e LIMA, 2009, p.47)

4.1.1. Plano de Turismo em Brasília

Em 2017, foi concedido pela UNESCO a Brasília o título de Cidade Criativa em Design o que se soma à lista de mobilizadores turísticos da cidade. O título, que tem influência na cooperação política entre as eleitas Metrôpoles Criativas visando ao desenvolvimento sustentável, torna-se importante para a capital pelo reconhecimento de suas características únicas e dos artistas que, desde a construção, foram destaques na arquitetura, arte e cultura brasileira. Em entrevista ao Correio Braziliense, o então Secretário do Turismo Jaime Recena afirma que esse novo título fomenta os mercados do design e turismo de Brasília. (QUEIROZ, 2017)

Buscando a diversificação da economia local e a visibilidade da história e da cultura brasiliense, o Governo de Brasília lança em 2016 o “Plano de Turismo Criativo de Brasília” (BRASIL, 2016) que constitui um documento com diretrizes para proporcionar aos visitantes não só a experiência das atrações comuns como: gastronomia, cultura e arte, mas, principalmente, a imersão no modo de vida dos moradores através de experiências em eventos de rua e roteiros inovadores.

Pensar no “turista aprendiz” no espaço da Brasília, território de todo brasileiro, vai além de ser apenas um visitante: é reconhecer o cidadão, viajero, andante, observador, curioso, contemplativo, sensível e consciente; é urgir roteiros com os tênues fios dos sentidos para tramar a viagem. Tecer momentos, paixões e desejos, instantâneos e duradouros, que marcam existências, o domínio da cultura, da paz interior e do sentido pleno da liberdade e descobertas a muitas respostas. Momentos, buscas e perspectivas que, apesar de distintos, convergem no andar para “conhecer”, “descobrir” e “encontrar”. (RECENA, 2016, p.23)

Na concepção do Plano de Turismo, foram definidas premissas que refletem os valores de pertencimento, integração, dinamismo e cooperação também definidos como base no documento. Pela relação evidente com os aspectos do turismo sustentável destacados previamente, optou-se por relacionar as premissas consideradas relevantes (BRASIL, 2016, p.35 e 36):

- Aumentar a qualidade de vida e reduzir a desigualdade social;
- Tornar Brasília modelo de sustentabilidade;
- Promover ambiente favorável ao desenvolvimento de negócios e à geração de emprego e renda;
- Valorizar a cultura como instrumento de desenvolvimento econômico e social;
- Ampliar a mobilidade, tornando o transporte coletivo e não motorizado mais atrativo;
- Tornar o cidadão protagonista na formulação e controle de políticas públicas;

De acordo com os dados disponíveis na Pesquisa de Perfil e Satisfação do Turista (GDF, 2018), o visitante em Brasília, em 57,4% dos casos, é aquele que viaja sozinho e em 14,8% dos casos pessoas que viajam em família. Essa característica é relacionada a outro fator importante que é a motivação da viagem. Em 38,6% das viagens o motivador principal é o trabalho ou negócios. O segundo motivador mais expressivo é a visita a amigos ou familiares. Apenas 10% das viagens são realizadas com a finalidade de conhecer a cidade. Para hospedagem, esses visitantes se dividem principalmente entre hotéis, 44,1%, e outros 36,9% na casa de amigos ou família.

O período de permanência na cidade também é relacionado com o motivo da viagem. Em 55,2% das visitas o tempo de permanência é de um a três dias contrastando com 21,18% dos casos em que o turista permanecerá na cidade de sete até sessenta dias (GDF, 2018). Com a definição clara do perfil turístico, o Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2014) prioriza a promoção dos segmentos de negócios, feiras, eventos, congressos, eventos esportivos e religiosos, turismo rural, cultural e cívico com objetivo de promover Brasília como destino turístico e, mais que isso, despertar o orgulho no brasileiro pela sua capital, motivando uma visão diferente da atual (Figura 4) que é mais relacionada à política e suas características e pouco à cidade e seus valores e atrativos.

Figura 4 – O que vem a sua cabeça quando pensa em Brasília?
Qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa em Brasília? - TOP 10



Fonte: GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2018, p.14

O turismo, nesse cenário, é o elemento potencializador da inserção de outras estratégias comerciais e econômicas no mercado de Brasília e, para além disso, o reconhecimento da cidade pelo estilo de vida local (GDF, 2016).

Vender Brasília é enaltecer suas potencialidades quanto ao patrimônio material e imaterial, sua diversidade cultural e atrativos naturais, mitos fundadores, arte, cultura, urbanismo e arquitetura, design, música, poesia, clima, logística, estrutura, equipamentos turísticos. É essencialmente provocar encantamento. (GDF, 2016, p.46)

O desenvolvimento perene e sustentável de Brasília pode ser em parte estimulado pelo objetivo de promover a cidade como atrativo turístico. Não se exclui de nenhuma forma que outros planos de governo e a colaboração social sejam necessários, no entanto esse pode ser mais um dos impulsos para iniciativas sustentáveis e estímulo da qualidade de vida local.

4.2. O Parque

O Parque Sarah Kubistchek – Parque da Cidade (Figura 5) é um dos espaços que traduz o que é viver em Brasília. Por proporcionar o contato com aspectos materiais e imateriais do patrimônio Brasília é fundamental o cuidado com sua infraestrutura e tratamento das potencialidades para enaltecer de forma sustentável o turismo local.

Atualmente é o maior parque urbano da América Latina e um dos maiores do mundo com 420 hectares abertos ao público no coração da capital. (GUSMÃO, 2009). Com acesso 24 horas e com diversos núcleos bem definidos, atende a uma variedade imensa de públicos com atividades infantis, familiares, áreas para esportes diversos como: caminhadas, corridas, bicicletas, patins, vôlei, hípica, pista de kart, futebol de campo e areia, tênis, além dos espaços para piqueniques, churrascos, contemplação

e restaurantes. De acordo com a Agência Brasília, durante a semana, o parque recebe em média 40 mil pessoas por dia de segunda a sexta-feira, 60 mil aos sábados e 80 mil nos domingos, dia de maior movimento, totalizando aproximadamente 340 mil pessoas por semana. (ÁVILA, 2012)

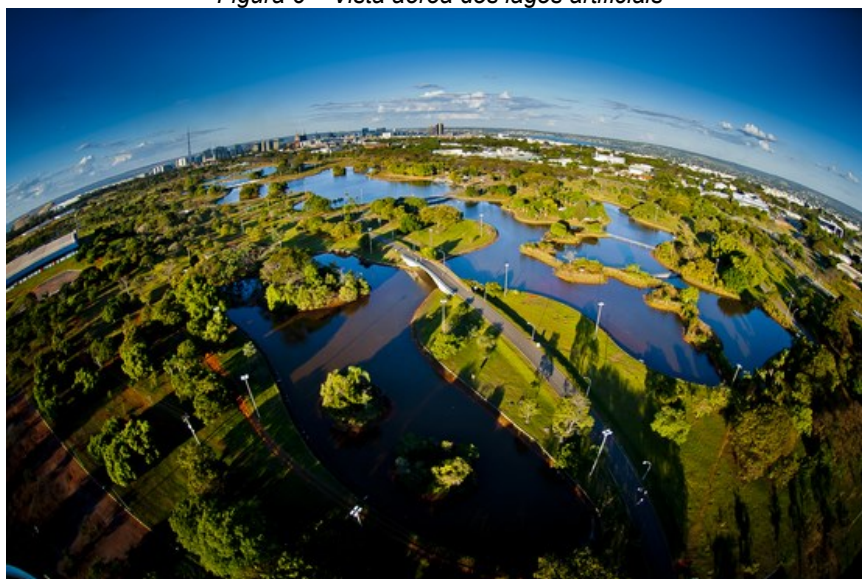
Figura 5 – Imagem aérea do lado norte do Parque da Cidade



Foto: Tico Fonseca. Fonte: <http://www.turismo.df.gov.br/parque-da-cidade/>

De acordo com a Secretaria de Turismo (2017), o parque é parte do cotidiano dos brasilienses e um atrativo turístico por sua estrutura, diversidade de atividades e por reunir os trabalhos de Lúcio Costa, Oscar Niemayer, Burle Marx e Athos Bulcão.

Figura 6 – Vista aérea dos lagos artificiais

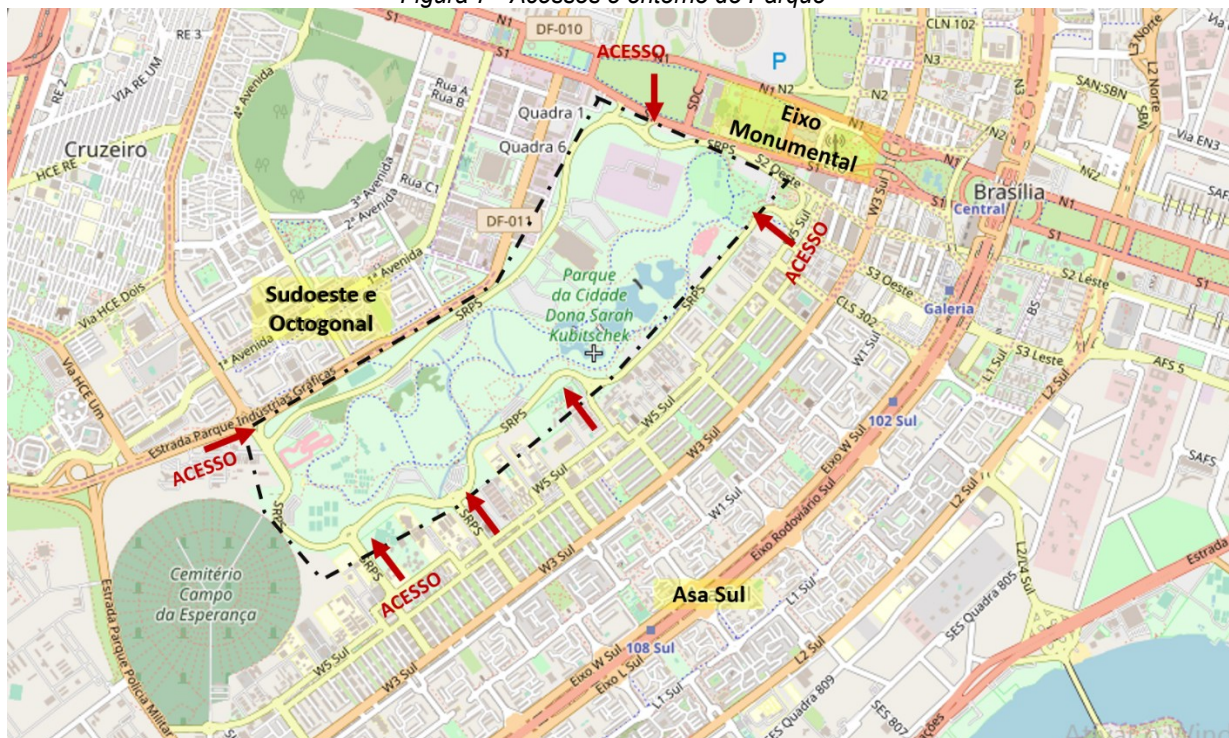


Fonte: <http://www.observatorioturismo.df.gov.br/> Foto: Bento Viana

Para Gusmão (2009), o Parque da Cidade é um dos elementos principais para manutenção de uma paisagem horizontalizada e que distingue Brasília das outras

idades. Revisitando Brasília, Lúcio Costa destaca que é “clara a importância da volumetria paisagística na interação das quatro escalas” (COSTA, 2009, p.72) recomendação que, como alerta Tanure (2007), não era voltada para a preservação da vegetação do cerrado que, naquela época, “era alvo de preconceitos e considerada sem valor ornamental” (p.92).

Figura 7 - Acessos e entorno do Parque



Fonte: <http://wikimapia.org/> Com adaptações da autora.

O parque se estende por toda a Asa Sul (figura 7). O acesso é possível em seis pontos distintos possibilitando inclusive o uso das vias internas como atalhos para motoristas. Os pontos de acesso indicados na Figura 6 são localizados no Eixo Monumental (lado norte), Setor de Rádio e TV Sul – SRTVS, entre as quadras 906/907 sul, 910/911 sul 912/913 sul e na Estrada Parque Indústrias Gráficas – EPIG que separa o parque do Setor Sudoeste e do bairro da Octogonal.

De acordo com o Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (GDF, 2014), o parque tem abrangência regional devido a suas características de uso, quantidade de equipamentos e porte.

(...) foi considerada importante a caracterização de toda a população do DF como usuária, incluindo-se, também, a população flutuante representada por turistas, já que o Parque integra os roteiros turísticos mais comuns da cidade (GDF, 2014, p. 37)

Apesar de alguns aspectos não terem sido executados de acordo com o projeto original do escritório do paisagista Burle Marx (Anexo B), o Plano de Uso e Ocupação (GDF, 2014) considera que a preservação e valorização do espaço se darão por meio do respeito e resgate do projeto original. Pela função do espaço, a abordagem do Plano de Uso é enaltecer as características do Parque como área de recreação pública e incentivar o caráter do esporte amador em diversas áreas. A preocupação de integrar o parque no cotidiano da população surge da configuração espacial atual onde o parque é “um elemento contido em si mesmo, ao qual a cidade, por assim dizer, *dá as costas*” (GDF, 2014, p.39). Fora os acessos citados anteriormente, o parque é completamente cercado por edificações disfarçadas com cercas vivas que acabam não sendo notadas por quem está no parque, mas bloqueiam também a interação de quem está na edificação. Não se tem uma percepção clara do parque quando se está dentro do perímetro urbano, uma característica que enfatiza o carro como principal alternativa de acesso, mesmo para quem mora perto (Figura 8).

Figura 8 – Mapa esquemático Parque da Cidade - Estacionamentos



Fonte: <http://wbrasil.com/parquedacidade.htm>

Tanto o Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (GDF, 2014) quanto o Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2016), estabelecem diretrizes para gestão futura do parque como espaço de qualidade para a população local e com estímulo ao incremento de atividades turísticas. No Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2016), por exemplo, são propostas intervenções para atrair o turismo como: pontos de vendas de souvenirs, implantação de um museu do rock e áreas de *foodtrucks*

Figura 9 – Mapa Mental sobre o Turismo no Parque

O mapa mental centralizado em "PARQUE DA CIDADE" (com um ícone de sol e uma árvore) ramifica-se em quatro áreas principais:

- comunicação**:
 - posts no Facebook
 - Centro de Atendimento ao Turista - CAT
- maioX**:
 - espaço dunâmico - uso e apropriação e infraestrutura
 - prática de esportes alternativos (trilhas, freaguentism)
 - cenário da música 'Eduardo e Mônica'
 - proximidade com o setor cultural
 - maior infraestrutura turística
 - aberto diariamente
 - projetos em andamento
 - estes vídeos
 - intitudo ambiental
- entorno**:
 - shopping
 - setor militar
 - banhado
 - Im Tambo
 - IGM
 - Parque Cultural
 - Parque Rusek
 - rodoviário
 - domínios na
 - Quilômetro 0
 - Parque do Chico
 - reservas
 - monumentos
 - Parque
 - Torre TV de
 - setores habituais
 - Estádio Nacional
 - Cin. Tênis - In
- intervenções**:
 - criar espaços de lazer para os moradores e visitantes
 - criar espaços de lazer para os moradores e visitantes
 - divulgar da mídia (cartões de modo)
 - missões de Floc
 - selo de doação
 - transporte (passo e interno)
 - passo de segurança
 - habilitar
 - atras a serem priorizadas para o desenvolvimento
 - Jackfruit
 - doce da meconha
 - agência
 - serviços de limpeza
 - podão
 - porta de vendas de souvenir de esporte
 - realizar pesquisa de custos
 - serviços literários
 - biblioteca comunitária
 - com o objetivo

Fonte GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2016, p.114

Fonte GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2016, p.114

Nos dois planos, as intervenções propostas são ações em busca da revitalização da estrutura atual, implantação e recuperação dos projetos originais de Burle Marx e estabelecimento de diretrizes relacionadas a novas atividades em harmonia com as características urbanísticas que fazem da cidade Patrimônio Histórico Nacional e Cultural da Humanidade (GDF, 2014 e 2016).

4.3. Ferramentas e Métodos

Para estudo de caso do Parque Dona Sarah Kubitschek, foi realizado um estudo exploratório qualitativo para investigação dos aspectos ambientais, socioculturais e econômicos.

Por meio de uma pesquisa de campo, foram observados os comportamentos dos usuários, a apropriação dos locais e a relação com as diretrizes relacionadas aos aspectos sustentáveis (quais delas foram implementadas e são claramente identificadas ou possíveis de definição por meio das plataformas de comunicação da administração do parque ou do Governo de Brasília).

Com objetivo de complementar as informações das entrevistas e observações realizadas no local, foram analisados em paralelo dois documentos que traçam diretrizes para o crescimento do turismo em Brasília e para o desenvolvimento do Parque da Cidade: o Plano de Turismo Criativo de Brasília (BRASIL, 2016) e o Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (GDF, 2014). A existência desses planos foi fundamental para o entendimento de como as políticas públicas futuras estão estruturadas com vistas ao desenvolvimento local e qualidade de vida.

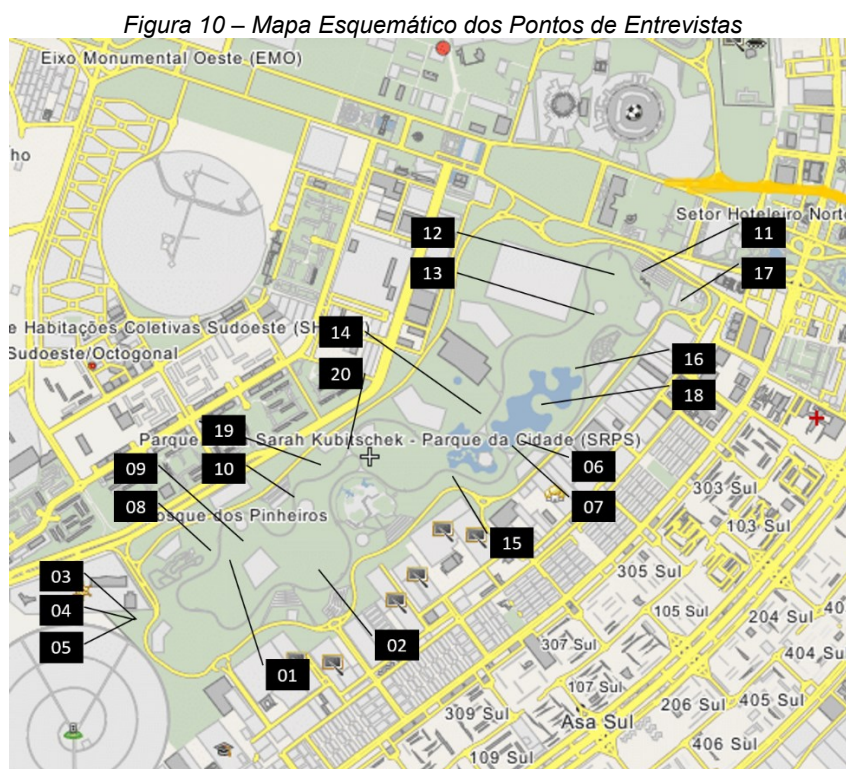
O Plano de Turismo Criativo de Brasília (BRASIL, 2016), visando à diversificação da economia local, engloba propostas, conceitos, valores, visões, objetivos específicos e eixos estratégicos para o crescimento do turismo criativo em Brasília. Essas diretrizes foram geradas pelos encontros e oficinas com representantes dos setores alvo das melhorias propostas. As ideias propostas por esse plano são ricas em diversidade e opções culturais além de priorizar o morador e a preservação da atmosfera local.

O Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (GDF, 2014) é um documento com diretrizes para o desenvolvimento do parque focando principalmente na comparação da situação existente com o projeto original feito pelo escritório de Burle Marx. Devido a implementação fora do projeto estabelecido, o plano visa recuperar algumas características originais através de medidas como: a regulamentação dos pontos de venda de produtos e serviços, implantação do paisagismo sugerido e melhorias no mobiliário, sinalização e programação visual.

Com a finalidade de captar as percepções, opiniões e sentimentos dos usuários principalmente com relação aos aspectos não mensuráveis por meio de observação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas² para melhor captação desses

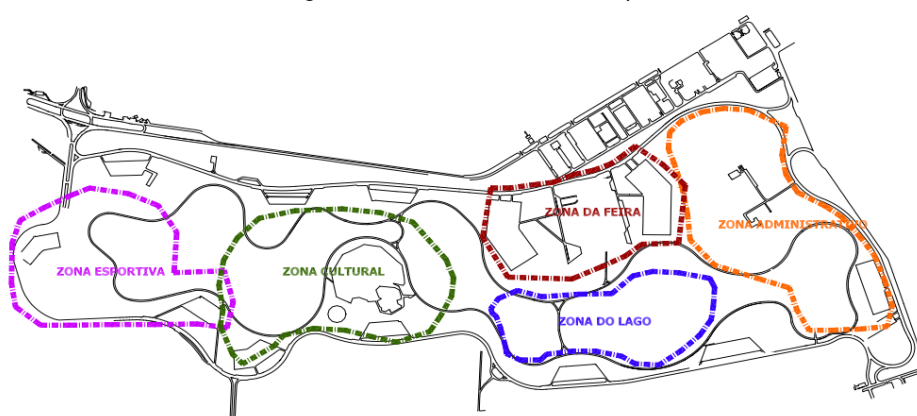
² Entrevista Parque Sarah Kubistchek – Apêndice A

aspectos com relação ao espaço estudado. As entrevistas, numeradas de 1 a 20, foram realizadas em locais distintos do parque (Figura 10) visando ao alcance de maior diversidade de usos de acordo com a oferta de infraestrutura de cada setor (Figura 11).



Fonte: Wikimapia com adaptações da autora

Figura 11 - Zoneamento do Parque



Fonte: Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade, 2014, p.7

A definição das perguntas e aspectos observados foram baseados nos principais aspectos sustentáveis descritos pelos autores: OMT – Organização Mundial do Turismo (2003), Ruschmann (2005) e Lohmann e Panosso Netto (2011). Foram

selecionados aspectos relevantes para a análise do objeto “Parque Urbano” de acordo com os conceitos pré-estabelecidos de “turismo sustentável” e “Parque Urbano Sustentável”, divididos conforme dimensão sustentável e autores de referência nas Tabelas 1, 2 e 3.

Cada critério é mensurado de acordo com o valor referente ao impacto gerado sobre a área analisada. Para um parque urbano, por exemplo, aspectos como promoção de esportes, parcerias empresariais para patrocínio de melhorias e controle de resíduos, têm maior impacto na qualidade do atrativo do que o uso de energias renováveis e controle de emissões de poluentes do ar (devido à natureza e característica das atividades praticadas na área). No entanto deve-se pensar em um maior número de soluções que possam incentivar a sustentabilidade local e elevar a satisfação dos turistas (OMT, 2003).

4.3.1. Aspectos Ambientais – Critérios para avaliação de impactos

	OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003, p. 148, 157 e 158	RUSCHMANN, 2005, p.27 a 33, 56 a 59	LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011, p. 212 e 213
CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL	•Informações ecológicas aos visitantes: informações referentes as restrições, sugestões quanto à conduta apropriada e recomendada. •Campanhas educacionais e eventos informativos. •Apresentação dos aspectos ambientais em eventos	•Conscientizar e sensibilizar a população. •Uso racional dos espaços e valorização do convívio direto com a natureza.	•Conscientização da importância da conservação ambiental. •Estímulo à preservação ambiental. •Valorização dos espaços verdes urbanos. •Valorização da natureza tanto do ponto de vista econômico como o paisagístico.
RESÍDUOS	•Resíduos: formas de evitá-los e gerenciá-los.	•Lixo e abandono de comidas ao ar livre atraindo insetos e podendo afetar a dieta dos animais do local. •Poluição de locais de piquenique pela falta ou coleta inadequada de lixo.	

GERENCIAMENTO DE RECURSOS	•Energia: uso de fontes renováveis e redução do consumo (medidas de economia de energia). •Água: Redução do consumo (medidas econômicas), o descarte ambientalmente confiável do escoamento (por exemplo a conexão com estações de tratamento de esgoto), a utilização da água da chuva e da água que não seja potável. •Ruídos e ar: Formas de evitar e reduzir emissões/poluição.	•Poluição sonora, do ar e água devido ao mal funcionamento de sistemas. •Combater todo tipo de contaminação provocada pelo turismo assegurando o tratamento das águas servidas e protegendo as áreas turísticas.	
TRANSPORTE	•Transporte: meios e modos de transporte que sejam ambientalmente confiáveis (bicicletas e transporte público). •Níveis aceitáveis de impacto visual e congestionamento.	•Estimular a prioridade do transporte público. Criar zonas de descanso e recreação principalmente protegidas da motorização. Aumentar a possibilidade para atividades recreativas nas zonas urbanas e próximas às residências.	
ECONOMIA LOCAL	•Compras ambientalmente confiáveis, dando preferência às ofertas regionais. •Instalações ao ar livre que demonstrem um cuidado e um designer relacionados para a ecologia. •Planejamento, construção e operação/utilização das instalações de infraestrutura de acordo com aspectos ambientais		
QUALIDADE DO ESPAÇO	•Qualidade das áreas de lazer: Atrativos relacionados ao patrimônio de acordo com a capacidade ecológica.	•Integrar os equipamentos turísticos às paisagens regulamentando a construção de equipamentos incentivando o desenvolvimento de arquitetura adequada as tradições locais zelando pelo equilíbrio dos espaços explorados intensamente pelo turismo.	

Tabela 1 – Compilação de diretrizes de análise ambiental desenvolvida pela autora.

4.3.2. Aspectos Socioculturais – Critérios para avaliação de impactos

	OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003, p. 148, 158, 159 e 160	RUSCHMANN, 2005, p. 27 a 55 e 61 a	LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011, p. 211, 216
ASPECTO EMOCIONAL		•Recuperação psicofísica dos indivíduos pelo distanciamento temporário do cotidiano.	•A fuga do estresse da vida cotidiana, o que ajuda a diminuir as tensões no trabalho, na família e na sociedade em geral. •Escapismo das expressões diárias, descanso mental.
PROMOÇÃO DE ATIVIDADES	•Promoção de esportes com mínimo impacto à natureza e meio ambiente. •Cursos de atividades (agricultura, conservação da paisagem, artesanato)	•Polo atrativo para realização de feiras, congressos, cursos (formação/estudo)	
CULTURA E HISTÓRIA LOCAL	•Informações sobre a história local e prêmios ambientais. •Nível de turismo que auxilie na conservação e revitalização das artes, artesanatos, crenças e costumes locais.	•Valorização e preservação do patrimônio histórico. •Evitar descaracterização dos costumes da comunidade receptora com a valorização do artesanato e herança cultural. •Programas de educação para moradores locais para despertar sentimento de orgulho da área enquanto parte da cultura gerando engajamento em campanhas preventivistas.	•Valorização da cultura local por meio de programas de conscientização da população.
INTEGRAÇÃO SOCIAL	•Participação da população, associações e órgãos relevantes em parcerias, mesas redondas e atividades políticas de promoção do espaço no turismo.	•Prestar atenção aos desejos e as necessidades as queixas e os problemas dos turistas.	•Inclusão social e reforço do vínculo social entre residentes. Integração e respeito entre turistas e comunidade local, e entre os próprios turistas, minimizando as diferenças sociais entre todos.
INFRAESTRUTURA	•Volume adequado de desenvolvimento turístico que possa ser absorvido sem detrimento do estilo de vida local. •Padrões aceitáveis de serviços públicos, instalações e serviços.	•Desenvolver estudos de impacto do Turismo evitando as grandes aglomerações de turista e concentração de equipamentos. •Investimentos na destinação para atender aos turistas e outros setores. •Equipamentos capazes de atender a demanda e evitar saturação.	•Melhorias na infraestrutura básica das cidades turísticas. •Medidas de controle da violência urbana

LAZER		•Assegurar o direito ao lazer e às férias para a população. (apud OMT, 1983, p. 23 RUSCHMANN, 2005, p.28)	
-------	--	---	--

Tabela 2 – Compilação de diretrizes de análise sociocultural desenvolvida pela autora.

4.3.3. Aspectos Econômicos – Critérios para avaliação de impactos

	OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003, p. 149, 159 e 160	RUSCHMANN, 2005, p.28, 31, 69	LOHMANN E PANOSSO NETTO, 2011, p. 206, 207 e 215
FOMENTO AO MERCADO LOCAL	Aumento gradativo de visitas turísticas com impacto no volume de produtos e serviços. Custo das férias e “valor dado ao dinheiro”.	Criação de empregos indiretos relacionados ao turismo com passeios e lojas de souvenirs. Diversificação dos produtos de serviços turísticos para garantir a revalorização dos recursos desenvolvimento homogêneo em todo o território. (apud OMT, 1983, p. 8 RUSCHMANN, 2005, p.31)	Efeito multiplicador do turismo, no qual o dinheiro gasto pelos turistas é usado para pagar o salário dos empregados que, por sua vez, usam o dinheiro com compras no supermercado, na farmácia, para pagar contas de água e luz etc. Redistribuição de riquezas. Estímulo à geração de renda e emprego para a população envolvida com o turismo.
MARKETING	Promoção do local como atrativo turístico em mídias novas de baixo impacto ambiental. Redução do consumo de catálogos e folhetos e o estímulo à reutilização destes sugerindo que sejam passados a diante para amigos ou agências de turismo. Marketing agressivo para serviços que não ofereçam riscos ao meio ambiente	Estimular empreendimentos turísticos motivando a troca de experiências.	Diversificação da economia local, a partir do estabelecimento de pequenas e médias empresas que prestam serviços aos turistas.
PARTICIPAÇÃO SOCIAL	Parcerias empresariais e políticas para promoção do meio ambiente. Motivação para competições e eventos com possibilidade de patrocínio de melhorias na área de destino.	Estimular a participação de moradores locais nas propostas para desenvolvimento da localidade. Avaliação dos benefícios econômicos.	Propiciação da participação da comunidade envolvida na tomada de decisões.
INFRAESTRUTURA E MEIO	Atratividade da paisagem. Estímulo à visitação através do carácter ambiental e do design arquitetônico.	Financiamento Total parcial da infraestrutura básica e técnica necessária para evolução adequada da atividade turística dentro das normas de preservação	Propiciação da melhoria e criação de infraestrutura, que servirá tanto para os residentes quanto para os turistas.

		ambiental. (apud OMT, 1983, p. 8 RUSCHMANN, 2005, p.31) Manutenção da atratividade e consequente rentabilidade econômica.	
--	--	--	--

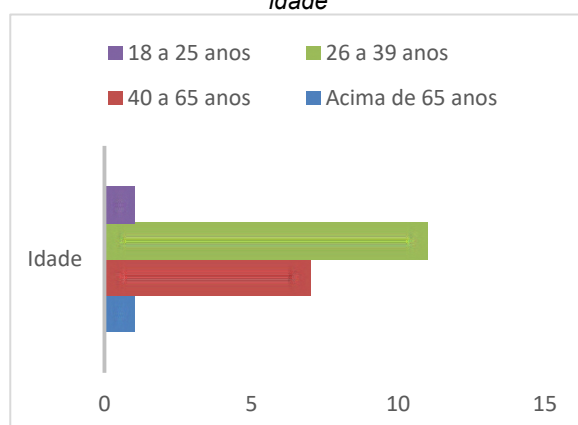
Tabela 3 – Compilação de diretrizes de análise econômica desenvolvida pela autora.

4.4. Avaliação dos Aspectos de Sustentabilidade do Parque da Cidade

Recorrendo a observações e entrevistas³ realizadas no parque, serão avaliados os aspectos citados anteriormente: ambientais, socioculturais e econômicos. Nas observações foi feito levantamento fotográfico que será apresentado à medida que seja necessária exemplificação.

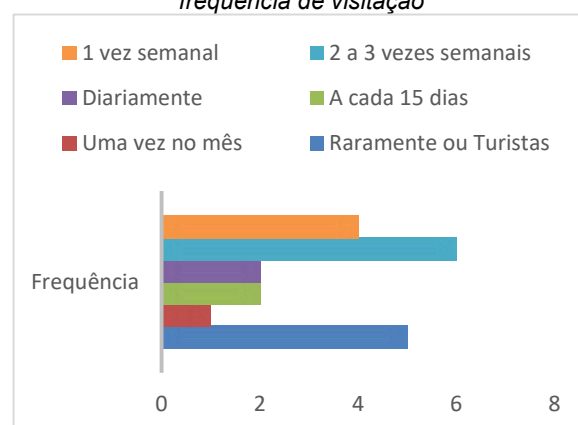
A maior parte dos entrevistados está nas faixas de 26 a 39 anos (55%) ou 40 a 65 anos (35%) como visualizado no Gráfico 1. Classificados de acordo com a frequência de visitação, os usuários da amostragem em 20% das vezes visitam o parque uma vez na semana, em 30% de 2 a 3 vezes na semana, em 10% quase todos os dias da semana, outros 10% a cada quinze dias, 5% uma vez ao mês e os restantes 25% tem uso mais eventual do parque incluindo nessa porcentagem os turistas que fizeram visitas sem regularidade (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Caracterização dos entrevistados por idade



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Gráfico 2 – Caracterização dos entrevistados por frequência de visitação



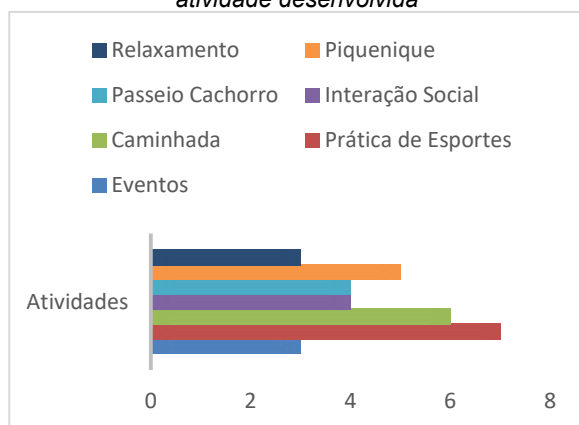
Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Nas observações e entrevistas, as atividades desenvolvidas pelos usuários foram divididas nas seguintes categorias: prática de esportes, lazer com a família em piqueniques ou churrascos, encontros para interação social, caminhada, passeio com

³ Entrevistas respondidas – Apêndice B

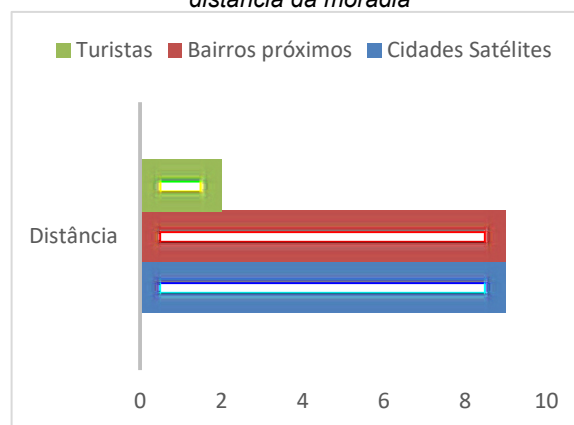
cachorros, visitação em festas e eventos ou passeio contemplativo para relaxamento. No Gráfico 3 a soma das atividades não corresponde ao total de entrevistados devido às intenções de visitação do parque com mais de um objetivo no mesmo dia ou pela variedade de atividades desenvolvidas por um mesmo usuário em visitas diferentes.

Gráfico 3 – Caracterização dos entrevistados por atividade desenvolvida



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Gráfico 4 – Caracterização dos entrevistados por distância da moradia



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

No público de amostragem das entrevistas, 45% moram em cidades s telites, outros 45% são moradores de bairros próximos e 10% são turistas confirmando a abrangência regional do parque (Gráfico 4).

4.4.1. Aspectos Ambientais

Na avaliação ambiental do Parque, foram avaliados os aspectos de conscientização ambiental, resíduos, gerenciamento de recursos, transporte, economia local e qualidade do espaço, aspectos detalhados na Tabela 1.

Localizada dentro do parque, a Escola da Natureza (Figura 12 e 13)   uma unidade de referência em educação ambiental que atende crianças de escolas públicas do Distrito Federal. Como destacado pela Agência Brasília, desde 1996 a escola trata de educação ambiental em uma área de 5 mil metros quadrados dentro do parque. A conscientização das crianças é feita através do contato com a natureza em atividades de “plantio, reciclagem e estudos sobre a água e o cerrado” (MOLL, 2017, on-line) a fim de tratar questões importantes como destinação de resíduos, biodiversidade e preservação hídrica.

Figura 12 – Escola da Natureza 1



Foto: Renato Araújo Fonte:
<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/08/27/escola-da-natureza-fortalece-consciencia-sustentavel-em-alunos-da-rede-publica/>

Figura 13 – Escola da Natureza 2



Fonte: <http://maiscandango.com.br/escola-da-natureza-fortalece-consciencia-sustentavel-em-alunos-da-rede-publica/>

Duas entrevistadas declararam saber da existência da Escola da Natureza e mesmo assim somente uma conhece alguém próximo que participou de ações de conscientização do projeto. Por meio de pesquisa na internet, foi possível saber sobre o projeto da Secretaria de Turismo: Abrace o Parque. A proposta é envolver a população e turistas com ações do governo e da iniciativa privada na busca pela gestão sustentável e consciente do Parque da Cidade. O programa é baseado em quatro eixos: “infraestrutura; qualidade de vida, esporte e educação; sustentabilidade e meio ambiente; e cultura, turismo e lazer” (SETUR, 2018, on-line). A ideia principal é que através deste programa haja uma expansão do potencial turístico do parque. Nesses eventos são desenvolvidas atividades de plantio de árvores, campanhas de limpeza do lago, assistências sociais à saúde, conscientização a respeito da limpeza do parque, recuperação da infraestrutura como: banheiros e mesas e cadeiras, além de oficinas de reciclagem, música e área de *foodtrucks*. (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2017). Apesar de estar a par da ocorrência desses eventos, a maioria dos entrevistados declaram nunca ter ouvido falar ou participado de campanhas de conscientização ambiental no parque. Alguns dizem já ter ouvido algo a respeito, mas nunca participado.

Sobre a sinalização para estímulo à preservação ambiental e à valorização dos espaços verdes, as placas são poucas e quando existentes têm direcionamentos genéricos como exemplificado na Figura 14: “Parque da Cidade: O templo do esporte, lazer e cultura. Preserve-o!” Nas entrevistas, os usuários dizem sentir falta de instruções para uso de equipamentos como churrasqueiras e mais sinalização nas

pintas de caminhada/ corrida e bicicleta (Figura 15), local onde os acidentes são eminentes pelo uso indevido dos usuários.

Figura 14 – Placa Conscientização Ambiental



Fonte: arquivo pessoal

Figura 15 – Pista de ciclismo e ao fundo caminhada



Fonte: arquivo pessoal

Apesar da falta de sinalização em algumas entrevistas fica clara a opinião de que a conscientização está associada ao conhecimento prévio e cultural dos visitantes e que deve ser estimulada para que seja um hábito independente das orientações visuais do local.

Figura 16 – Momento de Descanso



Fonte: arquivo pessoal

Figura 17 – Lazer com Família em Meio às Árvores



Fonte: arquivo pessoal

Percebe-se também que o convívio com a natureza é um ponto de valor para todos os entrevistados (Figuras 16 e 17). Além dos esportes e atividades de lazer, o fator: estar num ambiente natural, é um dos grandes motivadores para a visita, segundo afirmações dos entrevistados. Essa valorização é um dos elementos importantes para o desenvolvimento da consciência ambiental de acordo com Ruschmann (2005).

Figura 18 – Lixeira Parque Ana Lúdia



Fonte: arquivo pessoal

Figura 19 – Lixeira com Divisão Recicláveis



Fonte: arquivo pessoal

Nas observações no parque, avaliando o gerenciamento de resíduos, pode-se observar que os dias de maior volume de lixo são aos finais de semana. Áreas em que são feitos piqueniques e churrascos têm uma alta produção de resíduos e pouca quantidade de lixeiras ou destinações apropriadas (Figuras 18 e 19). Nota-se que, em grande parte dos locais visitados, o usuário leva o lixo até o local de coleta, porém, pelo formato das lixeiras (furadas) e tamanho incompatível com a necessidade de uso, muitos resíduos acabam espalhados ao redor dela.

Nesse caso também não há coleta diferenciada de materiais recicláveis. As lixeiras indicam uma separação de rejeitos que se encontra ilegível em grande parte dos locais além disso é desproporcional para o uso. A coleta é realizada pelo Serviço de Limpeza Urbana – SLU em sacos de lixo únicos e não separados (Figura 20).

Figura 20 – Coleta de Lixo



Fonte: arquivo pessoal

Figura 21 – Cinturão Verde

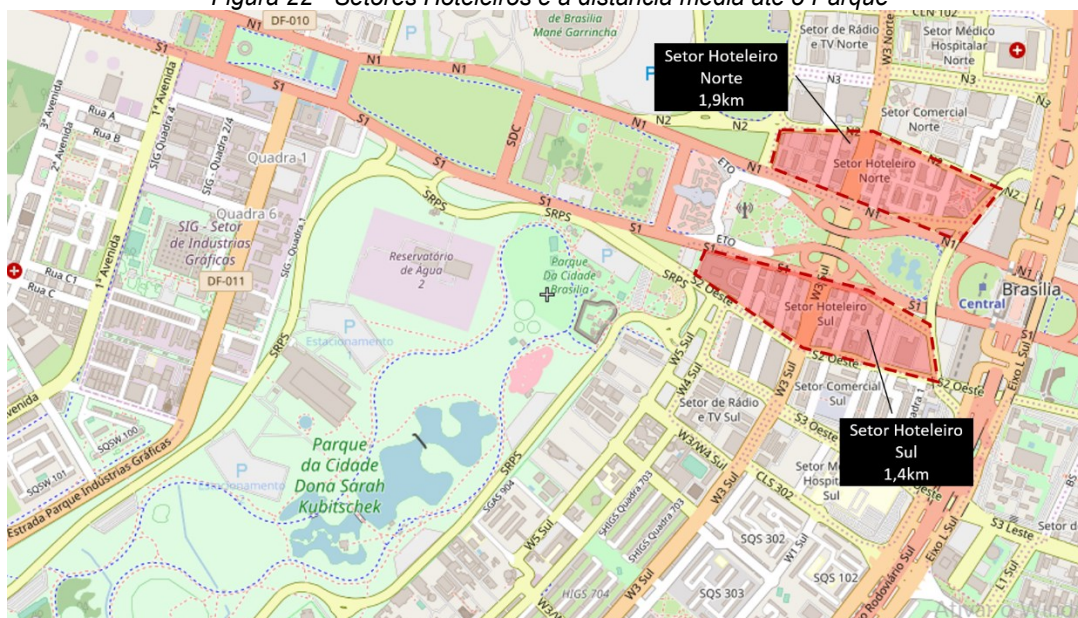


Fonte: arquivo pessoal

A respeito do gerenciamento de recursos, não é possível identificar no parque qualquer tipo de medida para redução do consumo de energia ou água. A energia é integralmente fornecida pela concessionária. Não é possível identificar pela observação qualquer sistema de reaproveitamento de água da chuva, no entanto o escoamento destas é feito para bolsas de retenção, para alimentação dos lagos e grande parte é drenada pela grande quantidade de área permeável. Em todo o parque é feito o tratamento das águas servidas pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal – Caesb.

A poluição sonora e do ar são minimizadas pelas grandes áreas verdes e arborizadas em torno dos núcleos de atividades e em torno das vias que circundam todo o parque (Figura 21). Somente em grandes eventos com shows para um público grande é que se pode notar algum tipo de ruído no entorno. Em todas as outras atividades realizadas no local, mesmo maior quantidade de público, como: exposições, conferências, eventos de feiras e corridas, não existe incômodo sonoro para os usuários do parque ou para os moradores de edifícios próximos.

Figura 22 - Setores Hoteleiros e a distância média até o Parque



Fonte: Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade, 2014, p.7

Para o acesso ao parque o meio de transporte mais utilizado é o carro. Apesar da sua localização em um espaço central da cidade o isolamento da área, com a barreira de edifícios e acesso somente através dos seis pontos citados anteriormente, incentiva mesmo o usuário que mora perto a usar o carro para fazer esse trajeto. Nas

entrevistas, somente as pessoas que não tinham possibilidade de ir de carro se locomoveram de transporte público ou a pé. Pela configuração das cidades satélites e pela abrangência regional do parque o acesso por meio de bicicletas ou a pé só pode ser feito por moradores das regiões próximas e, mesmo assim, estes devem estar dispostos a caminhar em média de 1 a 2 quilômetros para moradores da Asa Sul e Sudoeste e de 3 a 6 quilômetros para moradores da Asa Norte, por exemplo. Para turistas hospedados nos Setores Hoteleiros Sul e Norte essa distância varia de 500 metros a 1,9 quilômetros, em média (Figura 22)

Figura 23 – Estacionamento em um Domingo



Fonte: arquivo pessoal

*Figura 24 – Carros estacionados no gramado
Dia de evento*



Fonte: arquivo pessoal

Dessa forma, os estacionamentos, demarcados na Figura 8, aos finais de semana, dias de maior movimento, ficam cheios (Figura 23) e, nos casos de eventos de maior abrangência, os usuários estacionam nos gramados próximos às vias (Figura 24) ou até mesmo ocupando uma das faixas em baliza. Os estacionamentos são, em grande parte, sombreados e cercados por árvores o que diminui seu impacto visual e protege as áreas de descanso dos efeitos da motorização.

Na Pesquisa de Perfil e Satisfação do Turista (GDF, 2018), o transporte público é o aspecto com menor pontuação na avaliação dos turistas. Não obstante, na avaliação feita pelos entrevistados, o acesso ao parque por meio de qualquer outro meio de transporte é um dificultador que, em alguns casos, seria um inibidor do uso por não haver linhas de transporte coletivo dentro do parque e pela distância a ser percorrida partindo dos pontos de desembarque mais próximos.

Figura 25 – Quiosque de Coco



Fonte: arquivo pessoal

Figura 26 – Quiosque de Açaí



Fonte: arquivo pessoal

Os pontos de vendas de produtos e serviços no parque são em grande parte instalações provisórias que não refletem a essência do local e cuidado com a ecologia. Por serem instalações ainda sem regulamentação (GDF, 2014) não existe padronização ou uma identidade clara que corresponda aos objetivos ambientais do espaço (Figuras 25 e 26).

Figura 27 – Quiosque em dia de movimento



Fonte: arquivo pessoal

Figura 28 – Ambulantes na entrada do Parque Nicolândia



Fonte: arquivo pessoal

Não são comercializados artigos regionais de interesse turístico. A venda informal dos produtos (Figura 27), principalmente nos dias de maior movimento, é realizada nos pontos de maior movimento e relacionada principalmente com artigos alimentícios (Figura 28).

Figura 29 – Conjunto de banheiros com painel de Athos Bulcão



Fonte: arquivo pessoal

Figura 30 – Estrutura central Parque Ana Lúcia – Banheiros e lanchonete



Fonte: arquivo pessoal

Com alta capacidade física para receber pessoas, o parque pode sediar múltiplos eventos em simultâneo e ainda assim não impactar sobre a capacidade ecológica do local. No contexto de Brasília, os equipamentos e infraestrutura relacionados ao suporte de atividades são bem integrados à paisagem. A arquitetura existente, apesar de não ter sido executada com métodos e materiais mais sustentáveis, é adequada dentro do contexto histórico e cultural da cidade de Brasília e existe, dessa forma, um equilíbrio entre a cultura local e a paisagem do parque (Figuras 29 e 30).

4.4.2. Aspectos Socioculturais

Sobre os aspectos socioculturais, foram observados na avaliação os quesitos de impacto emocional, promoção de atividades, valorização da cultura e história local, integração social, infraestrutura e lazer, de acordo com as diretrizes da Tabela 2.

Para a maioria dos frequentadores o parque é uma opção para recuperação psicofísica no cotidiano. Para os moradores, que são usuários diários ou eventuais o parque representa uma opção de lazer que contribui para o alívio das tensões diárias, ao passar um tempo brincando com cachorros (Figura 31), passeando com a família e amigos, fazendo exercícios e até mesmo tocando bateria na beira do lago (Figura 32).

Figura 31 – Parcão, área de lazer para cachorros



Fonte: arquivo pessoal

Figura 32 – Usuário tocando bateria



Fonte: arquivo pessoal

A entrevistada nº 05, por exemplo, comenta: “Pra mim o parque é um escape emocional. É o lugar que venho pra relaxar e conhecer outras pessoas. É meu lazer mais importante”⁴. Para as turistas entrevistadas, a relação de bem-estar também é percebida, mas não está relacionada ao prazer cotidiano e sim a poder estar com a família ou passear em um espaço de parque. Na entrevista nº 14 a turista vinda de Curitiba ressalta: “Gosto bastante de frequentar parques, mas devo dizer que minhas expectativas em relação a este parque, em específico, eram maiores”⁵. Nota-se, com isso, que o descanso mental é o objetivo de frequentadores que são moradores da cidade e que, para o turista, a sensação de bem-estar também está relacionada com o encantamento com o local, a possibilidade de estar com pessoas queridas e de poder se surpreender a partir de experiências únicas que possam diferenciar um parque de outro.

O esporte, com importância para o equilíbrio mental, físico e incentivador de inclusão social, é uma das principais atividades desenvolvidas no parque. Praticado de acordo com a modalidade em áreas distintas, por usuários amadores e profissionais, na prática de corrida, ciclismo, vôlei de areia e quadra, futebol de campo e quadra, tênis, hípica, patins, skate, entre outros (Figuras 33 e 34)

⁴ Entrevista nº5, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

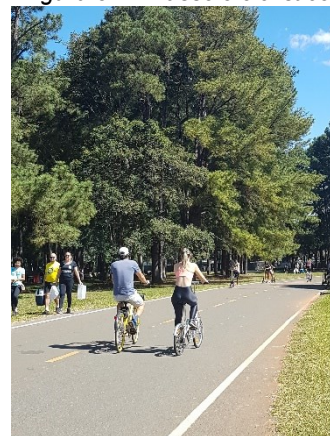
⁵ Entrevista nº14, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

Figura 33 – Quadras de vôlei de areia



Fonte: arquivo pessoal

Figura 34 – Passeio ciclístico



Fonte: arquivo pessoal

Nas estruturas para o esporte não foram utilizados materiais com menor impacto ambiental, porém eles possuem alta durabilidade e baixa manutenção reduzindo o impacto a longo prazo. O esporte nesse caso tem maior impacto positivo sobre os moradores da cidade que para os turistas.

Existe espaço para realização de feiras e congressos que possibilitam a capacitação através de cursos e congressos (Figura 35). Não foi possível obter a informação sobre a existência de algum curso no parque com relação à paisagem, agricultura ou artesanato.

Figura 35 – Pavilhão de Exposições



Fonte: arquivo pessoal

Figura 36 – Foguete Parque Ana Lúcia



Fonte: arquivo pessoal

O Parque da Cidade é parte importante da história de Brasília, no entanto não existem artifícios que possibilitem ao turista conhecer a história local. A valorização do espaço como parte do patrimônio cultural da cidade está relacionada com as experiências vividas ali pela população local. Nas entrevistas, as pessoas identificam

o espaço como importante pelo seu papel bucólico no contexto urbano de Brasília e principalmente pela conexão do lugar com seus momentos de infância. Uma das usuárias entrevistadas relaciona a história do parque com a história da sua vida em Brasília:

“Eu acho que tem relação demais! Assim, porque o parque faz parte da geração que cresceu em Brasília, brincou (...) eu fui no parquinho (Figura 36), fui no carnaval no parquinho, e depois comecei a frequentar a parte de esporte. Eu acho que tudo isso é a referência de lazer para quem cresceu aqui no Plano Piloto”⁶

Por esses fatores, muitos veem o parque como um local importante a ser preservado e restaurado para que as gerações crescidas em Brasília também vivam essa experiência tão nostálgica para a maioria.

Na recepção do turista, não existem pontos de atendimento para informações sobre serviços e produtos ou esclarecimento aos visitantes sobre a área com mapas e guias turísticos. Os espaços de forma geral permitem a integração social, no entanto ela acaba dependendo a vontade dos usuários já que essa integração não é incentivada fora dos eventos e festas. A turista entrevistada, por exemplo, se sentiu à vontade para interagir com um grupo local e participar de uma prática de yoga⁷. Nas entrevistas essa interação e a possibilidade de aumento na quantidade de turistas não incomoda os frequentadores do parque. A percepção da maior parte é de que o parque é grande e abraça a todos os tipos de visitantes independente da “tribo” que ela pertença (Figuras 37 e 38). Alguns acrescentam que essa deveria ser uma prática estimulada para que ocorressem mais investimentos em infraestruturas e maior orgulho local, como percebemos em um dos relatos:

“acho até que seria legal porque teria mais opções pra gente também, pra passear e passar um tempo. Vejo mais turistas aqui nesses eventos no pavilhão de exposições. Você quer que a pessoa venha e conheça uma cidade bonita e agradável. Queria que fosse melhor e tivesse mais atividades pra que o pessoal daqui também sentisse orgulho da cidade e cuidasse mais”⁸

A participação da comunidade é incentivada pela Secretaria de Turismo em trabalhos de proposição de melhorias para a atividade em Brasília. Como exemplo na elaboração do Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2016), foram

⁶ Entrevista nº15, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

⁷ Entrevista nº14, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

⁸ Entrevista nº13, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

desenvolvidas oficinas com participação da população para geração das propostas norteadoras para a promoção do parque como espaço turístico.

Figura 37 – Grupos de usuários diversos



Fonte: arquivo pessoal

Figura 38 – Reuniões informais



Fonte: arquivo pessoal

Todos os entrevistados citam pontos necessários de melhoria na infraestrutura do parque. Seja para o uso turístico ou local, os usuários percebem que os equipamentos e serviços atuais oferecidos no parque são insuficientes para a demanda do parque. Os banheiros, por exemplo, foram muitas vezes citados por estarem cheios ou fora das condições de uso. Nos casos em que o morador pensa em motivadores turísticos, existe a percepção de que faltam atrativos que vão além da prática de esportes, lazer com amigos e família e contemplação. Na percepção do usuário local:

(...) em outros parques você tem mais opções além da caminhada e dos esportes. Se você tivesse mais manutenção em algumas áreas aqui você poderia vir e tirar fotos e realmente ser um cartão postal. (...) Sentar num café na beira do lago ter uma vista bonita e um atendimento legal. Realmente ser um lugar para você sentar e aproveitar passando um tempo e melhor ainda consumindo.⁹

Acredito que melhorar locais como restaurantes fixos no parque e estrutura para os vendedores individuais que atendem aqui seria bom para os turistas e para as pessoas que fazem atividades no parque.¹⁰

Poderia se criar um redário, ou um cais ao redor do lago ou ainda um pátio coberto para realização de shows e outras atividades. Brasília não é uma cidade tão atrativa quanto algumas outras no resto do país. Não possuímos, por exemplo, uma praia ou cidades históricas.

⁹ Entrevista nº13, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

¹⁰ Entrevista nº16, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

Acredito que investir em uma boa infraestrutura no parque o faria um dos cartões postais da cidade.¹¹

Com relação à infraestrutura, a turista entrevistada destaca pontos de melhoria na sua percepção:

Com certeza a diagramação visual precisa ser melhorada, bem como a qualidade da infraestrutura, por exemplo, os sanitários estão em péssimas condições de uso, não há elementos voltados à acessibilidade, além disto tive dificuldade de encontrar uma lixeira para descarte de reciclável. Observei que são vários e diferentes acessos, mas não estão sinalizados de forma clara, tem falta de quiosques ou pontos de informação para turista, o que prejudicou a compreensão do parque como um todo e o reconhecimento de seus principais atrativos.¹²

Na opinião de todos os entrevistados, percebe-se a necessidade de melhorias nos serviços e infraestrutura, além do desenvolvimento de novas atividades e atrações que proporcionem uma variedade de experiências. No Plano de Turismo Criativo de Brasília, é proposto para o parque a transformação do espaço em um “museu de arte a céu aberto” (GDF, 2016, p.72). O objetivo seria, aos moldes de Inhotim (MG), criar um espaço de arte e cultura em Brasília que promova uma renovação constante do espaço de parque por meio de obras de arte que sejam um incentivo à integração e que promova atratividade do local (Figura 39).

Figura 39 – Proposta de museu no Parque da Cidade



Fonte Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2016, p.72)

¹¹ Entrevista nº18, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

¹² Entrevista nº14, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

Essa é uma das propostas que contribuem para a melhoria do espaço para os moradores e turistas com equipamentos capazes de atrair a atenção turística e investidores para parcerias público-privado.

Figura 40 – Área de vegetação sem atividades



Fonte: arquivo pessoal

Figura 41 – Policiamento montado



Fonte: arquivo pessoal

Outro ponto de descontentamento dos entrevistados foi com relação à segurança. A maioria aponta o aspecto como algo a melhorar. De forma geral, os usuários se sentem tranquilos ao frequentar o parque em horários de grande movimento e nas regiões mais movimentadas. A maioria comenta que no horário da noite, por exemplo, não teriam coragem de passear no local. Pela quantidade de áreas verdes sem atividades ou monitoramento, os pontos cegos acabam sendo muitos e gerando medo nos frequentadores (Figura 40).

Figura 42 – Praça das Fontes



Fonte: arquivo pessoal

Figura 43 – Parque Castelinho

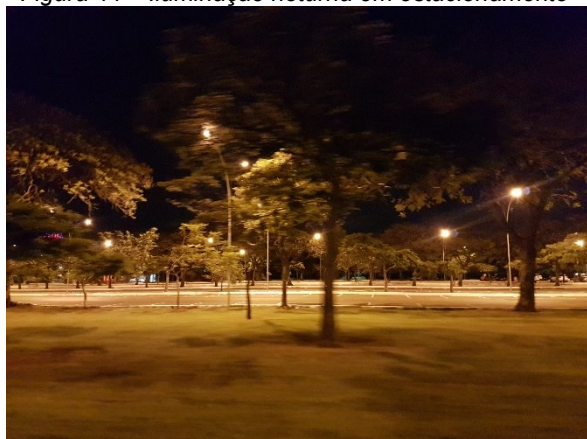


Fonte: arquivo pessoal

Durante as observações, foram vistos alguns tipos de rondas policiais: através da polícia montada (Figura 41), policiamento com motos nas trilhas de caminhada,

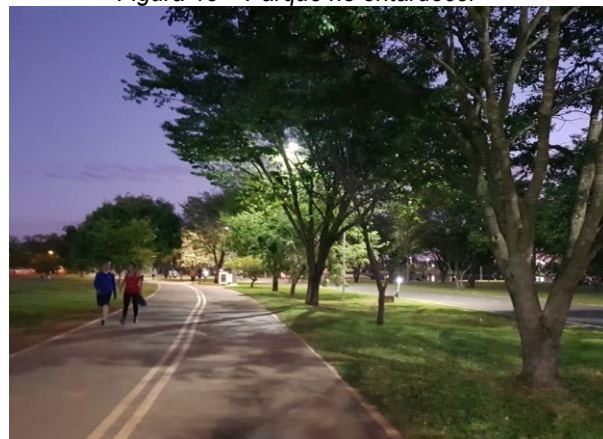
corrida e parques infantis, seguranças em pontos de banheiros e com camburões nas pistas e estacionamentos do entorno. A melhoria nesse caso se dá também pelo uso do espaço. Locais de melhor visibilidade, como é o caso da Praça das Fontes (Figura 42) e do Castelinho (Figura 43), acabam sendo pouco monitorados e dessa forma alvo de vandalismo e violência.

Figura 44 – Iluminação noturna em estacionamento



Fonte: arquivo pessoal

Figura 45 – Parque no entardecer



Fonte: arquivo pessoal

A baixa iluminação noturna da área é um dos fatores para a sensação de insegurança dos usuários. Nas Figuras 44 e 45 é possível notar como a massa de vegetação gera um sombreamento da iluminação artificial que foi distribuída com fontes altas algumas vezes por cima das copas das árvores.

4.4.3. Aspectos Econômicos

Com relação aos aspectos econômicos, foram mensurados os impactos na observação de quesitos como: o fomento ao mercado local, marketing, participação social e infraestrutura e meio ambiente de acordo com os tópicos detalhados na Tabela 3.

Os produtos e serviços disponíveis diariamente no parque são utilizados em grande parte pelo público local. Dessa forma, não se percebe que existe um efeito multiplicador desses serviços em função do turismo. Em grandes eventos como: congressos, festas e corridas nota-se um aumento considerável dos turistas que vão à cidade para participar dos eventos. Nesses casos, próximo à área do evento, instalam-se comerciantes em barracas temporárias ou *foodtrucks* (Figura 46), o que é um diferencial na geração de renda do vendedor de comida ambulante.

Figura 46 – Ambulantes próximo ao evento Fun Festival (jun/2019)



Fonte: arquivo pessoal

Figura 47 – Comércio dentro do evento Fun Festival (jun/2019)



Foto: Guilherme Soares

Em grande parte dos grandes eventos também são criados empregos temporários relacionados à prestação de serviços e produtos. O evento *Fun Festival*, por exemplo, realizado no Parque da Cidade no período de 11 de maio a 30 de junho de 2019, é um evento com proposta de atrações musicais, venda de roupas e artigos de moda local, espaço de gastronomia, *foodtrucks*, café da manhã, feira orgânica, espaços para esportes de aventura como: *bungee jump* e tirolesa. Um espaço temporário montado para atrair moradores e turistas e estimular a permanência com atrações durante todo o dia. (Figuras 47, 48 e 49).

Figura 48 - Área Interna Fuun Festival



Foto: Guilherme Soares

Figura 49 - Área Interna Fuun Festival

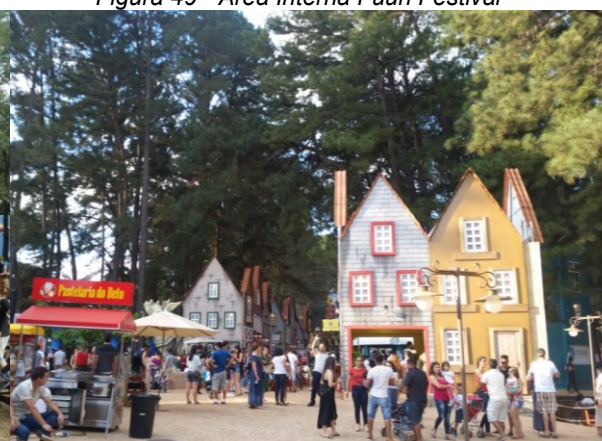


Foto: Guilherme Soares

Existem atualmente feiras e eventos de ocorrência anual no Parque da Cidade que já são esperados e reconhecidos pela população local e que recebem expositores de todas as partes do Brasil e com a exposição também de artistas e produtores locais. Esses tipos de empreendimentos geram uma diversificação na renda dos artistas locais, reconhecimento destes pela população além da troca de experiências culturais.

A possibilidade de receber grandes eventos no parque é um ponto positivo para o turismo da cidade por ser um dos segmentos do Plano de Turismo Criativo de Brasília (GDF, 2016), que contribui para o desenvolvimento econômico e social através da geração de empregos e renda na capital.

A divulgação do Parque como atrativo turístico é feita de maneira básica no portal da Secretaria de Turismo (SETUR, 2017). A promoção do local através dessa e de outras mídias poderiam ser implantadas de forma mais agressiva, oferecendo serviços de baixo impacto ambiental em um sistema com redução do consumo de matérias-primas como papéis e folhetos. Além dessa estratégia, a oferta de serviços de apoio ao turista dentro do parque também é uma opção para diversificação da economia.

O envolvimento da comunidade no desenvolvimento do Parque da Cidade tem alta relevância principalmente pela influência dos moradores sobre as indicações de lugares a conhecer na cidade. No último ano, 21,1% dos turistas que visitam a cidade têm o objetivo de visitar a família e amigos (GDF, 2018). Nesse cenário, a percepção dos próprios moradores locais tem peso sobre as decisões de visitação e consumo. Durante a entrevista, muitos dos moradores, quando perguntados se o Parque da Cidade seria um dos locais que eles indicariam para um visitante, disseram que sim e, na maioria dos casos, destacaram que indicariam atividades de caminhada e contemplação. Os entrevistados que não indicariam, acreditam que existem outros pontos turísticos mais interessantes para a visitação.

Do ponto de vista do lazer esportivo eu acredito que seja um bom parque. Acho que faltam edifícios culturais, como por exemplo existe no Ibirapuera em São Paulo. É um potencial a ser explorado. Também faltam pontos para alimentação que poderiam aumentar o movimento. Acho que ele tem mais papel de equipamento para a comunidade local que turístico (...). Costumo receber parentes e amigos e os levo para conhecer Brasília. Temos muitos outros pontos turísticos e por isso, na maioria das vezes o parque da cidade não está na minha lista de lugares para visitar.¹³

A área tem grande potencial para promoção de grandes competições e eventos esportivos que gerem possibilidade de patrocínios empresariais para melhoria do Parque. Esse tipo de financiamento associado a uma política de evolução do parque

¹³ Entrevista nº02, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

como destino turístico é uma estratégia para manutenção do espaço gerando mais visibilidade e consequentemente maior rentabilidade.

Figura 50 – Parque Nicolândia



Fonte: arquivo pessoal

Figura 51 – Pista de Kart – Carreira Kart



Fonte: arquivo pessoal

Atividades de lazer proporcionadas por empresas particulares como o Parque Nicolândia (Figura 50) e o Carreira Kart (Figura 51) são opções que movimentam o parque e criam alternativas de passeio e diversão para os turistas e moradores. Nesse caso, o equilíbrio entre a qualidade do serviço e gestão do espaço são importantes pontos de avaliação para a continuidade da concessão do espaço.

Ainda com intuito de estimular um maior número de visitas a paisagem arquitetônica do parque deve ser melhorada. Um dos pontos atrativos para alguns visitantes é conhecer o Parque da Cidade pelo seu contexto histórico de relação com grandes nomes da arquitetura brasileira com Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Burle Marx e Athos Bulcão. A turista entrevistada confirma esse aspecto: “Fiquei interessada por ser arquiteta e ser um projeto do Oscar Niemeyer, com paisagismo do Burle Marx, em área urbanística desenvolvida pelo Lúcio Costa”¹⁴. Apesar do peso dessa apresentação do parque, a estrutura atual, em comparação ao projeto original, não representa de forma justa o legado desses profissionais.

Os prédios de forma geral não têm identificação e em alguns casos manutenção adequadas, como é o caso do antigo pesque e pague (Figura 52) que permaneceu fechado por muitos anos e atualmente é utilizado de forma temporária para o evento de cultura e gastronomia – Hidden. Apesar da proposta trazer mais

¹⁴ Entrevista nº14, concedida à autora no Parque da Cidade. Apêndice B

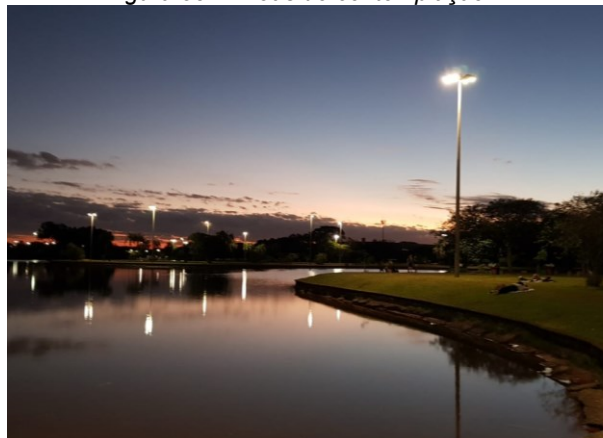
vitalidade e movimento para a área, principalmente no período da noite, pela sua característica de uso provisório não foram feitos investimentos, por exemplo, na melhoria do acesso e entorno.

Figura 52 – Antigo pesque e pague



Fonte: arquivo pessoal

Figura 53 – Áreas de contemplação



Fonte: arquivo pessoal

Como citado no Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade (GDF, 2014) os projetos paisagísticos desenvolvidos por Burle Marx não foram concluídos e em alguns casos não foram executados na sua totalidade. São aspectos importantes que devem ser estudados e recuperados para que do ponto de vista turístico e cultural o parque seja um ambiente que reflita a história local e valorize o paisagismo o design e a arquitetura (Figura 53).

4.5. Considerações Finais Quanto aos Quesitos Principais

Avaliando os aspectos ambientais entende-se que a preocupação dos usuários com esse aspecto é necessária principalmente por ser um dos elementos principais de uso do espaço – o contato com a natureza. Dessa forma a conscientização ambiental deve ser cada vez mais difundida principalmente em eventos que integrem cultura e lazer para a maior abrangência e alcance de pessoas. O projeto da Secretaria de Turismo: Abrace o Parque, nesse caso, é uma proposta válida e de grande impacto que pode ser expandida através de parcerias que visem, além da produção de grandes eventos de maior abrangência, a produção de pequenas mobilizações que sejam mais frequentes para um impacto de maior quantidade de moradores e turistas. Nesse caso podem ser estimuladas posturas quanto ao cuidado e preservação do parque e instruir os usuários quanto às maneiras de uso de equipamentos e serviços.

Com relação aos resíduos é necessária reformulação dos pontos de coleta e correto dimensionamento de lixeiras e direcionamento de separação do lixo. A implantação da coleta seletiva poderia ser usada como motivador para essas mudanças e integrada com programas de educação ambiental um diferencial para a cidade. No Plano de Turismo Criativo de Brasília uma das premissas é “tornar Brasília modelo de sustentabilidade” (GDF, 2016, p.35), e essa seria uma medida de impacto visual que reforça essa ideia para o turista que visita principalmente os pontos turísticos e será impactado por aquilo que tiver contato durante seus passeios.

Devido ao forte aspecto ambiental do parque o consumo racional de energia e água poderiam ser implantados tanto para a economia local quanto como exemplo motivador para moradores e turistas. O uso de água da chuva, tratamento alternativo de águas servidas e incentivo à ampliação de áreas permeáveis para infiltração poderiam ser implantados como exemplo no parque e comercializados na forma de cursos e especializações para interessados tornando essa prática mais vista pela comunidade e visitantes e eliminando dessa forma preconceitos e mitos a respeito dessas técnicas.

O grande uso de carros no local é um dos pontos a ser trabalhado. Implementar o transporte público dentro do parque é uma tarefa que requer cuidado aos aspectos ambientais e culturais da região. Existe a necessidade de avaliar os melhores pontos de conexão e fazer uma relação desse novo elemento como parte de um roteiro bucólico e turístico da cidade. As ciclovias precisam ser mais integradas com o sistema implantado na cidade, incentivando o morador a preferir esse transporte e além disso devem ser implantados mais pontos de aluguel do equipamento para que o turista possa preferir o meio não motorizado não só pela facilidade do acesso e consciência ambiental, mas para ter uma experiência diferenciada na percepção da cidade.

Devido à falta de regularização dos quiosques as estruturas existentes não são atrativas visualmente nem possuem variedade de produtos relacionados às ofertas regionais. É necessária além da padronização incentivos para proporcionar aos visitantes variedade de produtos que estejam de acordo com a infraestrutura local e que demonstrem relação com aspectos ecológicos. É importante também manter a

tradição entre os elementos construídos e a cultura do local, priorizando elementos que se integrem à paisagem e cultura de Brasília.

Observado os impactos socioculturais percebe-se que a relação emocional dos usuários com o espaço tem afinidade com o bem-estar provocado pelo contato com a natureza e com a nostalgia de quem cresceu em Brasília. O parque, nesse caso, é valorizado por esses usuários que se apropriam do local pelo valor sentimental que ele representa. No caso dos turistas faltam locais onde seja contata a história local e ressaltada a cultura e artesanato da região o que ajuda na valorização histórica do parque e contribui para gerar maior engajamento da população nas atividades de prevenção e preservação. Faltam pontos de atendimento ao turista e locais, além dos eventos, onde seja estimulada a interação social. Mesmo através de mídias on-line o turista encontrará poucas informações a respeito do local e seus atrativos para visita com indicação em mapas e guias.

A infraestrutura e oferta de serviços de modo geral é um ponto que precisa de muitas melhorias. Além das necessárias estruturas de suporte das atividades devem ser propostas novas estruturas e atividades que atendam ao anseio do turista com objetivo de melhorar a qualidade para o morador e aumentar a atratividade turística.

Devido às dimensões do parque os espaços amplos e sem visibilidade tornam-se um problema com relação a segurança. Além do policiamento, o uso das áreas com diversidades de serviços em horários variados aumenta a visibilidade e movimenta o local de forma a garantir maior segurança para os visitantes. A iluminação nesse caso também pode ser melhorada utilizando princípios de iluminação vegetal para evitar o sombreamento das áreas de circulação.

Já na avaliação dos impactos econômicos percebe-se que o turismo ainda não produz grandes efeitos positivos na economia das atividades cotidianas do parque. O turista nesse caso está mais relacionado com a promoção de eventos, congressos, corridas e festas do que com as visitas em viagens para conhecer a cidade. Nos grandes eventos existe um fomento do mercado efêmero que gera renda para ambulantes, funcionários temporários e empresas com possibilidade de atender de maneira móvel como foodtrucks, artistas e artesãos, comerciantes de produtos locais com parte do seu repertório em stands e até mesmo restaurantes.

A visibilidade dos produtos regionais em eventos nacionais e internacionais é um ponto positivo por possibilitar a expansão de negócios e produtos acarretando a troca de experiências e a promoção da cidade estimulando o mercado local.

Para o desenvolvimento econômico da área são necessárias propostas que estimulem o envolvimento da comunidade local na tomada de decisões e estímulo à frequência do espaço através de melhorias com objetivo de estimular o morador a promover o espaço para possíveis turistas através das redes sociais e contatos de amigos e familiares.

O desenvolvimento da área com foco na história, design e cultura local deve ser realizado com intuito de valorizar e preservar, mas também com foco no crescimento econômico da região. Como nos exemplos citados anteriormente as parcerias público-privadas podem ser incentivadas para possibilitar maior variedade de atividades. Os planos de desenvolvimento com base nisso podem estimular melhorias na infraestrutura dos espaços ao mesmo tempo que estimulam o turismo e um maior número de visitas regionais.

De toda forma é preciso que haja uma sincronia entre os grupos interessados no desenvolvimento turístico da área. A comunidade, as empresas privadas e o governo devem desenvolver parcerias que gerem benefícios para todos os envolvidos.

5. CONCLUSÃO

Compreendendo a atividade turística como força motivadora para evolução de cidades nos quesitos ambiental, sociocultural e econômico, busca-se a transformação dos espaços para maior atratividade de visitantes e através do controle de impactos negativos e estímulo dos impactos positivos melhorar a qualidade de vida da população local.

Com a crescente expansão e adensamento das cidades os parques urbanos se tornam cada vez mais relevantes e necessários para atender as demandas da população. Os usuários buscam nesses espaços de lazer infraestruturas para prática de esportes, atividades culturais e artísticas, momentos de interação social e o contato com a natureza para relaxamento e contemplação.

O estudo no Parque Dona Sarah Kubistchek – Parque da Cidade, em Brasília, teve como objetivo geral avaliar a situação atual do parque urbano quanto aos objetivos do turismo sustentável e analisar se essas diretrizes contribuem para proporcionar também o desenvolvimento do parque de maneira sustentável e com melhorias significativas para a população local.

O parque é um espaço que representa a cultura de Brasília e desperta um sentimento de pertencimento nos moradores que cresceram no local e até mesmo nos que se mudaram a pouco para a capital. Com abrangência regional e com diversidade de núcleos o espaço é adequado para o uso cotidiano, lazer aos finais de semana e até mesmo para atrações e eventos de datas especiais.

Apesar da importância histórica e conceitual do parque na história de Brasília observa-se que os investimentos e melhorias na qualidade do local, ao longo dos anos, foram realizados para atender a demanda local de uso. Dessa forma percebe-se que os investimentos em infraestruturas ou atividades que impulsione maior fluxo de turistas no parque ainda não são suficientes.

Quanto aos aspectos analisados conclui-se que, apesar de ser uma importante referência para os moradores, o parque enquanto atrativo turístico ainda tem muitos vazios a preencher. Como apontado anteriormente a implementação de práticas relacionadas ao turismo sustentável nos aspectos ambientais, socioculturais e

econômicos é uma das maneiras de promover o espaço como atrativo turístico, incentivar o lazer local com sustentabilidade e nortear o crescimento com redução dos impactos negativos do turismo. Um parque dessa dimensão dentro da malha urbana possibilita a implantação de diversas formas de lazer para os moradores e para o turista pode ser um ponto de impacto na sua experiência na cidade.

A baixa quantidade de atividades turísticas dentro do parque torna o local pouco atraente e com baixa visitação. A implementação das melhorias levantadas deve estar em harmonia com a atmosfera local permitindo a prática do turismo e simultaneamente a busca por maior qualidade de vida dos moradores.

Durante as entrevistas foram escolhidas pessoas disponíveis e que de acordo com os grupos pré-estabelecidos de visitantes se tornaram convenientes. Essa amostragem não probabilística impõe limitações à pesquisa devido à baixa representação em comparação ao número total de usuários do parque. Dessa forma as afirmações realizadas a partir do resultado das entrevistas não são gerais e são o reflexo da opinião de um pequeno grupo em comparação ao conjunto de frequentadores. Apesar dessa limitação, a pesquisa exploratória gerou dados suficientes para obtenção de uma imagem genérica do usuário do Parque da Cidade e que ajudam na avaliação geral dos aspectos analisados.

O turismo como atividade deve ser planejado de modo a gerar impactos positivos e benéficos para a cidade visitada. A partir da exploração dessa indústria, com foco na geração de empregos, renda, proteção ambiental, proteção cultural e patrimonial, gerenciamento de recursos, integração social, entre outros aspectos, é possível melhorar a qualidade de vida dos moradores e promover a cidade nos âmbitos nacionais e internacionais estimulando através do turismo o desenvolvimento sustentável das comunidades receptoras.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASÍLIA. Programa para mobilizar frequentadores do Parque da Cidade será lançado no sábado (11). **Agência Brasília**, Brasília, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/11/09/programa-para-mobilizar-frequentadores-do-parque-da-cidade-sera-lancado-no-sabado-11/>. Acesso em: 10 junho 2019.

ÁVILA, Cristina. Vida ao ar livre no Parque da Cidade. **Agência Brasília**, Brasília, 21 mar. 2012. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2012/03/21/vida-ao-ar-livre-no-parque-da-cidade/>. Acesso em: 29 maio 2019.

BACAL, S. S. et. al. Turismo sustentável no Brasil: utopia ou possibilidade? **Revista Gerenciais**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 175-181, 2007.

BARCELLOS, Vicente Quintella. Os Parques: Velhas Idéias e Novas Experiências. **Paisagem Ambiente Ensaio**, São Paulo, n. 13, p. 49-71, dez 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/134113-Texto%20do%20artigo-258106-1-10-20170629.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol; ÁLVARES, Lúcia Capanema. **A Construção do Turismo: Megaeventos e outras estratégias de venda das cidades**. Belo Horizonte: Editora Arte, 2014.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

_____. **Las Actividades Turísticas y Recreacionales**: El hombre como protagonista. 3. ed. México: Editorial Trilhas, 1990.

BRASIL. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado do Esporte, Turismo e Lazer do DF. Secretaria Adjunta de Turismo. **Plano de Turismo Criativo de Brasília** / Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado do Esporte, Turismo e Lazer do DF, Secretaria Adjunta de Turismo, Brasil. – Brasília: SEBRAE/DF, Escola de Criatividade, 2016. 121p.

BRUZZESE, Antonella. Brasília: Três Desafios para o Futuro. *In*: SABOIA, Luciana; DERNTL, Maria Fernanda (org.). **Brasília 50+50**: Cidade, história e projeto. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

CARDOSO, Silvia Laura Costa; SOBRINHO, Mário Vasconcellos;
VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. **Gestão ambiental de parques urbanos**: o caso do Parque Ecológico do Município de Belém Gunnar Vingren. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [S. l.], p. 74-90, jan/abr 2015.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/urbe/v7n1/2175-3369-urbe-7-1-0074.pdf>.
Acesso em: 17 maio 2019.

CHIESURA, Anna. The role of urban parks for the sustainable city. **Elsevier**: Landscape and Urban Planning, Wageningen, ano 2004, n. 68, ed. 68, p. 129-138, 2004. Disponível em: <http://isfahan.ir/Dorsapax/userfiles/file/urbanlatin.pdf>. Acesso em: 17 maio 2019.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA MODERNA – CIAM. **Carta de Atenas**. [S. l.]: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, novembro 1933. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília: Dep Tur Distr Fed, 19. 12 p, 1956.

_____. Brasília Revisitada, 1985 – 1987: Complementação, Preservação, Adensamento e Expansão Urbana. *In*: LEITÃO, Francisco (org.). **Brasília 1960-2010**: Passado, Presente e Futuro. Brasília: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009, p. 69-77

COSTA, Maria Elisa; LIMA, Adeildo Viegas de. Brasília 57-85: do plano piloto ao Plano Piloto. *In*: LEITÃO, Francisco (org.). **Brasília 1960-2010**: Passado, Presente e Futuro. Brasília: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009, p. 45-67

DECLARAÇÃO da Conferência de ONU no Ambiente Humano. Estocolmo: Ministério do Meio Ambiente, 5-16/ junho 1972. Tradução Livre. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc. Acesso em: 14 maio 2019.

DECLARAÇÃO de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável. 2002: Ministério do Meio Ambiente, [2002?]. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/ai/_arquivos/decpol.doc. Acesso em: 1 maio 2019.

FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 667-681, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512017000300667&lng=pt&nrm=iso. acesso em: 21 mar. 2019.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. 8ª edição. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOROVITZ, Matheus. **Brasília Uma Questão de Escala**. São Paulo: Projeto, 1985.

GOULART, Fábio Giovani Teles. **A Conservação do Ambiente Urbano na Área Tombada de Brasília**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – GDF (Brasil). Documento Técnico. **Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade**, Brasília: [s. n.], p. 1-71, 2014. Disponível em: <http://www.seduh.df.gov.br/wp-content/uploads/joomla/7cc18e2db5635f350f750bc826584ec7.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – GDF (Brasil). Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer. **Pesquisa de Perfil e Satisfação do Turista**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.observatorioturismo.df.gov.br/>. Acesso em: 4 jun. 2019.

GUSMÃO, Cristiane. Escala Bucólica: Os Três Mosqueteiros são Quatro. *In*: LEITÃO, Francisco (org.). **Brasília 1960-2010: Passado, Presente e Futuro**. Brasília: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009, p. 159-181

HANAI, F. Y. **Sistema de Indicadores de Sustentabilidade**: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, estado de Minas Gerais, Brasil. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental – Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) – Universidade de São Paulo (USP), São Carlos-SP, 2009.

HOLANDA, Frederico de; TENORIO, Gabriela de Souza. Patrimônio, Preservação e Poder. *In*: SABOIA, Luciana; DERNTL, Maria Fernanda (org.). **Brasília 50+50: Cidade, história e projeto**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN (Brasil). **Conjunto Urbanístico de Brasília – DF**. [S. l.: s. n.], [ca. 2017]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/df/pagina/detalhes/1271>. Acesso em: 28 maio 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Portaria nº 314, de 08 de outubro de 1992. *In*: LEITÃO, Francisco (org.). **Brasília 1960-2010: Passado, Presente e Futuro**. Brasília: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009. p. 79-83.

KATINSKY, Julio Roberto. Prefácio. *In*: GOROVITZ, Matheus. **Brasília Uma Questão de Escala**. São Paulo: Projeto, 1985.

LEITÃO, Francisco (org.). **Brasília 1960-2010: Passado, Presente e Futuro**. Brasília: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do turismo**: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2011.

MARUJO, Maria Noémi e CARVALHO, Paulo. Turismo, planejamento e desenvolvimento sustentável. **Revista Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 147-161, outubro de 2010. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10174/4146>>. acessos em 04 mar. 2019.

MELO, Mariana Inocência Oliveira. **Parques Urbanos, a Natureza na Cidade: Práticas de Lazer e Turismo Cidadão**. Orientador: Professora Dra. Karina e Silva Dias. 2013. 204 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: repositorio.unb.br/handle/10482/14302. Acesso em: 17 maio 2019.

MELO, Mariana Inocência Oliveira; DIAS, Karina e Silva. Artigo. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, IX., 2012, Universidade Anhembi Morumbi. **Parques Urbanos: Práticas de Lazer e de Turismo** [...]. São Paulo: [s. n.], 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://cet.unb.br/images/documentos/divulgacao/mariana%20melo.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

MOLL, Gabriela. Escola da Natureza Fortalece Consciência Sustentável em Alunos da Rede Pública. **Agência Brasília**, Brasília, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/08/27/escola-da-natureza-fortalece-consciencia-sustentavel-em-alunos-da-rede-publica/>. Acesso em: 07 junho 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Tradução: Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAVIANI, Aldo (org.). **Brasília – Gestão Urbana: Conflitos e Cidadania**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

PIGRAM, John J.; WAHAB, Salah. **Tourism, Development and Growth: The Challenge of Sustainability**. USA and Canada: Routledge, 1997.

QUEIROZ, Danilo. Brasília conquista título de cidade criativa em design da Unesco. **Correio Braziliense**, Brasília, p. on-line, 31 out. 2017. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/10/31/interna_cidade_sdf,637847/brasil-conquista-titulo-de-cidade-criativa-em-design-da-unesco.shtml. Acesso em: 29 maio 2019.

RAIMUNDO, Sidnei; SARTI, Antonio Carlos. Parques urbanos e seu papel no ambiente, no turismo e no lazer da cidade. **Revista Iberoamericana de Turismo –**

RITUR, Penedo, v. 6, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em:

<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2791>. Acesso em: 17 maio 2019.

RECENA, Jaime. Apresentação. *In*: BRASIL. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado do Esporte, Turismo e Lazer do DF. Secretaria Adjunta de Turismo. **Plano de Turismo Criativo de Brasília** / Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado do Esporte, Turismo e Lazer do DF, Secretaria Adjunta de Turismo, Brasil. – Brasília: SEBRAE/DF, Escola de Criatividade, 2016. 121p.

RODRIGUES, Ana Paula et al. Apoio da comunidade residente ao desenvolvimento turístico sustentável: um modelo de equações estruturais aplicado a uma cidade histórica do Norte de Portugal. **TMStudies**, Faro, v. 10, n. 2, p. 17-25, jul. 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-84582014000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 mar. 2019

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. São Paulo: Papirus, 2005.

SABOIA, Luciana; DERNTL, Maria Fernanda (org.). **Brasília 50+50: Cidade, história e projeto**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 95 p. ISBN 858643535x.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Narrativas Históricas e Culturais de Brasília. *In*: SABOIA, Luciana; DERNTL, Maria Fernanda (org.). **Brasília 50+50: Cidade, história e projeto**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

SECRETARIA DE TURISMO – SETUR (Brasil). **Abrace o Parque**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <http://www.turismo.df.gov.br/abrace-o-parque/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. **Parque da Cidade**. Brasília, 6 dez. 2017. Disponível em: <http://www.turismo.df.gov.br/parque-da-cidade/>. Acesso em: 29 maio 2019.

SILVA, Carlos Henrique R. Tomé. Estocolmo'72, Rio de Janeiro'92 e Joanesburgo'02: as três grandes conferências ambientais internacionais. **Boletim do**

Legislativo, Brasília, v. 6, p. 1-6, 1 jul. 2011. Disponível em:
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242512>. Acesso em: 1 maio 2019.

SWARBROOKE, Jonh. **Turismo Sustentável**: Setor Público e Cenários Geográficos. V.2, São Paulo: Aleph, 2000a.

_____. **Turismo Sustentável**: Setor Público e Cenários Geográficos.V.3, São Paulo: Aleph, 2000b.

_____. **Turismo Sustentável**: Setor Público e Cenários Geográficos.V.4, São Paulo: Aleph, 2000c.

_____. **Turismo Sustentável**: Setor Público e Cenários Geográficos.V.5, São Paulo: Aleph, 2000d.

TANURE, Joana Dias. **O projeto de paisagismo de Burle Marx e equipe para o "Parque da Cidade" em Brasília**. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

VALLS, Josep-Francesc. **Gestão Integral de Destinos Turísticos Sustentáveis**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VARGAS, H.C. Turismo e valorização do lugar. **Revista turismo em análise**, São Paulo, 9 (I): 7-19, maio 1998.

VARGAS, Heliana Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (orgs.). **Turismo, Arquitetura e Cidade**. (Série Intervenções Urbanas). Edição do Kindle, 2016.

WORLD TOURISM ORGANIZATION et al. **Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework**. Luxembourg, Madrid, New York and Paris: United Nations publication, 2001. 136 p. Disponível em:
https://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesF/SeriesF_80E.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN

Curso de Especialização em Sustentabilidade do Ambiente Construído

Entrevista: Parque Dona Sarah Kubistchek – Parque da Cidade

Essa entrevista busca investigar quais são as percepções sociais e psicológicas do usuário com relação ao espaço utilizado e qual sua opinião a respeito dos impactos do turismo. A entrevista é parte da pesquisa de campo desenvolvida para o estudo de caso alvo da monografia “Turismo e Desenvolvimento Sustentável de Cidades: Um Estudo de Caso do Parque Sarah Kubitschek em Brasília”.

Na busca por uma entrevista semiestruturada onde o objetivo principal será a espontaneidade e flexibilidade para aprofundar questões e captar a opinião dos visitantes, as perguntas relacionadas servem de guia norteador para averiguar as informações necessárias.

Entrevista nº _____

Qualificação do Entrevistado

Idade	_____	Frequência Visitação	_____
Sexo	_____	Tempo Permanência	_____
Morador ou turista	_____	Dias e Horários Visitação	_____
Atividades que realiza no Parque	_____		

Acesso

1. Qual sua opinião sobre o acesso ao Parque da Cidade? Que meio de locomoção utiliza?
2. (Caso de acesso por carro particular) Quais os inconvenientes do uso do transporte público ou não motorizado para acessar o parque?

Infraestrutura

3. Os serviços oferecidos no Parque da Cidade são suficientes e de qualidade aceitável para atendimento à demanda local e turística? Quais infraestruturas e serviços poderiam ser melhorados ou implantados para maior visibilidade como atrativo turístico beneficiando também a comunidade local?
4. Qual seria sua avaliação do Parque com relação à segurança?

Importância Cultural do Parque

5. Na sua opinião, qual importância do Parque da Cidade para a história e cultura de Brasília?
6. (Morador) Caso você recebesse uma visita de alguém, que não conhecesse Brasília, esse seria um dos pontos de turismo que você indicaria? Quais atividades você indicaria para fazer no parque?
7. (Turista) O que te motivou a visitar o Parque da Cidade em uma viagem à Brasília? Quais atividades se programou para fazer no Parque?

Questões Ambientais e Sociais

8. Você já participou ou ouviu dizer sobre programas de conscientização da importância da conservação ambiental no parque?
9. Você acha suficientes as informações quanto às maneiras apropriadas de uso do parque? (Quais são as restrições, posturas apropriadas, recomendações ambientais)
10. Como você se sente depois de passar algum tempo no parque?
11. Durante o seu período de uso do parque você interage socialmente com outras pessoas?
12. Se sentiria incomodado ou ameaçado de alguma forma pelo aumento de visitação de turistas ao Parque da Cidade?

Agradeço a sua colaboração e disposição em responder a essa pesquisa.

APÊNDICE B

Respostas das Entrevistas: Parque Dona Sarah Kubistchek – Parque da Cidade

Entrevistas realizadas nos dias 25/05/2019 (sábado), 28/05/2019 (terça-feira), 02/06/2019 (domingo) e 03/06/2019 (segunda).

Entrevista nº 01				
Idade		37	Frequência Visitação	Cada 2 meses
Sexo		FEM.	Tempo Permanência	Um período
MORADOR			Dias e Horários	Finais de semana a tarde
Cidade satélite: Taguatinga			Atividades: Piquenique, caminhada	
1	De carro.			
2	Qualquer outro meio seria difícil e inviável para mim.			
3	Poderia ser melhorado, espaços de estar, com quiosques de alimentação, feirinhas aos finais de semana. Poderiam ser feitas melhorias em todas as áreas. Principalmente manutenção de espaços que hoje estão abandonados e sem uso.			
4	Pouca segurança, principalmente à noite.			
5	É um parque urbano inserido no cento da cidade, oferece diversas atividades para a população local e as cidades satélites e se tornou um ponto de referência para a cidade.			
6	Sim. Conhecer o parque com uma boa caminhada, corrida ou ciclovias.			
7	-----			
8	Nunca participei e não conheço.			
9	Não acho suficiente			
10	Me sinto mais tranquila.			
11	Algumas vezes, não com frequência.			
12	Não! De forma alguma			

Entrevista nº 02			
Idade	38	Frequência Visitação	Duas vezes por semana
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	2 horas
MORADOR		Dias e Horários	Sábados e domingos pela manhã
Cidade Satélite: Lago Norte		Atividades: Caminhada / corrida	
1	Vou de carro		
2	Não iria de ônibus, seria dificultador.		
3	Do ponto de vista do lazer esportivo eu acredito que seja um bom parque. Acho que faltam edifícios culturais, como por exemplo existe no Ibirapuera em São Paulo. É um potencial a ser explorado. Também faltam pontos para alimentação que poderiam aumentar o movimento. Acho que ele tem mais papel de equipamento para a comunidade local que turístico.		
4	Durante o dia acho seguro, principalmente na área norte do parque próximo à administração, parque de diversões e lago que geralmente fica mais movimentado. Na área sul acho deserto e, as vezes inseguro, principalmente quando escurece.		
5	O parque faz parte do plano original, e construído na década de 70 faz parte da memória coletiva dos moradores com um dos principais espaços de recreação da cidade. Para mim é um espaço que frequento desde que cheguei em Brasília em 2004.		

6	Costumo receber parentes e amigos e os levo para conhecer Brasília. Temos muitos outros pontos turísticos e por isso, na maioria das vezes o parque da cidade não está na minha lista de lugares para visitar.
7	-----
8	Não conheço nenhum programa de conscientização ambiental no parque da cidade.
9	Também não conheço regras e posturas do parque. Se existem, não são divulgadas.
10	É um espaço ativo e social que, embora no coração da cidade, permite um contato mais direto com a natureza. É renovador fazer isso de vez em quando.
11	As vezes marco com amigos ou familiares de encontrar no parque. As vezes vou só. Quando vou sozinho por vezes encontro conhecidos, mas raramente converso com pessoas que não conheço.
12	Acho que o parque tem um potencial cultural, gastronômico e turístico inexplorado. Seria benéfico para a cidade.

Entrevista nº 03			
Idade	38	Frequência Visitação	Quinzenalmente
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	1 hora
MORADOR		Dias e Horários	Final de semana pela manhã
Bairro Sudoeste		Atividades: Passeio com o cachorro	
1	Venho de carro.		
2	Poderia até vir a pé, mas por causa do cachorro venho de carro.		
3	Apesar de ser um dos maiores parques do país é um parque com quantidade de opções perto do zero. Primeiro acho que precisava de um cuidado geral com relação ao urbanismo e paisagismo do parque. Essa parte do parque que estamos, por exemplo, é mais abandonada. O lado de lá (lado norte) tem mais estrutura e opções. Até tem atividades temporárias e sazonais nessas grandes áreas que são mais abandonadas do parque que dão uma reanimada nesses locais. Eu acho que o caminho é por aí sabe? Promover mais atividades no parque senão acaba ficando uma área grande e sem uso.		
4	Aqui é um lugar perigoso a noite. Vejo notícias de brigas de mendigos que acabam em homicídio então a segurança do parque durante o dia até que é boa, mas a noite é bem perigoso, um lugar só de passagem.		
5	Para minha geração que é uma das primeiras de Brasília, de quem nasceu e se criou aqui, o parque é símbolo. Todo mundo que é daqui conhece o frequentou o parque quando criança, o foguete, o castelinho, fazem parte da nossa história. É um lugar muito bom.		
6	Aí depende se a pessoa gosta. Se ela gosta de caminhar, de praticar esporte. Não adianta você levar alguém que é da vida noturna e que gosta de sair pra vir num parque. Mas de forma geral sim porque é um lugar bom, depende da pessoa, no meu perfil eu gostaria de conhecer.		
7	-----		
8	Já vi algumas atividades de multirão ou algo parecido, mas nunca me envolvi. Mas seu que ocorre as vezes.		
9	Acho que isso envolve muito o nível sociocultural de quem frequenta. Os espaços que sofrem menos vandalismo são as áreas que o pessoal que frequenta cuida mais. Tem lugares aqui que os banheiros são reformados pro pessoal estragar de novo. Então acho que depende mais de quem usa. O lado que tem mais gente e mais uso acaba sendo também mais bem cuidado que o outro (lado sul) que tem menos gente.		
10	Não altera muito meu dia. Não vai me fazer sentir melhor ou pior.		
11	Não. Venho com objetivo bem específico.		
12	Depende do tipo do turismo. Acho que trazer coisas maiores para o parque, como parques temáticos por exemplo, acabaria prejudicando não só quem usa o parque, mas também quem		

	mora aqui perto na asa sul e sudoeste. Não caberia esse tipo de turismo no Parque da Cidade, agora incentivo com relação a prática de esportes seria interessante.
--	--

Entrevista nº 04				
Idade		55	Frequência Visitação	Todos os domingos
Sexo		FEM.	Tempo Permanência	3 horas
MORADOR			Dias e Horários	Domingos pela manhã
Bairro Asa Norte			Trago meus cachorros, brinco com eles e converso com as pessoas	
1	Venho de carro. Quando tem algum evento que interdita as pistas como corridas, acaba atrapalhando para quem vem de carro, você precisa dar uma grande volta para entrar.			
2	Acho que tem paradas de ônibus perto daqui, mas nunca usei e não sei se tem ônibus ou linhas suficientes.			
3	Pelo espaço que eu uso posso dizer que mesmo sendo uma área que faz parte do parque não tem nenhuma estrutura de água ou banheiro. Bebedouro, banheiros, segurança. Aqui em Brasília também tem muitas pessoas que gostam de animais, por exemplo, se a estrutura daqui (área do parque para cachorros sem coleira) fosse melhor acho que atrairia mais pessoas que gostam de ver e brincar com os animais. E isso seria bom porque com mais pessoas dá mais segurança pra gente e pros animais.			
4	Eu nunca tive problema, mas nunca vi segurança aqui nessa área também. Você vê muita segurança do lado de lá (lado norte), mas pra cá não. A noite é perigoso.			
5	Nossa! Eu estava aqui na inauguração. Então o parque é uma referência para o país. É um lugar que atende desde criança ao idoso, tem a parte de alimentação e muitas outras coisas boas. É um lugar para preservar.			
6	Sim! Acho que todos deveriam conhecer o parque, é um lugar muito bonito. Ela pode fazer corrida, bicicleta, tirar fotos porque é muito bonito, dá pra fazer piquenique e churrasco. Um parque desse tamanho no centro de Brasília é igual ao Central Park em Nova Iorque. Por que as pessoas visitam? É prático, é rápido, está perto do centro e te proporciona uma outra visão de Brasília.			
7	-----			
8	Nunca vi.			
9	Não. As pessoas não são orientadas. Não tem placas e nem instruções.			
10	Nossa é a melhor coisa que tem. É o meu lazer, é gratuito e a gente vai conhecendo pessoas e tendo amizades.			
11	Gosto de interagir com todos os tipos de pessoas e fazer novas amizades.			
12	Pra lá (lado norte) pode ficar lotado, acho ótimo. Pra cá não! Prefiro que seja um uso mais local.			

Entrevista nº 05			
Idade	29	Frequência Visitação	Quase todas as semanas
Sexo	FEM.	Tempo Permanência	2 horas
MORADOR		Dias e Horários	Sábados ou domingos pela manhã
Bairro Asa Norte		Vir passar um tempo e trazer o cachorro.	
1	Eu venho sempre de carro.		
2	Pra você vir de outra forma acho bem complicado. O parque é gigante né, se você não vem de carro. Eu não sou daqui a primeira vez que eu vim fiquei pensando: Ué cadê o parque? A primeira coisa que você vê são as vias e os carros, achei que era um lugar de passagem.		
3	Acho que aqui tem vários lugares legais, mas não estão bem cuidados. A um tempo atrás precisei fazer um vídeo promocional para o trabalho e o primeiro lugar que nós pensamos foi no parque. Acabamos visitando várias áreas aqui e vendo o quanto algumas estão abandonadas e muitas vezes com lixo, vidro quebrado, um monte de coisas, a gente foi na beira do lago e tinha lixo, sujeira. Além da oferta de mais atividades tem que ter o cuidado com o que já existe. A praça das		

	fontes por exemplo é um lugar grande e poderia ser melhor aproveitado mas está sempre vazia e sem manutenção o que causa uma insegurança e medo de andar por lá, mas poderia ser um lugar turístico bonito e bem chamativo.
4	Cara, eu não viria aqui sozinha a noite de jeito nenhum. Até de dia se na hora que eu chego estou sozinha fico meio apreensiva, sabe?
5	Eu me mudei pra Brasília a 5 anos. O parque pra mim tem a mesma importância de outros lugares como o congresso, os palácios, ele tem o mesmo peso cultural na minha opinião.
6	A princípio não. A não ser que a pessoa quisesse praticar algum esporte ou vir passar um tempo comigo e com meu cachorro. Ou se a pessoa já viesse com a intenção de conhecer.
7	-----
8	Do tempo que eu frequento o parque nunca vi nenhum programa relacionado a conservação ou algo do tipo.
9	Acho que tem algumas informações, mas não parece suficiente. Acho até necessário pelo jeito que vejo as pessoas usando o espaço e deixando tudo sujo ou até quebrando as coisas.
10	Pra mim o parque é um escape emocional. É o lugar que venho pra relaxar e conhecer outras pessoas. É meu lazer mais importante.
11	Como não sou daqui o parque foi o lugar onde conheci outras pessoas, onde faço amizades e posso passar um tempo com pessoas que gostam tanto de cachorro quanto eu.
12	Acho que quanto mais pessoas no parque melhor. A capacidade de receber pessoas aqui é muito grande, acho que até traria mais investimentos e melhoraria os espaços pra mim e todos que também são daqui e usam o parque.

Entrevista nº 06			
Idade	83	Frequência Visitação	2 vezes (viagem de 15 dias)
Sexo	FEM.	Tempo Permanência	1 hora
TURISTA		Dias e Horários	Segunda e quarta pela manhã
Origem: Manaus		Atividades: Caminhada, contemplação e aparelhos de ginástica para 3ª idade	
1	Minha filha me trouxe de carro.		
2	-----		
3	Acho que é um lugar bem bonito de andar e visitar. Gostei de caminhar e ver o lago. Acho que podia ter mais lugares para sentar e poder observar a paisagem com calma.		
4	Não me senti insegura aqui. É bem movimentado com pessoas de todo tipo fazendo exercício e passeando.		
5	Eu não conhecia Brasília. E você acha que é um lugar sério e sem pessoas. Ai você chega no parque e vê como é o dia a dia da cidade, como é a vida aqui e se sente num lugar totalmente diferente do que tinha imaginado. É como se você pudesse sentir a cidade além dos monumentos.		
6	-----		
7	Vim conhecer porque minha filha me indicou. Gostei tanto da primeira vez que viemos hoje de novo. É um lugar bom de ficar.		
8	-----		
9	Vi algumas indicações sim, mas acho que isso é também a educação que você traz de casa.		
10	Nossa! Muito bem! Poder passar um tempo fazendo exercícios, com minha família, até de ver os patinhos você se sente melhor.		
11	Vim para passar um tempo com minha filha e netos e acho que é um lugar ótimo pra isso.		
12	-----		

Entrevista nº 07			
Idade	34	Frequência Visitação	2 vezes por semana

Sexo	FEM.	Tempo Permanência	1 hora e meia
MORADOR		Dias e Horários	Sábados e domingos (manhã ou tarde)
Bairro Sudoeste		Atividades:	Corrida
1	A pé ou de carro.		
2	Pelo lugar que eu moro meu acesso ao parque a pé é super simples. Se você morar mais longe não sei exatamente onde o ônibus para.		
3	Não é suficiente. Os banheiros não têm manutenção e falta segurança também. Tem áreas sem iluminação. Poderia ter mais restaurantes e até espaços para festas a noite.		
4	Alguns lugares têm mais segurança sim. Mas se você vai correr a volta de 10km, por exemplo, passa por lugares que não tem ninguém e se sente menos segura.		
5	Moro a 10 anos aqui e pra quem vive no centro em apartamento o parque é o seu lugar para respirar e recuperar as energias. Sei que tem coisas importantes como os painéis de Athos Bulcão, por exemplo, e outros espaços que ficam sem uso mas que parecem ter sido projetados para um outro efeito. Acho que essas paisagens seriam mais visitadas se fossem vistas como marcos mesmo.		
6	Sim e inclusive já levei pessoas de outras cidades para conhecer o parque para fazer um programa de caminhada mesmo e apreciar a paisagem.		
7	-----		
8	Sim. Tem uma escola parque que acredito que faz esse tipo de trabalho de conscientização e conservação ambiental. Inclusive meu marido já fez curso com eles há muito tempo atrás.		
9	Tem algumas coisas que melhoram o uso no parque. Recentemente eles separaram a pista de caminhada e corrida da de pessoas em bicicletas e patins. Hoje em dia está na moda aqueles patinetes elétricos, por exemplo. Já ouvi falar de muitos acidentes com eles e como ainda não há nada regulamentado sobre o assunto você nota também uma confusão de uso do espaço aqui no parque.		
10	Tranquila. Amo esse parque.		
11	Às vezes. Quando estou comendo uma melancia.		
12	Claro que não. Acredito que o parque esteja ali para que todos façam bom uso e tirem bom proveito dele. Ele é maravilhoso, principalmente na época da floração dos Ipês.		

Entrevista nº 08			
Idade	42	Frequência Visitação	2 vezes por mês
Sexo	FEM.	Tempo Permanência	O dia todo
MORADOR		Dias e Horários	Finais de semana
Cidade Satélite: Samambaia		Atividades:	Assar carne, deitar na rede, piquenique, relaxar.
1	Venho de carro.		
2	Acho que é até fácil vir pra cá de ônibus.		
3	Pra mim é ótimo poder vir e ter churrasqueiras e lugar pra rede com bastante sombra. Acho que poderia ter mais brinquedos e banheiros porque você vem com um grupo ou família e precisa ter atividade para todos né.		
4	Pra mim é ótima. Eu saio as vezes 7 e pouco daqui e é bem tranquilo.		
5	Por assim, as pessoas de fora têm uma visão de Brasília, não geral né, mas tem uma visão que não é a realidade. Eu moro aqui a 16 anos e quando eu não morava aqui pensava que Brasília só morava ladrão, porque essa é a opinião, mas eu morando aqui vejo que é completamente diferente, eu amo parece que eu nasci aqui. Fora a forma que eles acolhem a gente e aqui (parque) é nota dez. Comparando com a cidade também o parque também é assim, acolhedor.		
6	O parque sim! Por ser próximo e com certeza a pessoa ia amar. Ela poderia vir e relaxar.		
7	-----		

8	Posso ter visto e passou despercebido. Mas acho que não.
9	Acho que não é suficiente. Por exemplo você vem para fazer um churrasco e não sabe como usar, como você tem que deixar ou onde jogar o lixo. Ai cada um faz do jeito que acha que deve né, ou não faz.
10	Me sinto feliz, acolhida e relaxada para a semana.
11	Eu tenho vontade de conhecer outras pessoas. O clima é legal, mas fico com vergonha.
12	Não. Pra mim o novo, as pessoas, sempre é bom. Estar próximo de outras pessoas é bom. Seria até melhor pra gente né, porque se vem turista tem dinheiro.

Entrevista nº 09			
Idade	43	Frequência Visitação	Raramente
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	3 a 4 horas.
MORADOR		Dias e Horários	Aos finais de semana
Cidade Satélite: Sobradinho		Atividades: Piquenique ou churrasco com a família.	
1	Venho de carro e é fácil de estacionar.		
2	Se você vier de transporte público acredito que teria um pouco mais de dificuldade. A não ser que você more perto.		
3	Pra atividade do parque que é mais do esporte ou passar um tempo em família atende sim. Eu tenho visto que tem ocorrido muitos eventos aqui no parque, ali no centro de exposições, ou como está ocorrendo hoje (Brasília Fun Festival), então até para essas estruturas eventuais acredito que tenha capacidade pra muita gente e atende a vários usos. Particularmente acho que tem coisas que podem ser melhoradas para fazer as atividades que já existem, por exemplo, eu venho assar uma carne e não tem uma pia ou lugar para lavar as coisas. O banheiro está cheio e é muito longe. São coisas que até ajudariam para ter mais gente com melhor qualidade.		
4	Mesmo desse lado (lado sul) tendo menos policiamento em dias como hoje (domingo) que é bem movimentado não tem nenhum problema e você não se sente inseguro em nenhum momento.		
5	A existência do parque e manutenção é fundamental. Para a função turística, pra quem tá visitando Brasília, para a qualidade de vida do morador daqui. Aos moldes de outras cidades acho que vale muito a pena manter e melhorar o que a gente tem no parque. O parque é excelente, é grande, é um lugar bonito e deve ser priorizado.		
6	Olha é um local que sempre indico pra pessoa dar uma caminhada, conhecer e ter uma ideia da capital. Então é um ponto que eu indico.		
7	-----		
8	As vezes que eu estive aqui não. Como falei não sou muito assíduo, mas nas vezes que estive não vi nada.		
9	Eu não diria que em algum momento chega a ser suficiente. Acho que são coisas que tem que ser bastante trabalhadas sempre. A gente vê lixo sendo colocado de maneira inadequada, o que não precisaria porque tem uma lixeira próxima, material de uso público muitas vezes sendo danificado pelo pessoal, mal utilizado. Então é uma conscientização que tem que ser continua e constante para melhorar hoje e cada vez mais		
10	Me sinto bem. É um momento de lazer e para estar com outras pessoas e descontraír.		
11	Geralmente venho já combinado com famílias e amigos. Venho pra cá pra me reunir e estar com outras pessoas		
12	Não. Acho até que o parque teria essa finalidade. Integrar a população de Brasília e o visitante, muito melhor que um shopping ou nos monumentos no centro. Aqui é o lugar ideal para conhecer a vida da cidade e integrar.		

Entrevista nº 10			
Idade	37	Frequência Visitação	1 vez por semana

Sexo	MASC.	Tempo Permanência	2 a 3 horas
MORADOR		Dias e Horários	Aos domingos
Cidade Satélite: Sobradinho		Atividades: Passar um tempo em família, trazer as crianças	
1	Pra mim aqui é muito fácil de chegar de carro.		
2	Aqui também é bem no centro de Brasília, mas dependendo de onde você vem fica difícil. Você não viria de uma satélite de bicicleta ou algo assim também.		
3	Pra mim seria importante que tivesse mais parques infantis e que os que tem também fossem melhores e com mais manutenção. Acho que chamaria mais pessoas também ter mais divulgação dos eventos que ocorrem aqui, muitas vezes você nem fica sabendo do que está acontecendo, isso chamaria mais pessoas.		
4	Depende do lugar e do dia que você vem no parque. Se você vem com a família acaba procurando estar num lugar mais movimentado e com policiamento.		
5	O parque faz parte da história e cultura de Brasília né. É um espaço aberto e público que você pode vir e se divertir, usufruir aqui da natureza. Acho muito importante.		
6	Com certeza traria sim, para prática de esportes e para aproveitar a natureza bem no meio do centro urbano, isso que acho mais legal.		
7	-----		
8	Não. Acho que poderia ter mais.		
9	Eu até gostaria de ser informado sobre isso. A utilização das churrasqueiras e do espaço de forma geral porque nunca recebi nenhuma informação.		
10	É bem gratificante, me sinto bem relaxado. Começar a semana bem.		
11	Eu venho pra dar atenção a família mesmo. A família é grande então todo tempo que estou aqui é com eles.		
12	Não, não. Contanto que mantivessem o parque como ele é, não estragasse, eu não acharia ruim não.		

Entrevista nº 11				
Idade		38	Frequência Visitação	1 a 2 vezes na semana
Sexo		FEM.	Tempo Permanência	1 e 2 horas
MORADOR			Dias e Horários	Durante a semana ou finais de semana sempre pela manhã
Bairro Sudoeste			Atividades: Corrida e andar de bicicleta	
1	De carro.			
2	Se precisasse vir de bicicleta poderia vir sem problema. Para quem vem de longe é mais difícil.			
3	Para quem vai ao parque para praticar esporte a estrutura e os serviços são ótimos. As vezes eu levo meus filhos e nesse caso não acho que os serviços e atividades de parques infantis sejam suficientes. É um local muito movimentado, muitos pontos de interesse, uso bem democrático para várias faixas etárias, classes sociais então o incentivo turístico beneficia muito ao local.			
4	Tem locais e períodos no parque que sinto medo de frequentar. De manhã muito cedo ou a noite para correr tem uns lugares que ficam bem isolados e quase não se vê polícia, você acaba passando por uns mendigos por ali e estando sozinha fico com medo.			
5	Faz parte da cultura da cidade. Das atividades ao ar livre em Brasília, mesmo comparando com as atividades na orla do lago Paranoá acho que o parque ainda é o mais utilizado. Eu sou nascida e criada aqui e frequento o parque desde o Castelinho, o foguete, e continuo frequentando até hoje, então acho que isso é a cultura da cidade sim.			
6	Sim, eu indico o parque. Acho que tem uns lugares bem legais para contemplar a natureza. Podia ser bem melhorado, porque na minha época tinha o pedalinho que podia ser usado como atrativo, mas ainda assim continua sendo um lugar legal de visitar.			
7	-----			

8	Não, nem ouvi disser.
9	As informações não são tão claras nem muito divulgadas. Eu falo isso porque eu uso a pista de corrida e a pista de bicicleta e as pessoas não conseguem respeitar nem o desenho que está pintado no chão se é pra andar de bicicleta ou caminhar, então confunde e eu já vi vários acidentes quase acontecendo por isso: falta de esclarecimento, informação e conscientização.
10	Me sinto bem. Principalmente porque eu pratico atividade física então a própria atividade já te dá uma sensação de bem-estar então somado ao local que é um espaço agradável, que você encontra pessoas praticando atividade, movimentado, vários grupos e atividades sendo desenvolvidas então isso é motivador.
11	Não geralmente eu vou com um grupo específico de amigos do trabalho.
12	De forma alguma. Acho que em outras cidades do mundo alguns parques são bem conhecidos como pontos turísticos que todo mundo visita e frequenta e isso faz com que o parque seja sempre movimentado, que seja um ambiente seguro já que tem mais gente, bem cuidado, então eu acho que é positivo. Outro dia eu vi um grupo fazendo terapia aqui então isso que é legal a diversidade de muitas tribos.

Entrevista nº 12			
Idade	30	Frequência Visitação	Todos os dias exceto domingo
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	De 4 a 5 horas
MORADOR		Dias e Horários	Sempre pela manhã
Cidade Satélite Taguatinga		Atividades: Treinamento de vôlei de praia	
1	Eu venho de carro.		
2	Na verdade, tem muito tempo que não ando de ônibus então não sei como está pra vir pra cá. Talvez até seja tranquilo porque tem uma parada de ônibus aqui perto, mas não sei como é a quantidade no final de semana e se vem das satélites.		
3	Sim. Eu só acho que poderiam aumentar a quantidade de banheiros no parque porque durante o final de semana fica lotado. Durante a semana até que não mas nos finais de semana fica difícil de usar. Eu creio que o parque da cidade tem a cara de Brasília né, eu penso que nada mais que a identidade de Brasília o parque hoje então assim lógico que poderia ter mais coisas mais restaurantes e coisas assim para deixar o público dentro do próprio parque, mas eu acho que o parque tem a cara de Brasília.		
4	Para os horários que eu venho e por esse lado (Lado norte) ser mais movimentado vejo mais policiamento, polícia montada, então é tranquilo.		
5	Como falei o parque representa muito o que é Brasília.		
6	Com certeza. Na verdade, assim, eu venho muito no parque pra ir nesse local aqui (quadras de areia) porque eu uso como meio de treinamento, mas assim o resto do parque tem muitos lugares bonitos então com certeza traria pra mostrar sim.		
7	-----		
8	Não que eu lembre.		
9	Eu acho que poderia ter mais, mas de uma certa maneira eu vejo o público até como bem-educado, sabe? São poucas as pessoas que saem do padrão e que jogam lixo fora da lixeira mesmo assim poderia ter mais informação.		
10	Me sinto bem. Na verdade, o parque é parte da minha rotina então é como viver no clima de Brasília sempre.		
11	As pessoas que convivo aqui já são do meu meio a muito tempo. Interajo com elas mas fora isso não.		
12	Eu acho que o parque ele é muito grande então se aumentasse a quantidade de turista ele suportaria bem. Voltando a pergunta que você fez lá atrás eu acho que eles podiam até voltar mais o esporte para o parque. A estrutura voltada pro esporte aqui ainda é pequena, então talvez isso		

	seja a principal fonte de receber pessoas porque o pessoal vem pra cá fazer uma caminha, jogar vôlei, futevôlei, então acho que essa estrutura no geral poderia melhorar, com relação a fazer mais quadras, arborizar mais, então se tivesse uma movimentação do governo para fazer isso o parque seria muito mais movimentado.
--	---

Entrevista nº 13			
Idade	32	Frequência Visitação	Dias úteis
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	1 hora
MORADOR		Dias e Horários	Durante a semana no almoço
Cidade Satélite: Samambaia		Atividades: Passeio para passar o tempo no intervalo do trabalho	
1	Vim de metrô e ônibus.		
2	Quando você vem de transporte público das satélites é difícil porque não passa ônibus aqui dentro e fica longe da rodoviária.		
3	Sabe que em outros parques você tem mais opções além da caminhada e dos esportes. Se você tivesse mais manutenção em algumas áreas aqui você poderia vir e tirar fotos e realmente ser um cartão postal. Tem épocas do ano que fica tão seco e quente e os comércios aqui dentro parecem meio informais acho que pode ser melhorado para ter o glamour que o turista busca, sabe? Sentar num café na beira do lago ter uma vista bonita e um atendimento legal. Realmente ser um lugar para você sentar e aproveitar passando um tempo e melhor ainda consumindo.		
4	O parque é muito grande. Pode ser até que em termos de quantidade tenha muito policiamento, mas acho que acaba sendo espalhado e tem áreas mais desertas do que outras. Não é um espaço que tem atividade a cada passo. São grandes áreas abertas que em alguns horários ficam vazias mesmo. Não indicaria você vir aqui a noite fora do centro (lado norte), por exemplo.		
5	O parque chega a ser nostálgico. A felicidade quando pequeno era juntar os irmão e primos e fazer um piquenique no parque e brincar no foguete. Acho que os espaços merecem ser renovados pra nova geração também crescer com essa experiência. É o que faz de você brasileiro.		
6	Se for uma pessoa com mesmo hábito que eu de estar na natureza e aproveitar o ar livre e paisagem sim. Tem gente que é mais chata e não gosta muito de passeios assim. Depende também da quantidade de tempo que ela vai passar né, se você vai passar uns 2 dias talvez nem dê pra conhecer tudo ali no monumental, por exemplo, que são pontos que as pessoas já vem querendo conhecer né.		
7	-----		
8	Nunca vi. As vezes vejo escoteiros e grupos escolares que parecem estar catando lixo ou tendo aula sobre isso, mas pra quem usa o parque nunca vi.		
9	É quase como se você já tivesse que saber essas coisas né. Tem pessoas que mesmo com placas e informações visuais fazem errado mesmo assim. Poderia ter coisas que motivassem mais, mas no fundo acho que depende de quem usa.		
10	Ah eu venho aqui quase todos os dias no intervalo do trabalho então é um momento pra relaxar e recarregar as energias, estar na natureza.		
11	Não, aproveito para tirar um tempo pra mim, ou ver o celular.		
12	Não, acho até que seria legal porque teria mais opções pra gente também pra passear e passar um tempo. Vejo mais turistas aqui nesses eventos no pavilhão de exposição. Você quer que a pessoa venha e conheça uma cidade bonita e agradável. Queria que fosse melhor e tivesse mais atividades pra que o pessoal daqui também sentisse orgulho da cidade e cuidasse mais.		

Entrevista nº 14			
Idade	46	Frequência Visitação	Visita única
Sexo	FEM.	Tempo Permanência	2 horas e meia
TURISTA		Dias e Horários	Domingo pela manhã

Origem: Curitiba		Atividades: Voltas de bike e almoço no local
1	De carro alugado.	
2	Achei difícil me localizar em relação a entrada correta para encontrar com uns amigos daqui. Poderia ter vindo de Uber também.	
3	Com certeza a diagramação visual precisa ser melhorada, bem como a qualidade da infraestrutura, por exemplo, os sanitários estão em péssimas condições de uso, não há elementos voltados à acessibilidade, além disto tive dificuldade de encontrar uma lixeira para descarte de reciclável. Observei que são vários e diferentes acessos, mas não estão sinalizados de forma clara, tem falta de quiosques ou pontos de informação para turista, o que prejudicou a compreensão do parque como um todo e o reconhecimento de seus principais atrativos.	
4	Não vi nenhuma segurança no local, sequer um guarda local.	
5	-----	
6	-----	
7	Fiquei interessada por ser arquiteta e ser um projeto do Oscar Niemeyer, com paisagismo do Burle Marx, em área urbanística desenvolvida pelo Lúcio Costa.	
8	-----	
9	Não te falei, não encontrei nenhum ponto com informações direcionadas aos turistas ou alguma fiscalização ou ação preventiva quanto ao cumprimento das restrições estabelecidas para o uso de cada pista, então vi várias pessoas circulando de patinete, skate e roller em trechos destinados exclusivamente à caminhada e corrida, colocando em risco essas pessoas	
10	Gosto bastante de frequentar parques, mas devo dizer que minhas expectativas em relação a este parque, em específico, eram maiores.	
11	Sim, tinham diferentes grupos de práticas desportivas e pude participar de uma aula de yoga no local.	
12	-----	

Entrevista nº 15				
Idade		59	Frequência Visitação	3 vezes na semana
Sexo		FEM.	Tempo Permanência	1 hora e meia
MORADOR		Dias e Horários		Segunda, sábado e domingo pela manhã
Bairro Asa Sul		Atividades: Caminhada nos finais de semana e na segunda uma ginástica terapêutica que chama Lian Gong		
1	Normalmente de carro durante a semana e no fim de semana as vezes a pé se quero incluir a caminhada como parte do exercício.			
2	Se a pessoa vem de ônibus e fica na W3 não é difícil não, mas já é um esforço um pouco maior.			
3	Eu acho que o parque hoje de maneira geral a infraestrutura de apoio, tipo banheiros está precisando ser renovada.			
4	Apesar da imprensa noticiar casos de espancamento, morte aqui dentro na minha experiência particular eu nunca tive problema nesses anos que eu frequento o parque.			
5	Eu acho que tem relação demais! Assim, porque o parque faz parte da geração que cresceu em Brasília, brincou (...) eu fui no parquinho, fui no carnaval no parquinho, e depois comecei a frequentar a parte de esporte. Eu acho que tudo isso é a referência de lazer para quem cresceu aqui no Plano Piloto			
6	Ah! Com certeza, levaria! E seria para caminhar com certeza.			
7	-----			
8	Sei que tem uma coisa que chama Escola do Meio Ambiente, mas nunca vi nenhuma atividade deles.			
9	Essas instruções geralmente são uma série de “nãos”. “Não isso... Não aquilo... Não aquilo outro”. Então eu acho que isso não é a conscientização ambiental é só uma restrição. Perto da			

	administração um tempo tinha uma coleção de pôsteres bem interessantes com umas frases motivacionais, que também não é exatamente conscientização ambiental, mas pelo menos te despertava para o sentido do uso do parque, pra importância do parque de uma forma bem-humorada. De todos esses anos isso é algo que me lembro como algo bacana.
10	Ah eu adoro! É meu pacotinho de verde!
11	Particularmente sim, porque eu quando estou na ginástica é um momento para encontrar com conhecidos e colegas.
12	Não, o parque é muito grande e cabem todas as tribos. Sinceramente teria que ser um uso muito intenso assim eventos: muitos eventos acontecendo ao mesmo tempo para conseguir lotar o parque.

Entrevista nº 16			
Idade	23	Frequência Visitação	Finais de semana
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	9 horas
MORADOR		Dias e Horários	Sábados e domingos a tarde ou a noite
Cidade Satélite: Sobradinho		Atividades: Trabalho no festival como bartender	
1	Venho geralmente de carro particular ou Uber.		
2	Vir de ônibus seria sim um dificultador a linha de ônibus que tem para o parque é escassa e as paradas não na W3 ou monumental que não ficam perto desse lado (lado sul).		
3	Poderiam ter alguns locais a mais para estacionamento para o grande público que vem para o festival nesses momentos a quantidade de vagas nos estacionamentos próximo é pouca e o carro acaba sendo uma das únicas opções para vir. Acredito que melhorar locais como restaurantes fixos no parque e estrutura para os vendedores individuais que atendem aqui seria bom para os turistas e para as pessoas que fazem atividades no parque.		
4	É pouco seguro, no momento em que retorno do evento não tem monitoramento ou policiamento nos estacionamentos.		
5	O parque já foi e continua sendo um espaço para grandes shows e festivais que impulsionam a visibilidade cultural aqui na capital despolarizando o foco nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, pra galera mais jovem de Brasília isso é muito bacana. Além de ser sede do parque de diversões que foi referência na minha infância e da maioria das pessoas daqui.		
6	Talvez sim, levaria na lagoa das garças, praça das fontes e bosque do estacionamento 4		
7	-----		
8	Nunca ouvi.		
9	Acredito que sim.		
10	Me sinto tranquilo, o clima é fresco e agradável.		
11	Algumas vezes sim		
12	Não. Pra mim é ótimo o movimento de pessoas tanto daqui quanto de fora. Gosto de conhecer muita gente.		

Entrevista nº 17				
Idade		33	Frequência Visitação	Mensal
Sexo		FEM.	Tempo Permanência	De 1 a 3 horas
MORADOR			Dias e Horários	Sábados ou domingos
Cidade Satélite: Sobradinho			Atividades: Eventos, piquenique com a família ou caminhada	
1	Sempre venho de carro.			
2	Nunca pensei em vir de ônibus porque seria difícil e muito menos de bicicleta, mas seria legal trazer uma bicicleta para dar uma volta no parque.			
3	Acho que tem que melhorar muito. Sempre que eu venho ou os banheiros estão fechados ou muito sujos. No geral se fosse fazer uma avaliação, como não sou frequente não posso falar muito, mas			

	se fosse fazer acho que as atividades aqui ficariam no bom. Geralmente as atrações que têm no parque, e que eu vou, são feitas por empresas ou instituições particulares. As promovidas pelo GDF (Governo do Distrito Federal) são muito cheias e movimentadas e como sempre trago minha filha eu procuro eventos um pouquinho mais tranquilos. A gente sempre vem em atrações organizadas por ONG's, igrejas... agora as atrações pelo governo a gente não vem muito porque realmente é muita gente e como a segurança não é tanta eu prefiro não participar de atrações muito grandes. Também tem o Nicolândia Parque que fica aqui e que é um atrativo turístico e eu gosto muito dele também.
4	Teve uma época em 2009 que eu sei que era uma outra empresa de segurança, que era a Brasília segurança, eu sentia muito mais segurança aqui no parque porque qualquer lugar que você andava tinha um segurança, tinha um carro também que era apelidado de joaninha que ficava andando pelo parque então assim, acho que tinha uma segurança maior. Hoje não penso de forma alguma de frequentar o parque a noite, principalmente por causa das reportagens que sempre vejo na televisão. Então a segurança é algo que tem que melhorar mais. Já foi bom, hoje não é tanto.
5	Eu creio que o parque tem uma importância muito grande por ter um contexto histórico, por ser um ponto turístico. Eu acho que tendo atrações pra mais faixas etárias, mais segurança, tudo isso faz o parque ficar inda melhor, atrair mais turistas e até mesmo me atrair.
6	Com certeza seria um lugar que eu traria para visitar. Ele é um dos cartões postais de Brasília e ele deve ser sim apresentado pra quem é de fora. Indicaria o Nicolândia, as áreas verdes, dar uma volta caminhando e se tivesse junto ia programar pra fazer um piquenique ou coisa assim porque realmente não tem muitas coisas pra se fazer no parque.
7	-----
8	Sim. Nunca participei, mas já ouvi dizer. Já vi palestras, já vi campanhas na TV, sempre ouvi, mas nunca participei.
9	Não são suficientes, tanto as informações quanto acho que realmente precisa estar bem visual, uma faixa, uma placa, ou até mesmo o pessoal da vigilância tem que estar sempre no pé dos frequentadores porque as vezes também só de falar, só de boca, não tá adiantando muita coisa.
10	Eu me sinto bem, me sinto feliz, alegre, calma. Porque o parque, mesmo não tendo atrações, só o fato de ser uma área verde, um lugar aberto já é gratificante. Sempre que venho me sinto bem.
11	Sim. Com o grupo que eu vou passear, quando é um evento de alguma organização eu converso também com pessoas que eu não conheço, mas sei que estamos ali no mesmo local e participando do mesmo evento então fica bem mais fácil.
12	Não. Eu acredito que quanto mais turistas no parque maior seria até mesmo a visitação de quem mora aqui em Brasília também, porque se está atraindo os turistas alguma coisa de diferente está tendo. Só acho que realmente pra isso acontecer o parque precisa de algo a mais. Infelizmente não consigo te dizer o que é esse "algo a mais", principalmente para aumentar as visitas que de nenhuma forma me incomodam. Só não me sinto a vontade em eventos com muita gente.

Entrevista nº 18

Idade	27	Frequência Visitação	Duas vezes ao ano
Sexo	FEM.	Tempo Permanência	4 a 5 horas
MORADOR		Dias e Horários	Finais de Semana
Cidade Satélite: Sobradinho	Atividades: Utilização do galpão de exposições e piqueniques com amigos.		
1	Geralmente de carro		
2	Quando mais jovem ia andando da parada de ônibus do Pátio Brasil Shopping (Via W3) até o parque.		
3	Não são suficientes. O circuito para corrida e calçada para pedestres, bebedouros e banheiros, e o parquinho se encontram todos em péssimas condições. Poderia se criar um redário, ou um cais ao redor do lago ou ainda um pátio coberto para realização de shows e outras atividades.		

	Brasília não é uma cidade tão atrativa quanto algumas outras no resto do país. Não possuímos, por exemplo, uma praia ou cidades históricas. Acredito que investir em uma boa infraestrutura no parque o faria um dos cartões postais da cidade.
4	Péssima, o lugar é terra sem lei. Sobre tudo, se você permanece a noite.
5	Não sei a relação do parque com a história e cultura de Brasília. Mas, acredito que ele tenha se preservado por proporcionar a cidade uma nova percepção do centro urbano.
6	Não, não indicaria.
7	-----
8	Não.
9	Nunca ouvi falar das posturas apropriadas ao uso do parque.
10	Descansada e desestressada.
11	Geralmente não.
12	Não, acredito que quanto mais pessoas circulando menos possibilidade de assaltos e outras coisas.

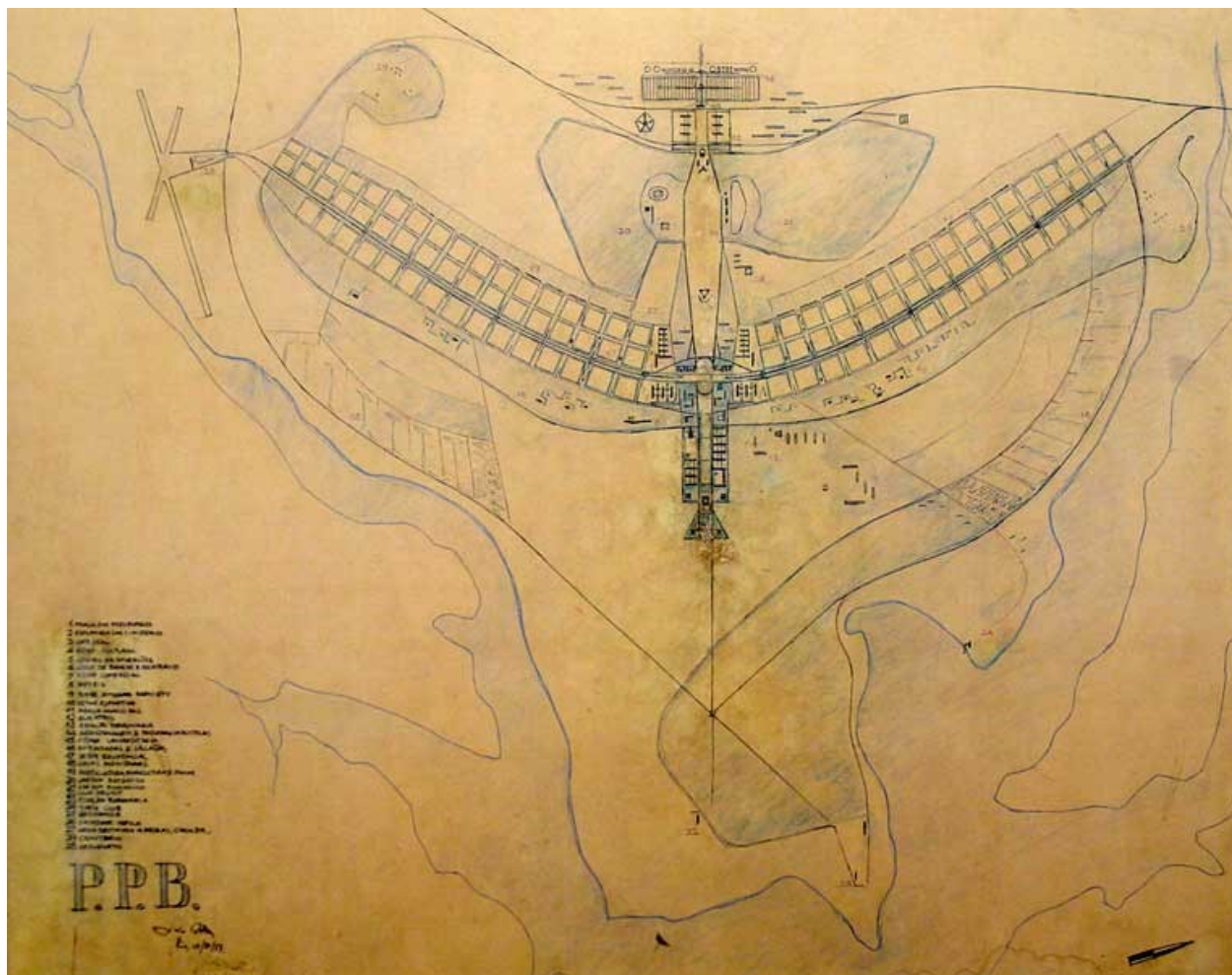
Entrevista nº 19			
Idade	58	Frequência Visitação	Semanal
Sexo	MASC.	Tempo Permanência	2 horas
MORADOR		Dias e Horários	Domingo pela manhã
Bairro: Octogonal		Atividades: Corrida e Bike	
1	De carro, de bike ou de Uber.		
2	Pra quem mora perto como eu não tem nenhum dificultador de acesso.		
3	A infraestrutura é muito boa. Poderia ser melhorado com a implantação de centros de artes e escolas de práticas de canto. Essas coisas a acrescentar só ajudaria quem mora aqui.		
4	Acho boa. Frequento com tranquilidade.		
5	Muito importante. Assim como os lugares que você visita no monumental.		
6	Sim, indicaria e iria sugerir fazer uma caminhada.		
7	-----		
8	Sim, ouvi dizer, mas não participei.		
9	Acho que as informações são apropriadas e tem orientação ambiental		
10	Fico satisfeito com a prática do esporte e com a visita.		
11	Sim, às vezes.		
12	Não. Acho que no parque é difícil se sentir assim porque é bem espaçoso. Gosto de correr e nesses eventos sempre tem pessoas de fora, então é um lugar bonito e agradável para esses momentos.		

Entrevista nº 20				
Idade		61	Frequência Visitação	Quase todos os dias
Sexo		MASC.	Tempo Permanência	2 a 3 horas
MORADOR			Dias e Horários	Segunda a domingo pela manhã
Bairro: Asa Sul			Atividades: Caminhada, passeio com cachorro	
1	De carro.			
2	Prefiro vir de carro e já emendar em outros compromissos depois.			
3	Acho que pra quem vem caminhar, correr ou passar um tempo é bom, pra quem é daqui. Talvez pra um turista se tivesse outras atividades de passeio no lago ou até lugares para tirar fotos com objetos de arte ou representativos de Brasília chamaria mais a atenção.			
4	No horário que eu venho acho boa. Vejo seguranças do parque e a polícia montada também.			

5	Entender o parque também é entender Brasília. É um lugar que você precisa conhecer para perceber a cultura daqui. Apesar de não ter muito para fazer ou fotografar se você não quer fazer só um turismo raso é um lugar que precisa conhecer.
6	Sim. Algumas vezes recebo parentes de fora e no domingo já combinamos pra vir dar uma volta.
7	-----
8	Não. Nunca fiquei sabendo de algo do tipo.
9	Não sei se a postura das pessoas mudaria tendo ou não a informação. As vezes a pessoa joga o lixo do lado de uma lixeira. Tem que ter o entendimento do que está causando.
10	Venho quase todos os dias aqui. É um lugar para pensar e passar um tempo. Me traz tranquilidade
11	Sim, as vezes até com a moça do coco ou algum conhecido de caminhada
12	De jeito nenhum. Visto parques em outras cidades como turista e mesmo com maior movimento que o daqui não me sinto incomodado, acho que aqui também não sentiria.

ANEXO A

Plano Piloto de Brasília – Projeto por Lúcio Costa



Fonte da Imagem: <https://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/>

ANEXO B

Projeto original para o Parque Dona Sarah Kubistchek



Fonte: Plano de Uso e Ocupação do Parque da Cidade: <http://www.seduh.df.gov.br/>